Dissertação

O Primeiro Inventário de Bens da Catedral de Mariana

1749-1753:

Edição e Glossário Terminológico

2019

Mirro Sant'Anna

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

MARCUS VINÍCIUS PEREIRA DAS DORES

O *PRIMEIRO INVENTÁRIO DE BENS DA CATEDRAL DE MARIANA* (1749-1753): EDIÇÃO E GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO

Belo Horizonte
2019

MARCUS VINÍCIUS PEREIRA DAS DORES

O *PRIMEIRO INVENTÁRIO DE BENS DA CATEDRAL DE MARIANA* (1749-1753): EDIÇÃO E GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Aléxia Teles Duchowny.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras
2019

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

D695p

Dores, Marcus Vinícius Pereira das.

O *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* (1749-1753) [manuscrito] : edição e glossário terminológico / Marcus Vinícius Pereira das Dores. – 2018.

172 f., enc. : il., color.

Orientadora: Aléxia Teles Duchowny.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 153-159.

Anexos: f. 160.

1. Linguística histórica – Teses. 2. Manuscritos brasileiros – Sec. XVIII – Teses. 3. Filologia brasileira – Teses. 4. Paleografia brasileira – Teses. 5. Crítica textual – Teses. 6. Língua portuguesa – Variação – Teses. I. Duchowny, Aléxia Teles. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 410

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

O "Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana" (1749-1753): edição e glossário terminológico

MARCUS VINICIUS PEREIRA DAS DORES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Alexia Teles Duchowny - Orientadora
UFMG

Prof(a). Maria Candida Trindade Costa de Seabra
UFMG

Prof(a). Ilma Magalhaes Alkimim

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2019.

A todos que não tiveram as
mesmas oportunidades que eu tive.

AGRADECIMENTOS

Em meu percurso acadêmico, sempre tive apoio e carinho de tanta gente, que não conseguiria colocar, em tão pouco espaço, os devidos agradecimentos a essas pessoas. Contudo, após todo esse labor com empoeirados manuscritos antigos e após a escrita desta dissertação, não poderia deixar de registrar a minha gratidão a algumas pessoas e instituições. Escrevo, pois, esses agradecimentos com a consciência de que as palavras são demasiado limitadas e pobres para expressar os meus sentimentos de gratidão.

O meu carinho maior a toda a minha família: mãe, pai, irmãos, cunhadas e sobrinhos.

Meus sinceros agradecimentos à Aléxia, professora e orientadora querida. Obrigado por ter aceitado me orientar, por me apoiar e por me encorajar a buscar as minhas aspirações: “Vá, faça! O máximo que pode acontecer é continuar tudo como já está”. Nossa parceria deu muito certo. Espero, sinceramente, que continuemos trabalhando para mantê-la.

Agradeço também...

- À Soélis, professora, ex-orientadora e amiga, que me iniciou na área dos estudos diacrônicos e que me fez apaixonar pelo terreno papíreo em que o filólogo e o crítico textual buscam alimento para seu ofício.

- À querida Professora Maria Cândida, pelo parecer emitido ao meu projeto definitivo, pelas experiências trocadas nas disciplinas e em outros espaços e por ter aceitado fazer parte da banca de avaliação desta dissertação.

- Aos outros membros da banca, Professora Ilma e Professor Thiago, por também aceitarem ler e a avaliar este trabalho.

- Às queridas amigas Professoras Daniela Oliveira, Ana Paula Rocha e Ivanete Bernardino, pelas colaborações com o meu pré-projeto.

- Ao Professor Wagner Teixeira, pela leitura crítica da parte histórica deste trabalho; à Professora Liliane Barreiros, por algumas considerações pontuais e pela colaboração na diagramação do glossário.

Gratidão ao Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, nas pessoas do Monsenhor Flávio Carneiro, do Cônego Luiz Carneiro e da Luciana Viana.

Agradeço ao Matheus, querido companheiro e amigo. Caminhamos juntos desde a graduação. Obrigado pelo carinho e pelas trocas de experiências de vida acadêmicas e linguísticas.

Agradeço a todos os meus amigos e a todas as minhas amigas (não vou citar nomes para não correr o risco de me esquecer de alguém). A torcida e o incentivo de vocês valem muito para mim. Agradeço, também, aos amigos que fiz durante o mestrado. Gratidão especial ao meu querido amigo Eduardo Lacerda por sempre me ouvir, acalmar e por contribuir com a minha pesquisa; à Cissa, pela amizade, pela parceria nas disciplinas cursadas juntos e pelos necessários momentos de descontração durante esses dois anos de pesquisa.

Registro também os meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, às Professoras Gláucia Muniz e Vera Menezes – coordenadora e subcoordenadora do Programa – e a todos os funcionários do Poslin.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de mestrado (processo 133813/2017-7).

Agora, tendo feito os devidos agradecimentos, convido-os a colocarem as suas lentes diacrônicas para adentrarem no mundo do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana (1749-1753)*.

Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.

Guimarães Rosa

Hacer de lo pretérito presente / Hablar lo mudo, y percibir lo ausente.

Calderón de la Barca

RESUMO

DORES, Marcus Vinícius Pereira das. *O Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana (1749-1753):* edição e glossário terminológico. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Este trabalho tem por objetivo o estudo e a edição – fac-similar e diplomática – do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Registrado na primeira parte do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* – documento reconhecido pela UNESCO como patrimônio documental da humanidade –, o primeiro inventário, exarado entre 1749 e 1753, apresenta de forma detalhada os bens da catedral do primeiro bispado mineiro, inclusive aqueles que vieram de Lisboa a pedido do primeiro bispo da diocese. Um outro objetivo do nosso trabalho é elaborar um glossário litúrgico com os 116 itens lexicais dessa esfera encontrados no *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Utilizamos, como suporte teórico, trabalhos da Filologia e Crítica Textual, da Paleografia e Codicologia, das Ciências do Léxico e da História colonial mineira. Esse diálogo com diferentes áreas é essencial devido aos nossos objetivos e devido à natureza do nosso objeto de estudo. Os estudos do manuscrito que aqui fazemos revelam-se de grande importância porque, para além das relevâncias linguísticas e históricas, de alguma forma, contribuem com a preservação de uma fonte material única.

Palavras-chave: Crítica Textual; Manuscrito eclesiástico; Glossário terminológico; Minas colonial; Português do século XVIII.

ABSTRACT

DORES, Marcus Vinícius Pereira das. *The Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana manuscript (1749-1753)*: edition and terminological glossary. 2019. 172 s. Dissertation (Master of Linguistics) – Faculty of Languages, Literature, and Linguistics, University of Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

This study aims at the analysis and the facsimile and diplomatic editions of the *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* manuscript. The document corresponds to the first section of the *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* – a document considered by UNESCO as a documentary Heritage of Humanity. The manuscript is an inventory, which was written between 1749 and 1753, and presents detailed information about the Mariana Cathedral's assets from the first Minas Gerais bishopric, including those which came from Lisbon as required by the first diocese's bishop. We also aim to create a liturgical glossary with the 116 lexical items related to the religious context that are found in the manuscript. We adopted, as theoretical approaches, perspectives from Philology and Textual Criticism, Palaeography and Codicology, Lexical Sciences, and Minas Gerais' Colonial History studies. Integrating different knowledge fields is essential since our goals and the object of study are so heterogeneous. Our findings are of great importance, because, besides linguistic and historical relevance, they also collaborate with the preservation of a unique material font.

Keywords: Textual criticism; Ecclesiastical manuscript; Glossary terminology; Colonial period of Minas Gerais; 18th century Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Planta Urbana da Cidade de Mariana, atribuída ao Arquiteto José Fernandes Pinto Alpoim (1743), traçada nos moldes mais modernos da época. 11

Figura 2 – Foto externa da Catedral da Sé de Mariana (atual). 13

Figura 3 – Foto interna da Catedral da Sé de Mariana. 14

Figura 4 – Diagrama dos líderes episcopais da Arquidiocese de Mariana 17

Figura 5 – Pintura de Dom Frei Manoel da Cruz 18

Figura 6 – Brasão de Dom Frei Manoel da Cruz 18

Figura 7 – Foto da capa do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* 22

Figura 8 – Foto da encadernação e do corte inferior do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* 23

Figura 9 – Foto do cabeceado e do corte superior do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* 23

Figura 10 – Foto do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* aberto com costura à mostra 23

Figura 11 – Microestrutura do glossário 103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização geral da dissertação 5

Quadro 2 – Ficha codicológica do manuscrito *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* 24

Quadro 3 – Alfabeto do punho do escrivão Antonio Monteyro de Noronha..... 27

Quadro 4 – Alfabeto do punho do escrivão Manoel Ferreira Coutinho..... 31

Quadro 5 – Alguns encontros de letras variadas no punho do escrivão Manoel Ferreira Coutinho 35

LISTA DE ABREVIATURAS

AEAM	- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana
CEP	- Conferência Episcopal Portuguesa
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Fl./fl.	- fólio
Fls./fls.	- fólios
l.	- linha / latim
MoW	- *Memory of the World* / Memória do Mundo
r.	- recto
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
v.	- verso (quando depois do número) / volume (quando antes do número)

SUMÁRIO

Introdução **1**

Capítulo 1: História do primeiro bispado mineiro **7**

1.1 A criação do bispado 12

1.2 A catedral 13

1.3 Os bispos de Mariana 17

1.3.1 Dom Frei Manoel da Cruz (1748-1764) 18

Capítulo 2: Descrição codicológica e paleográfica do manuscrito **20**

2.1 Aspectos codicológicos 21

2.2 Aspectos paleográficos 25

2.2.1 O escrivão 25

2.2.2 Emprego de maiúsculas 35

2.2.3 Abreviaturas 36

2.2.4 Reclames 38

Capítulo 3: Edições fac-similar e diplomática **40**

3.1 Normas de edição 43

3.2 Edições 45

Capítulo 4: Léxico litúrgico **96**

4.1 Liturgia 99

4.2 Normas do Glossário 100

4.2.2 Obras lexicográficas consultadas 103

Capítulo 5: Glossário de termos litúrgicos **106**

Considerações finais **148**

Referências **153**

Anexo **160**

Introdução

Após terem sidos deixados em segundo plano por diversas áreas científicas, os estudos filológicos em torno do trabalho de edição de documentos manuscritos vêm passando por um processo de retomada e ampliação nos últimos anos. Segundo Cohen (2016, p. 12), "[e]xistem ainda muitas lacunas a serem preenchidas na investigação da história das línguas em geral e da língua portuguesa em particular". Tendo isso em vista, o presente trabalho é o produto final da nossa pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito dos Estudos Linguísticos, na área da Variação e Mudança. A finalidade inicial da nossa pesquisa foi editar, segundo critérios filológicos, o *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Esse manuscrito, exarado de 1749 a 1753, na cidade de Mariana-MG, faz parte do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana (1749-1904)*. O referido livro, por sua vez, integra acervo documental do Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira (antes conhecido como Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AEAM), que é um arquivo responsável pela guarda e conservação de um valioso acervo documental – na sua maioria de origem eclesiástica – dos séculos XVIII, XIV e XX. A localização geográfica do manuscrito aqui abordado é a cidade de Mariana-MG / Brasil.

O documento em questão, assim como outros manuscritos antigos, possibilita a realização de pesquisas em diferentes áreas. O objetivo de cada pesquisa é que vai nortear o trato do pesquisador com o documento. A análise filológica, que fizemos, nesta pesquisa, por exemplo, além de fornecer informações importantes sobre a origem do texto, permite que se estudem particularidades da língua de uma dada época; se há ou não participação de terceiros na redação do documento, entre outras particularidades.

Sobre da validade de textos não-literários (documentos notariais) para o conhecimento de uma língua pretérita, Mattos e Silva (1991) afirma que tais documentos poderiam contribuir para o estudo da morfologia, do léxico e da relação grafia e realizações fônicas. À luz dessa afirmação e a partir da Terminologia (em sentido lato) – "[...] sistema de conceitos próprios a um domínio especializado e de suas denominações [...]" (FAULSTICH, 2001, p. 13) – realizamos, também, o estabelecimento de um glossário de termos litúrgicos encontrados no *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Com esse glossário, temos em vista registrar os itens lexicais muito

específicos de uma dada esfera social, visto que, segundo Oliveira & Isquerdo (2001, p. 9), "[o léxico] representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade [...]".

Com relação à relevância desta pesquisa, podemos dizer que a edição de um texto manuscrito antigo por si só já justifica esse tipo de trabalho. Uma edição realizada com critérios fidedignos e que siga as normas pré-estabelecidas torna-se um confiável material de consulta para outras pesquisas. Já a criação do glossário de termos litúrgicos justifica-se pelo fato de se tratar de um material lexicográfico com perfil terminológico que poderá ser consultado por estudiosos de diversas áreas, que utilizam manuscritos eclesiásticos como fonte de pesquisa, o que poderá facilitar a leitura de possíveis termos que não sejam do conhecimento de um editor. Outra justificativa está relacionada ao reduzido número de trabalhos que abordam a terminologia litúrgica. Nosso trabalho vem somar-se aos já existentes (HALLIG & WARTBURG, 1963; COPPOLA, 2006; TELLES, 2012; SILVA, XAVIER & PAULA, 2016; WOLFF, 2016; DORES & DUCHOWNY, 2018) que, em algum aspecto, abordam questões lexicais atreladas à religião.

O glossário que aqui apresentamos também desempenha o papel de "fixar, representar e circular o léxico que compõe o documento em questão, permitindo, também, aumentar o conhecimento sobre o português de um modo geral" (DUCHOWNY *et al.*, 2014, p. 9). A pesquisa destes termos como meio de identificá-los, recuperá-los e registrá-los contribui, assim, para a nossa memória linguística e para a lexicografia e da terminologia da língua portuguesa.

Como dito anteriormente, nossa pesquisa de mestrado apresentou dois objetivos gerais: realizar a edição, por meio de critérios filológicos, do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* e elaborar um glossário dos termos litúrgicos presentes no manuscrito. Nossa investigação baseia-se nas seguintes questões: i) Quais as características paleográficas e filológicas do documento? ii) Em que medida o léxico representa a realidade das práticas litúrgicas e eclesiásticas?

O manuscrito que analisamos nos permite fazer uma visita ao passado, à história social e cultural do interior do Brasil – mais especificamente da região do primeiro bispado mineiro (cf. GIFFONI, 2008) –, além de também nos oferecer um pequeno

recorte da língua portuguesa do período de escrita do documento. Um exemplo claro disso é abordado por Campos (2007, p. 88), ao tratar do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, destacando que "[a] profusão de objetos [...] feitos com inúmeros materiais [...] dá uma ideia longínqua da cultura que expandiu ao máximo o estético, radicalizou essa experiência e colocou em risco o sagrado, que tendia a se encarcerar na matéria".

De maneira geral, os inventários (o que editamos para esta pesquisa e outros) registrados no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* trazem nas linhas e margens a relação e avaliação dos bens – ornamentos, indumentárias, pratarias, livros etc. – da igreja catedral da (arqui)diocese de Mariana. Tendo em vista o valor material e imaterial desse manuscrito, paralelamente à nossa pesquisa de mestrado, elaboramos um projeto de candidatura do referido livro ao Programa Memória do Mundo da UNESCO – MoW. Como consta no edital[1] do Programa, o objetivo da chamada era "a inscrição, no Registro Memória do Mundo do Brasil de 2018, de bens de patrimônio arquivísticos ou bibliográficos, custodiados em território nacional e de relevância para a memória coletiva da sociedade brasileira".

Com o resultado do Edital MoW Brasil 2018, por meio da Portaria nº 103, de 21 de novembro de 2018, publicada no Diário Oficial da União[2], o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* passou a integrar o Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO. A Constituição democrática de 1988, que neste ano completa 30 anos de promulgação, no artigo 216, já focalizava o patrimônio cultural brasileiro:

> Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
> I - as formas de expressão;
> II - os modos de criar, fazer e viver;
> III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> IV - as obras, objetos, documentos, edificação e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

[1] Edital MoWBrasil 2018. Disponível em: <http://mow.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Edital-e-Regulamento-MOWBrasil-2018---28.03.2018.pdf>.

[2] Disponível em: <http://imprensanacional.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51520745/do1-2018-11-23-portaria-n-103-de-21-de-novembro-de-2018-51520722>. Acesso em: 30 abr. 2018.

> V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Essa chancela concedida pela UNESCO (ver certificado em anexo), além de ter a função de colaborar com a preservação do manuscrito, nos ajuda a mostrar ao mundo a importância dos nossos "papéis velhos". Com efeito, atendendo à História do Brasil e ao papel que a região mineira nela cabe, a documentação em questão assume um duplo valor cultural: material, porque está em causa uma fonte histórica que agrega informação única sobre uma parte da História do Brasil; e valor imaterial, porquanto dá testemunho de práticas socialmente relevantes ao período contemplado no manuscrito.

Além desta introdução, esta dissertação é composta por cinco capítulos. Dado o objetivo duplo do nosso trabalho – edição e glossário –, optamos por não criar capítulos específicos para revisão da literatura e para o arcabouço teórico metodológico. Essas informações foram diluídas nos capítulos que tratam de cada produto dessa dissertação.

No capítulo 1, intitulado "História do primeiro bispado mineiro", abordamos uma noção geral do contexto histórico em que foi produzido o *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Para isso, nos fundamentamos em trabalhos da história colonial brasileira e mineira, da historiografia mineira, do barroco mineiro e da história da Arquidiocese de Mariana. Trata-se de um capítulo de abordagem extralinguística indispensável para o que nos propusemos realizar.

O capítulo 2, "Descrição codicológica e paleográfica", é reservado para o estudo da constituição codicológica do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* – onde está registrado o *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* – e da apresentação da ficha codicológica do manuscrito que estamos estudando. É reservado também ao estudo da escrita – formato de letra, particularidades da escrita, alfabeto, abreviaturas – do manuscrito analisado.

É no capítulo 3, "Edições diplomática e fac-similar", que disponibilizamos, de forma comparativa, dois tipos de edição do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Ambas as edições, na escala de conservadorismos, são classificadas como conservadoras. A edição fac-similar, como o próprio nome indica, representa a reprodução mecânica (no nosso caso por meio de digitalização) do documento. Já a edição diplomática representa uma transcrição conservadora do texto manuscrito.

No capítulo seguinte, “Léxico litúrgico”, com auxílio das teorias de estudo do léxico, apresentamos uma discussão teórica sobre o léxico do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Esse capítulo tem por função introduzir o glossário de termos litúrgicos que será apresentando no capítulo 5.

O quinto capítulo desta dissertação é denominado “Glossário de termos litúrgicos”. É nesse capítulo que se encontra o glossário com os 116 termos litúrgicos, em ordem alfabética, extraídos do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Na sequência do glossário, temos o último capítulo da dissertação que é reservado para as considerações finais do nosso trabalho.

Destacamos, ainda, que, na abertura de cada capítulo, apresentamos algumas citações relacionadas ao tema daquele capítulo, que têm por objetivo introduzir o assunto que será tratado naquela seção. A seguir, disponibilizamos, também um quadro resumo da organização geral desta dissertação.

Quadro 1 – Organização geral da dissertação

Objetivos	1) realizar a edição, por meio de critérios filológicos, do Primeiro Inventário de bens registrado no *Livro de Inventário da Catedral de Mariana*; 2) elaborar um glossário dos termos litúrgicos presentes no manuscrito.	
Hipóteses	1) Por se tratar de um documento formal de registro patrimonial da igreja principal do bispado e por acreditar que esse documento foi redigido pelas “mãos hábeis” de um eclesiástico, o manuscrito possui uma escrita regular no traçado, respeitando, assim, a pautação, e sem muitas rasuras. 2) O documento abriga termos muito específicos da esfera eclesiástica.	
	Título	Objetivos
Capítulo 1	História do primeiro bispado mineiro	Oferecer uma visão de um recorte do período colonial mineiro, no qual se insere a criação da diocese de Mariana.
Capítulo 2	Descrição codicológica e paleográfica	Apresentar descrições do suporte material e da escrita do manuscrito.
Capítulo 3	Edições diplomática e fac-similar	Apresentar dois tipos de edição do manuscrito e as

		normas utilizadas para essas edições.
Capítulo 4	Léxico litúrgico	Apresentar algumas teorias das Ciências do Léxico, uma pequena noção de liturgia, bem como as normas de elaboração do Glossário de termos litúrgicos.
Capítulo 5	Glossário de termos litúrgicos	Apresentar o glossário dos 116 termos litúrgicos extraídos do manuscrito.
Capítulo 6	Conclusão	Conclusão da dissertação.



apítulo 1: História do primeiro bispado mineiro

"Em cada pedaço da cidade de Mariana, podemos encontrar uma parte da história do nosso estado de Minas Gerais. Nas belas igrejas, nos museus e nas ruas, que ainda guardam traços da arquitetura Barroca, está retratada a cultura do nosso povo". (CAMÊLLO, 2016, p. 15)

"Faça-o o historiador futuro para quem trabalhei, disputando à traça e salvando da ação demolidora do tempo os documentos que aqui ficam nestas páginas descoloridas e mortas". (TRINDADE, 1945, p. 146)

"A arquidiocese de Mariana guardou copiosa quantidade de documentos escritos nestes três últimos séculos. Seu Arquivo Eclesiástico, generoso manancial para a história da Igreja, o é também para a história mineira e brasileira, para a sociologia, a jurisprudência canônica e civil, a genealogia, a geografia, o folclore, além dos aspectos litúrgicos". (Monsenhor Flávio, 2016)

Pensando na categorização feita por Mattos e Silva (2008, p. 9) em relação à linguística histórica, este trabalho encaixa-se dentro da linguística histórica *lato sensu*, aquela que "trabalha com dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseado em *corpora*, que, necessariamente são datados e localizados, tal como os estudos descritivos [...]". Dentro dessa área, os fatores extralinguísticos possuem uma grande relevância. Por isso, neste trabalho, não poderíamos deixar de discorrer sobre a importância histórica da Arquidiocese de Mariana e sobre o período no qual o *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* (1749-1753), objeto central do nosso estudo, começou a ser escrito. Sobre essa importância em apresentar-se os fatores extralinguísticos, Seabra (2004, p. 66) afirma:

> [c]onsiderando a língua como um fato social e, por isso, profundamente ligada e dependente do meio em que é usada, acredita-se que, quanto melhor conhecer e caracterizar o contexto sociocultural em que os fatos linguísticos acontecem, melhores condições se tem de identificar as causas e mecanismos que provocam tais fatos e as interferências que se verificaram no decorrer dos tempos.

A comunidade a que nos referimos neste trabalho representa uma parcela da sociedade colonial de Minas Gerais. Dentro dessa sociedade, a religião sempre esteve muito presente, desde o descobrimento do ouro e das outras riquezas minerais até a total estruturação da sociedade mineira. Segundo Camêllo (2016, p. 134), nessa época, "[a] Igreja e o Estado caminhavam juntos e, às vezes, se confundiam. Eis a razão pela qual não se pode estudar a História de Minas ou do Brasil, desde 1500, divorciada da História da Igreja". Ainda nesse período, segundo Boschi (2007, p. 607), a insegurança e a instabilidade eram muito presentes na região das Minas. Para diminuí-las, "registrada a impossibilidade de então recorrer ao poder institucional do Estado, os homens se socorrem na religião. Por si, tal recurso já conferia marca original ao processo de ocupação e povoamento da região".

Durante o período colonial, na atual região conhecida como Minas Gerais, houve o trânsito de milhares de pessoas interessadas na extração de ouro. O primeiro descobridor de ouro nessa região, embora a história não registre de forma tão clara, foi um mulato, como aponta Antonil (1968, *apud* ANDRADE, 2008, p. 39):

> este [o mulato não identificado pela história devido a sua qualidade social], indo ao certão com huns Paulistas a buscar indios e chegando ao serro do Tripuí, deceo abaixo com huma gamela para tirar agua do ribeiro

> que hoje chamão do Ouro Preto; e metendo a gamela na ribanceira para tomar agua, e roçando-a pela margem do rio, vio depois que nella havia granitos da cor do aço, sem saber o que erão.

Posteriormente, as descobertas de riquezas minerais serviram "ao aumento do Estado na forma de quintos e à glorificação da fé católica através da magnificência das igrejas" (ANDRADE, 2008, p. 155). Ao investigar sobre as definições dos limites da América Portuguesa, Fonseca (2003) pondera que, na segunda metade do século XVIII, Minas Gerais sofreu um período de expansão territorial e de definição de limites – externos e internos (as circunscrições civis e eclesiásticas).

De acordo com Villalta (2007, p. 19), "a ação da Igreja, a vida religiosa e o recrutamento e a formação do clero nas Minas do Setecentos foram profundamente marcados pelo espírito da Reforma Católica e da Contra-Reforma". Sobre esse empasse, é possível verificar que, desde o século XVI, segundo Bastos (2001), a Igreja Católica estava preocupada porque a Igreja Protestante estava gerando muita repercussão e se espalhando rapidamente principalmente na Europa. O catolicismo precisava atrair mais pessoas e ser mais convincente. As obras, que chamamos hoje de barrocas, trouxeram para os ambientes sagrados e para as histórias bíblicas dramaticidade, formas exuberantes, refinamentos pomposos e rituais complexos, luxuosos e fascinantes. Dentro das igrejas, as paredes e os entalhes eram revestidos de forma; os gestos e os olhares das imagens expressavam uma grande adoração. Tudo isso construía um grande espetáculo teatral, criado para surpreender, maravilhar, e levar os fiéis a momentos de profundo envolvimento e atração pelos mistérios da fé e da igreja.

Quando os novos continentes foram descobertos, os colonizadores europeus, com o objetivo de honrar e fortalecer a fé em Deus, na Igreja e no Rei, trouxeram seus valores e costumes para as colônias (Cf. IGLÉSIAS, 1992). No Brasil, o Barroco chegou primeiro na Bahia e nas vilas do litoral do Nordeste, onde surgiram templos luxuosos. Mas foi nas Minas Gerais, do século XVIII, em plena corrida do ouro, que o Barroco encontrou ambiente ideal para se desenvolver. Movido pela fé dos mineiros e financiado pelas riquezas do ouro que brotava da terra, o Barroco, aos poucos, se enraizou na colônia e ocupou com pompa e muito luxo o cotidiano da sociedade mineradora da época. (Cf. OLIVEIRA e ALVES, 2018).

O espírito religioso da sociedade mineira estava presente nas longas viagens dos bandeirantes sertão adentro. Nesse viés, cada bandeira[3] levava as imagens dos santos de devoção dos seus chefes em pequenos oratórios portáteis. Diante deles eram celebradas missas e feitas orações. À medida que cada arraial prosperava, os templos eram criados e decorados com capricho (Cf. FURTADO, 2011). Nas Minas, como aponta Trindade (1953a), o período histórico da Igreja Católica tem início em 16 de julho de 1696, quando foi erguida uma cabana naquela que viria a ser a primeira cidade da região. Nesse descortinar vemos também a história da atual cidade de Mariana, que, como conta Roque Camêllo em *Mariana – assim nasceram as Minas Gerais: uma visão panorâmica da História*, estreia

> em 16 de julho de 1696 com Salvador Furtado de Mendonça e sua Bandeira quando, às margens do Ribeirão do Carmo, o Padre Francisco Gonçalves Lopes celebra a primeira missa em homenagem a Nossa Senhora do Carmo [...]. Nossos inícios são marcados pela febre do ouro. O paulista e o português, negros e índios se entranharam pelos sertões das Gerais. Enfrentaram privações. Agrediram o silêncio de um mundo inóspito. Consagrou-se, depois, a composição urbana, o equilíbrio das relações humanas, gerando vilas e cidades. O Cristianismo foi trazido na alma dos primeiros mineradores e sua assistência espiritual se cristalizou nos templos, na arte e, sobretudo, na vida. (CAMÊLLO, 2016, p. 21).

Após a guerra dos Emboabas[4] (1707-1709), inicia-se, segundo Fernandes (1991, s/p) "toda a História que, no Séc. XVIII, o Brasil escreveu em Minas Gerais". Durante o governo de Antônio de Albuquerque, fora fundada a Vila de Nossa Senhora do Carmo (ou Leal Vila de Nossa Senhora do Carmo), mais tarde elevada ao posto de cidade (a cidade de Mariana em homenagem à Rainha de Portugal D. Maria Ana D'Áustria), por meio da Carta Régia de 23 de abril de 1745. "A primeira vila e capital se tornaria também, em 1745, por ordem de Dom João V, a primeira cidade de Minas, alçada a essa titularidade para sediar o Bispado autorizado pelo Papa Bento XIV." (CAMÊLLO, 2016, p. 48), o que comprova a afirmação de Fonseca (2003, p. 44) de que "o título de cidade

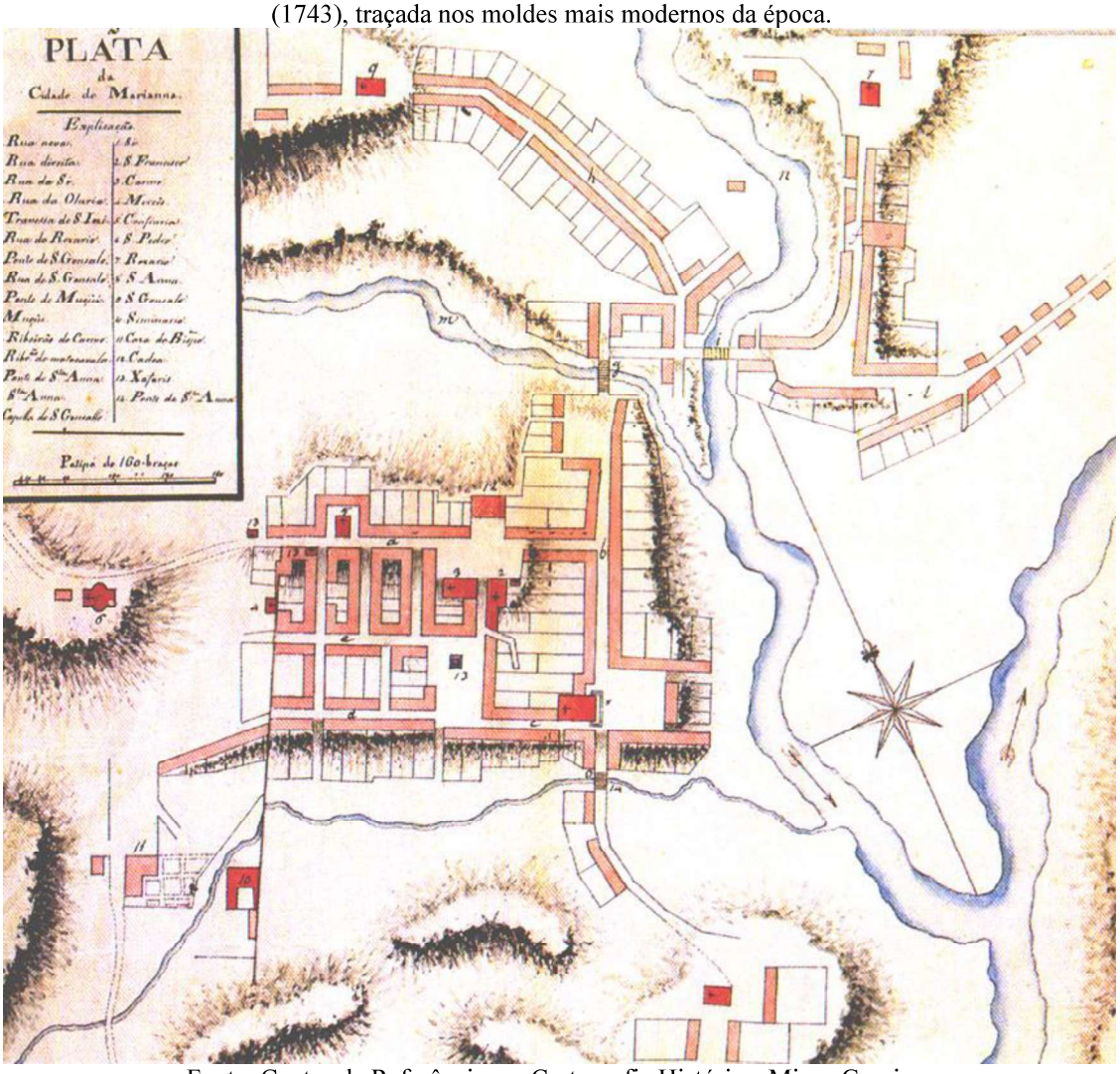
[3] "Na documentação relativa às Minas, entre o final do século XVII e início do XIX, o termo *bandeira* podia referir-se a qualquer comitiva de entrada no sertão, composta de uma ou mais dezenas de homens (brancos, negros e índios), que apresentasse estratégias diferenciadas – apresamento, exploração mineral ou punitiva –, sem que estas fossem, no entanto, exclusivas." (ANDRADE, 2008, p. 159).

[4] "Formulados nos termos de uma mera disputa pela posse de lavras minerais e sesmarias, protagonizada por paulistas e forasteiros, os eventos de 1708 a 1709 punham em evidência tão-somente as consequências sinistras da *auris sacra fames*, com seu cortejo de vícios e males." (ROMEIRO, 2008, p. 315).

[naquela época] era atribuído somente às sedes episcopais e às aglomerações que exerciam uma função militar importante".

Devido à ascensão de vila para cidade, Dom João V ordena também que houvesse um novo planejamento urbanístico da região. Por meio dessa reforma, "Vila do Carmo incorporaria o modelo coevo de ambiente urbano adequado à investidura episcopal: casas geminadas, constituindo fachadas contínuas, realçando a retidão das ruas e a regularidade das praças [...]." (SANTOS, 2010, p. 68). Segundo Vasconcellos (1935, p. 26), foi José Fernandes Pinto de Alpolim, "Major de Engenheiro", o responsável pela criação da planta da nova cidade, como pode-se ver na Figura 1. As despesas referidas às obras, por sua vez, ficaram, por ordem do rei, sob incumbência da Câmara administrativa da cidade.

Figura 1 – Planta Urbana da Cidade de Mariana, atribuída ao Arquiteto José Fernandes Pinto Alpoim (1743), traçada nos moldes mais modernos da época.



Fonte: Centro de Referência em Cartografia Histórica, Minas Gerais.

1.1 A criação do bispado

A criação do Bispado de Mariana, ação de grande relevância para este trabalho, ocorreu em 6 de dezembro de 1745, com a publicação da *Bula Candor Lucis Aeternae*. Nesse documento, o Papa Bento XIV cria dois novos bispados, o de Mariana e o de São Paulo:

> Reflexo da Luz Eterna e Imagem da Bondade Divina, Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, que de forma admirável esplandece desde os píncaros celestes até os extremos do orbe terrestre, suscitou no coração de nosso caríssimo filho João, o quinto com este nome, ilustre Rei de Portugal e Algarves, o espírito de sabedoria e de inteligência para manifestar aos povos as grandezas de sua superior virtude, para revelar aos que adormecem na sombra da morte como Deus é o próprio Senhor dos tempos e para fortalecer os que guardam o mistério da fé e dirigi-los na via da salvação, caminhando na benevolência de seu Nome.
> Movido certamente por este espírito, o citado Dom João fixou o foco de sua atenção nas regiões da América, sujeitas ao seu domínio no governo dos assuntos temporais, e deparando no território brasileiro a diocese do Rio de Janeiro, que, com a bênção do Senhor e pelo empenho dos que anunciam o seu santo Nome desde a fundação do seu Bispado, alongou-se com extensão tamanha que as súplicas e queixas dos mais afastados daquela região somente sobem à consideração do Bispo [...]
> Desta forma, a Nós foi há pouco exposto pelo dileto filho Manoel Pereira Sampaio, Comendador da Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo e Encarregado dos Negócios do Reino de Portugal entre Nós e a Santa Sé, que, se este episcopado tão dilatado viesse a ser dividido (assim:) em uma diocese do Rio de Janeiro, que já existe, e o restante em bispados distintos, com seus respectivos bispos e pastores, um na Cidade de São Paulo e outro na de Mariana [...]
> [...] o Bispado de Mariana [...] ficará destacado pelas fronteiras das Províncias civis de São Paulo e das Minas Gerais e manterá com o Arcebispado de São Salvador e o Bispado de Pernambuco os antigos limites do Bispado do Rio de Janeiro. (RODRIGUES, 2005, p. 35-44, grifamos)

Antes da criação da diocese de Mariana, como relata Trindade (1929), o Brasil contava apenas com cinco sedes episcopais: diocese de São Salvador da Bahia (1551), de São Sebastião do Rio de Janeiro (1576), de Olinda (1676), de São Luís do Maranhão (1677) e a diocese de Belém do Pará (1719). A diocese de Mariana foi, portanto, o primeiro bispado a ser instalado fora de regiões litorâneas.

Após a formação do bispado de Mariana, em 17 de dezembro de 1748, toma posse como primeiro bispo Dom Frei Manoel da Cruz. Sua posse na nova diocese foi celebrada com grande júbilo e pompa, como registra o *Aureo Throno Episcopal*:

> Aureo Throno Episcopal, collocado nas minas do ouro, ou noticia breve da creação do novo Bispado Marianense, da sua felicíssima posse, e pomposa entrada do seu meritíssimo, primeiro Bispo, e da jornada, que fez do Maranhão, o Excelentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz, com a colleção de algumas obras Academicas, e outras, que fizeram na dita função, Author Anonymo, Dedicado ao Illustrissimo Patriarca S. Bernardo, e dado a luz por Francisco Ribeiro da Silva, Clerigo Presbitero, e Conego da nova Sé Marianense. (LEONI, 2008, p. LV).

A criação da diocese de Mariana teve um papel fundamental para a delimitação do território mineiro, visto que, a partir da posse de Dom Frei Manoel da Cruz, novas paróquias foram criadas. Para Fonseca (2011), além das estruturas militares e judiciárias, outra maneira de se legitimar e conservar a posse de terras, no período colonial, era a instituição de capelas e freguesias.

Nesse período, os líderes episcopais eram nomeados pela coroa portuguesa e confirmados pelo Papa. Contudo, essa nomeação vinda da coroa não representava, para o bispo e seus representantes, a possibilidade de obstáculos na administração episcopal. Segundo Camêllo (2016, p. 134) " a autoridade episcopal não era obstaculada. Os Bispos [...] exerciam seu poder para controlar os costumes, cuidar das almas, fomentar a cultura e a educação e apoiar a construção dos templos e suas ornamentações artísticas".

1.2 A catedral

Figura 2 – Foto externa da Catedral da Sé de Mariana (atual).



Fonte: Arquivo do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural COMPAT Mariana Minas Gerais.

Figura 3 – Foto interna da Catedral da Sé de Mariana.



Fonte: Nitro Imagens Ltda / Leo Drumond.

Segundo Giffoni (2008), após longa viagem (de agosto de 1747 a outubro de 1748) pelos sertões do Maranhão, do Piauí, da Bahia e de Minas Gerais – cerca de quatro mil quilômetros – chega em solo mineiro o primeiro líder do bispado marianense. Devido ao debilitado estado de saúde no qual chegou Dom Frei Manoel da Cruz e a alguns dias chuvosos, a posse solene do primeiro bispo de Mariana só ocorreu em 17 de dezembro de 1748. Antes da posse, porém, era preciso estabelecer oficialmente o título de Catedral a uma antiga igreja da Vila do Carmo[5], que, conforme Oliveira e Campos (2010, p. 30), "pela premência do tempo, acabou sendo instalada no edifício da antiga matriz, reformada e embelezada para adaptação às novas funções". Vasconcellos (1935, p. 58) registra que "[f]inalmente, no dia 8 de dezembro de 1748, o maior dia que foi de Marianna, festa da Immaculada Conceição, installou-se solemnemente a Cathedral com a Missa Cantada pelo Arcediago".

[5] Nota informativa: Segundo Trindade (1945, p. 141), embora a vila (posteriormente arraial) tenha sido consagrada à Virgem do Carmo, "Nossa Senhora do Carmo não foi em tempo algum orago da matriz do Ribeirão do Carmo; que este orago, ou titular, foi – Nossa Senhora da Conceição". Atualmente, a padroeira da Catedral de Mariana é Nossa Senhora da Assunção. Essa substituição foi realizada por indicação do Papa Bento XIV.

De acordo com Silva, Xavier e Paula (2016, p. 57),

> na sede da diocese está a Igreja catedral, a mãe das demais. Esta é uma paróquia como as outras, mas constitui o sinal de unidade de toda Igreja diocesana. Chama-se catedral porque nela está a cátedra (cadeira) do bispo, representando o lugar de onde ele ensina e cuida de todo o povo a ele confiado.

A principal igreja da diocese de Mariana, por se tratar de uma adaptação da antiga matriz – que sofreu diversas modificações[6] de 1709 a 1734 –, carrega uma tipologia arquitetônica variada (Cf. OLIVEIRA e CAMPOS, 2010, p. 60). Sobre a estrutura física de uma igreja matriz, as autoras, ora citadas, vão dizer que

> são construções de grandes dimensões, para que nelas pudessem assistir aos ofícios todos os "fregueses" da paróquia ou freguesia. A fachada é enquadrada por duas torres imponentes com sinos de potência sonora capaz de alcançar grandes áreas de expansão. Seu partido arquitetônico é composto de nave única e capela-mor, com ampla sacristia em disposição transversal nos fundos da construção, com acesso a partir de corredores laterais externos. Esses corredores também ladeiam a nave, dando acesso às escadinhas dos púlpitos. No segundo pavimento acima da sacristia, ficam o consistório, para reuniões das irmandades, e corredores superiores com tribunas abertas para a nave e a capela-mor. Na entrada, situa-se o coro alto para a música, indispensável nos ofícios sacros da época. Na Catedral de Mariana ainda pode ser visto o belo órgão setecentista, encomendado em Lisboa pelo primeiro bispo, D. Frei Manoel da Cruz. (OLIVEIRA e CAMPOS, 2010, p. 66-67).

Dom Frei Manoel da Cruz, antes de mudar-se para Mariana, solicitou à Coroa e, posteriormente, a alguns amigos (como o padre João Batista Carboni) que enviassem à nova catedral de Mariana paramentos e pontificais necessários para as práticas litúrgicas. Essa informação pode ser recuperada, por exemplo, por meio de uma carta de agradecimento, escrita por Dom Frei Manoel da Cruz ao padre João Batista.

> Agradeço muito a Vosso Padre o cuidado de remeter para a cidade de Mariana os pontificais, e mais paramentos necessários, e como poderia esquecer alguma coisa remeto ao padre-mestre Bento da Fonseca o rol de tudo, o que tem vindo para esta catedral, para que conferindo-se com a lista do que foi para a de Mariana se remeta o que faltar, advertindo, que como naquele bispado têm grande asseio as igrejas, pelo que me consta, não deve a catedral, como matriz de todas, ser menos asseada, e

[6] Em Vasconcellos (1947, p. 48) temos: "Datas principais das obras: 1703 – levantamento da primitiva capela pelo capitão Antônio Pereira Machado, paramentada em seguida pelo seu 1º vigário provisório, padre Manoel Brás Cordeiro; 1712 – começo da ampliação do prédio, por ordem de d. João V, para pagamento com os tributos da aguardente e do melado de cana de açúcar; 1734 – novas obras, até à frente atual, inclusive as torres; 1750 – acabamento interno, emboço e pintura externa; 1760 – pintura interna; 1796 substituição do frontespício na forma já dita; [...]"

> paramentada. Também estimo muito as relíquias, que Sua Majestade foi servido mandar dar aos novos bispos de que espero a lista, que Vosso Padre me promete. (LEONI, 2008, p. 212).

Essa carta, transcrita e revisada por Aldo Luiz Leoni, faz parte da obra *Copiador de cartas particulares do Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, bispo do Maranhão e Mariana (1739-1762)*. Ainda sobre os objetos litúrgicos, Santos (2010, p. 68) afirma que

> a partir de 1746, cartas de dom frei Manoel da Cruz à Coroa requisitavam listas de objetos de culto: ornamentos, livros de canto, órgão, sinos. Solicitava a planta da nova igreja, ou a reforma da matriz, com as rendas da Fazenda Real e infra estrutura (*sic*) adequada ao estabelecimento de um coro e cabido, capela-mor e sacristia. Dom João V, efusivamente, prometera enviar luxuosas mitras pontificais de ouro enriquecidas de gemas, candelabros de prata, alfaias, vasos e utensílios sacros nas devidas cores.

Tanto a carta endereçada ao padre João Batista, quanto a afirmação de Santos (2010, p. 68) dialogam diretamente com a abertura do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*:

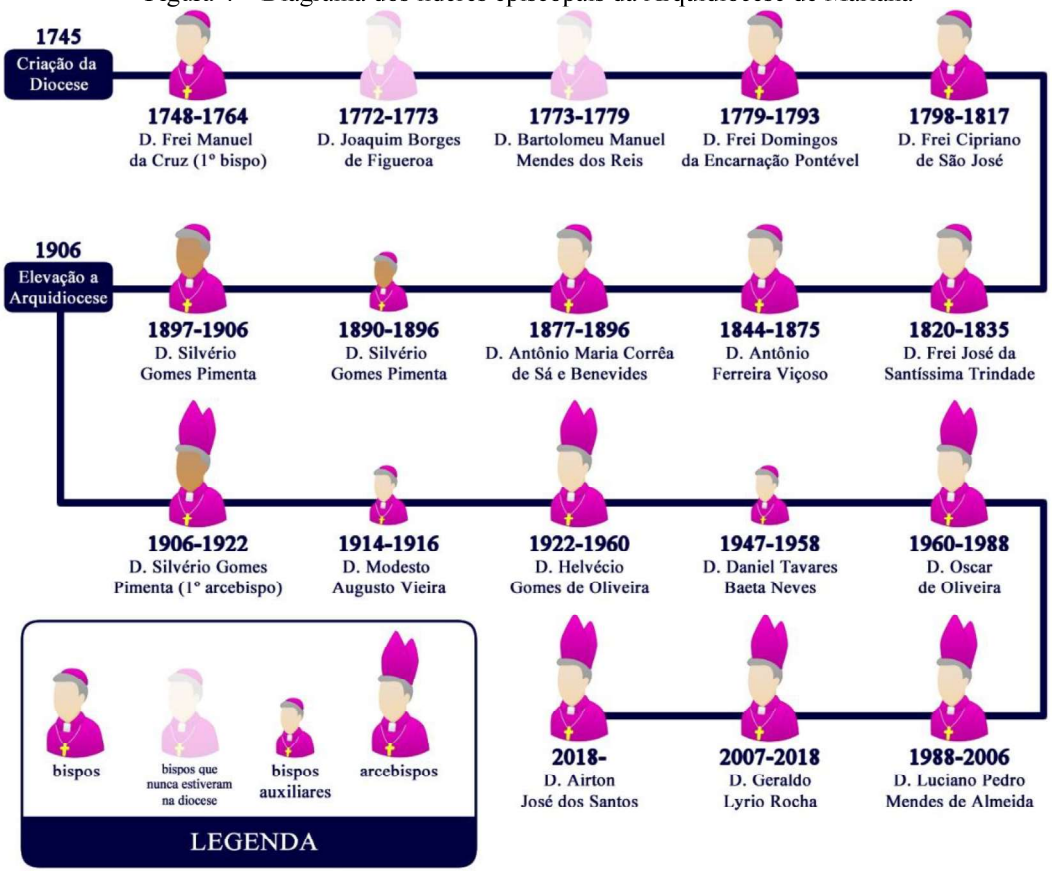
> Inventario dos ornamen
> tos, emaisbens, q̃. vieraõ de Lisboa p. a
> estaCathedral de Marianna; aos
> quaisoThezr. o Mor dellaJoaõdeCam=
> pos Lopes Torres tomou conta por in=
> tregaq̃. delle(L)hefes o Sachristaõ
> Mor Manoel PereyradePinho, a
> cuja a recadaçaõesta(v)ao: estando
> prez. te oT. do D. (r) rovizo(r) (des)te Bp.do Jo=
> ze de Andradae Moraes Eeu (Transcrição nossa)

O primeiro Inventário registra os bens que foram trazidos de Lisboa para a catedral de Mariana. Seriam os bens enviados pelo padre João Batista Carboni e pela Coroa portuguesa? O documento em questão não apresenta tal informação, mas em virtude de certa proximidade das datas de escrita dos dois textos – a carta de 1747 e o primeiro inventário de 1749 – temos como hipótese que ambos os textos se referem aos mesmos objetos. O documento também regista os bens que, na época da chegada do novo bispo, já estavam lotados naquela capela, que, após reformada, foi elevada à catedral. Sobre esse processo, Bastos (2011, p. 175) vai dizer que "muitas das primeiras capelas se tornaram igrejas paroquiais [ou catedral], e para condizer com isso, receberam, durante todo o século XVIII, as proporções e ornatos eficazes capazes de acomodar e representar com decoro a fé [...]".

1.3 Os bispos de Mariana

A Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, citada no Cerimonial dos bispos (CNBB, 2008, p. 18), destaca que "[o] bispo, investido da plenitude do sacramento da Ordem, rege a Igreja particular, como vigário e legado do Cristo em comunhão e sob a autoridade do Romano Pontífice". O bispo, portanto, além de exercer uma função religiosa, assume uma função político-administrativa. É papel do bispo garantir que os bens da igreja sejam mantidos e preservados. Desde a sua fundação, a (arqui)diocese de Mariana foi administrada por nove bispos e seis arcebispos, além de três bispos auxiliares, conforme a figura 4. A transição de diocese para arquidiocese ocorreu no episcopado de Dom Silvério Gomes Pimenta, em 1906. Apenas a título de informação, apresentamos a relação dos administradores episcopais da (arqui)diocese de Mariana desde a sua fundação até o presente.

Figura 4 – Diagrama dos líderes episcopais da Arquidiocese de Mariana



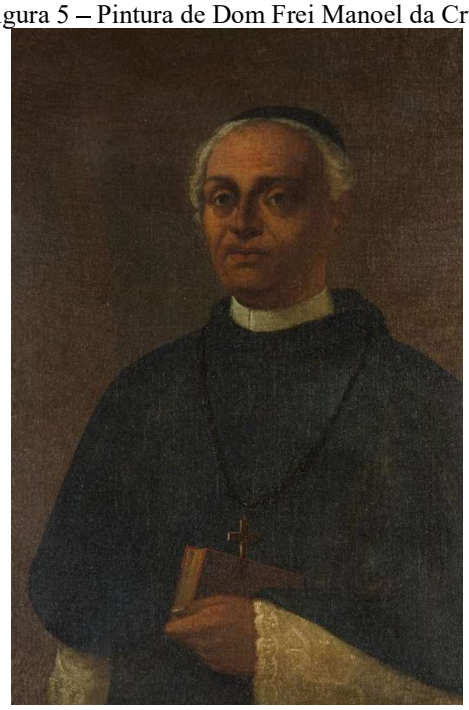
Fonte: Adaptado de *Revista Mariana Histórica e Cultural* (dezembro de 2017).

Dentro do período de 1749 a 1910, faixa temporal registrada no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, a (arqui)diocese de Mariana contou com nove

líderes episcopais. Cada um, a sua maneira, passou pelo primeiro bispado mineiro e deixou marcas significativas para história da arquidiocese de Mariana, de Minas Gerais e até para a história do Brasil. Como, em nossa pesquisa, tratamos apenas do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*, escrito no período de governo de Dom Frei Manoel da Cruz, a seguir, a partir dos trabalhos do historiador e memorialista mineiro Cônego Raimundo Otávio Trindade, apresentaremos uma pequena biografia do referido bispo.

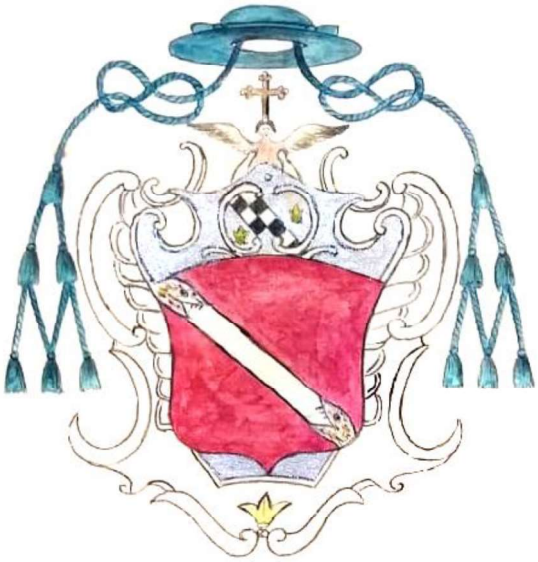
1.3.1 Dom Frei Manoel da Cruz (1748-1764)[7]

Figura 5 – Pintura de Dom Frei Manoel da Cruz



Fonte: Nitro Imagens Ltda / Leo Drumond

Figura 6 – Brasão de Dom Frei Manoel da Cruz



Fonte: Centro de Documentação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

O primeiro bispo da diocese de Mariana foi Dom Frei Manoel da Cruz. Nasceu aos 5 de fevereiro de 1690, tornou-se padre, pelas mãos do bispo de Coimbra, Dom Antônio de Vasconcelos, em 28 de fevereiro de 1712. Segundo Trindade (1953a, p. 91), "Dom João V, 'tendo certeza de sua modéstia e ciência' nomeou-o bispo do Maranhão, no referido ano de 1738". Depois de liderar a diocese de São Luiz do Maranhão por, aproximadamente, sete anos, Dom Frei Manoel foi nomeado bispo de Mariana.

[7] Cf. Trindade (1953a, p. 91-146).

Como líder da primeira diocese mineira, Dom Frei Manoel instituiu o culto ao Coração de Jesus, criou o cabido diocesano, multiplicou o número de paróquias da diocese, terminou a reforma da catedral e acrescentou a ela alguns itens importantes como o órgão alemão *Arp Schnitger*, criou o Seminário de Mariana (1750), ordenou cerca de 230 padres etc. Além da administração eclesiástica, o bispo de Mariana também prezava muito pelos serviços que ele deveria prestar à nação portuguesa. Segundo Trindade (1953a, p. 119), "[e]m várias pastorais procurou [o bispo] convencer os mineiros da obrigação de pagar o fisco. Declarou pecado mortal o não pagamento do quinto [...]".

Quase por completar 74 anos, após passar por um longo período enfermo, Dom Frei Manoel da Cruz veio a falecer, em 3 de janeiro de 1764, na cidade de Mariana, onde foi enterrado:

> O primeiro bispo de Mariana teve funerais soleníssimos, sendo sepultado na catedral, no carneiro do meio. Na lousa que cobria a sua sepultura lia-se êste epitáfio: Hic jacet Dominus Domnus Frater Emmanuel a Cruce / Religiosus Cisterciensis / Sacra Theologia Doctor / Episcopus Marananiensis // inde primus hujus Dioccesis Mariannensis Episcopus annos quindecim, menses duos, dies septemdecim // vixil septuaginta quatuor / pie obiit die tertio Januarii / anno millesimo septingentesimo sexagesimo quarto. (TRINDADE, 1953a, p. 144-145).

Dom Frei Manoel da Cruz, devido aos seus grandes feitos, sempre foi muito respeitado e prestigiado tanto no Maranhão, quanto em Mariana. Para Trindade (1953a, p. 100), "a figura do primeiro Bispo de Mariana há de emergir majestosa das brumas incertas do passado para vir se entronizar na galeria dos mais eminentes bispos do Brasil".

Após a morte de Dom Frei Manoel da Cruz, a diocese de Mariana ficou em estado de vacância, ou seja, sem um líder bispo, por, aproximadamente, sete anos.

A história da Arquidiocese de Mariana continua até o presente e diferentes figuras episcopais sucederam-se na primeira cátedra mineira (ver Figura 4). Contudo, como o documento que estudamos, o *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*, registra informações de 1749 a 1753, optamos por fazer uma descrição histórica que respeitasse esse período de tempo.

No próximo capítulo, abordaremos questões estruturais do Inventário e examinaremos alguns aspectos paleográficos e codicológicos do referido manuscrito.



apítulo 2: Descrição codicológica e paleográfica do manuscrito

"O patrimônio sobre o papel do século XIX está agonizando; o patrimônio do século XX se esvai em uma tranquila indiferença porque outras técnicas de registro da informação ocultam a função sempre essencial do papel. Indo além das palavras e das nuances, existe a realidade das bibliotecas e dos livros que o tempo que passa aflige. O tempo passa? Ora, o tempo não, mas o papel que se torna pó não espera que nossa consciência desperte para o seu destino". (ARNOULD, 1985, p. 173)

"[...] a ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e lugar em que foi redigido o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento". (BLANCO, 1987, p. 146)

"[...] com a invenção da imprensa, acabaram-se as escolas caligráficas dos mosteiros, transformando-se muitas delas em oficinas tipográficas. A escrita deixou de ser artística, passando a ser essencialmente cursiva". (ACIOLI, 1994, p. 41)

Todo editor de textos antigos precisa levar em consideração, no seu labor filológico, que a leitura e a transcrição de um manuscrito são uma tarefa árdua, mas que pode ser amenizada com a utilização de teorias e técnicas específicas. Ao tratar da edição de textos antigos, Cambraia (2005, p. 22) afirma que "[u]ma das características mais instigantes da crítica textual é a sua transdiciplinaridade". Algumas áreas, segundo o autor ora citado, possuem uma relação muito direta com o ato de editar um texto, a saber: a paleografia (estudo das escritas antigas), a diplomática (estudo de documentos, em especial, os jurídicos), a codicologia (estudo da técnica do livro manuscrito, i. e., do códice), a bibliografia material (estudo da técnica do livro impresso) etc. (cf. CAMBRAIA, 2005, p. 23-29).

Tendo em vista o conhecimento dessas diversas áreas, a seguir, apresentaremos uma descrição codicológica e paleográfica do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*.

2.1 Aspectos codicológicos

A Codicologia nada mais é, segundo Cambraia (2005, p. 26), que "o estudo da técnica do livro manuscrito". Essa área do conhecimento deve "fixar-se sobretudo em compreender os diversos aspectos da confecção material primitiva do códice" (LEMAIRE, 1989, p. 3, citado por CAMBRAIA, 2005, p. 26).

Como o manuscrito objeto de nossa análise faz parte de um conjunto maior, o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, apresentaremos algumas características codicológicas mais amplas do livro e uma análise mais estrita do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*.

O *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, manuscrito integrante do Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO, faz parte do acervo documental do Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira (antigo Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana). Uma análise, mesmo que superficial, do material do livro nos permite afirmar, com propriedade, que ele passou por, pelo menos, uma intervenção material de conservação e restauração. Sobre essa questão, Paglione (2017, p. 58) considera que essas intervenções anteriores são "[m]arca[s] ou vestígio[s] de aplicação de suporte estranho ao original, geralmente de procedência ordinária, que ao

envelhecer causa danos físicos e químicos, sendo necessária, muitas vezes, a sua remoção". Nesse sentido, a intervenção (possivelmente a última) realizada no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, atualmente, gera alguns problemas de leitura do manuscrito, visto que todos os fólios foram cobertos, em sua totalidade, por papel japonês fosco. Dada essa intervenção feita no livro é impossível percerber algumas características do codicológicas como o número de cadernos, o tipo de encadernação, etc.

Um indício que aponta para um processo de restauração do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* é a encadernação moderna e simples que ele carrega (ver Figuras que seguem).

Figura 7 – Foto da capa do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*

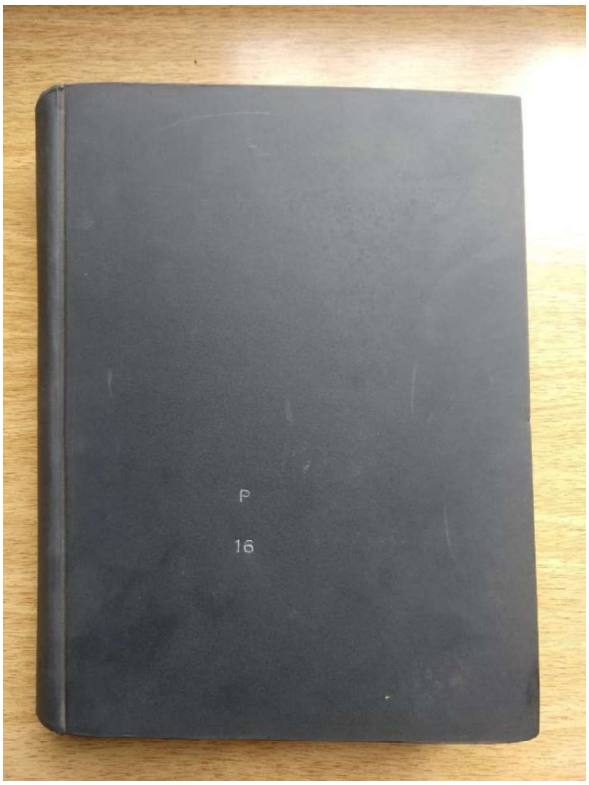
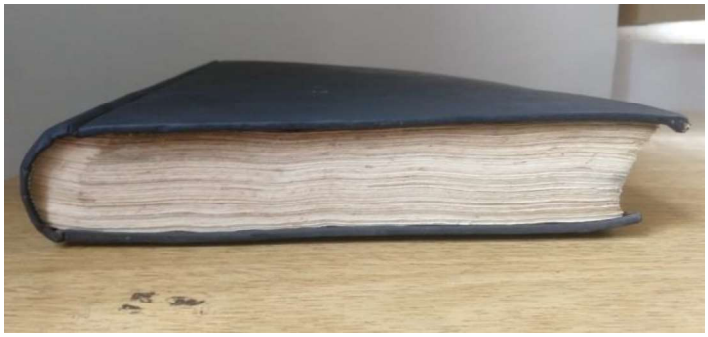


Figura 8 – Foto da encadernação e do corte inferior do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*



Outro sinal de restauração do livro é a costura nova e o cabeceado novo que podem ser vistos nas figuras a seguir:

Figura 9 – Foto do cabeceado e do corte superior do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*

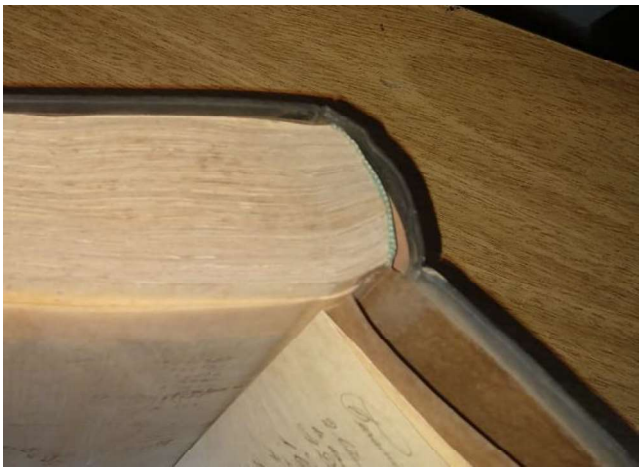
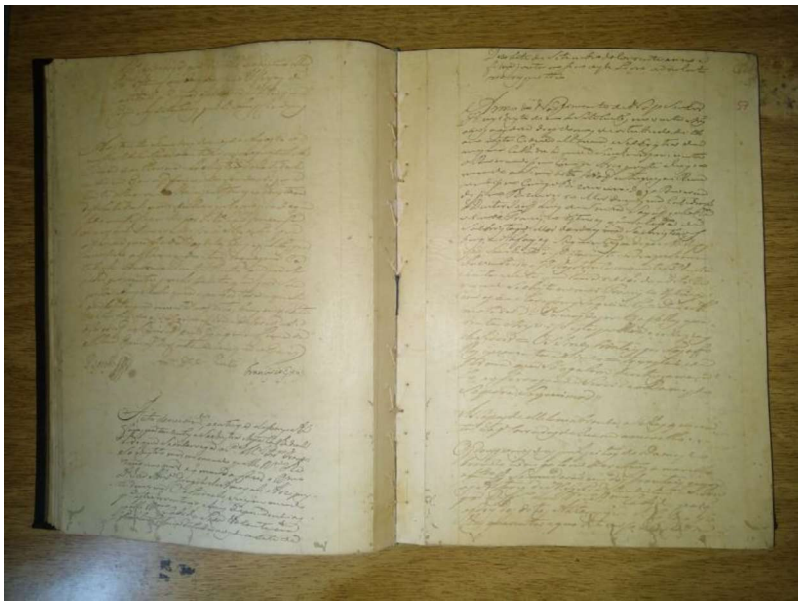


Figura 10 – Foto do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* aberto com costura à mostra



Além dos apontamentos feitos anteriormente, podemos destacar que o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* não possui muitas ocorrências de ataque de insetos e fungos, de bordas quebradiças e possui poucas ocorrências de ação corrosiva causadas por elementos composicionais da tinta. É possível verificar também que a capa está bem presa ao miolo do livro e que a costura não está rompida ou frouxa. Contudo, é possível apontar algumas características negativas, do ponto de vista da conservação, do livro em questão: esmaecimento da tinta em alguns fólios, descoloração de alguns fólios, ondulação de alguns fólios, e o depósito de algumas sujidades em partes do livro.

Um olhar mais estrito, voltado apenas para o *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*, objeto da nossa pesquisa, nos permite apresentar a ficha codicológica que se segue. Essa ficha foi confeccionada a partir do "Guia Básico de Descrição Codicológica" proposto por Cambraia (2005) com algumas adaptações:

Quadro 2 – Ficha codicológica do manuscrito *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*

Cota	Mariana – Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira – Inventário, P16.
Datação	12 de janeiro de 1749 – "Termo de entrega | Aos doze diaz domes deJaneyro de mil e sette centoz quarenta e | nove annoz [...]" (Fl. 5v., l.15).
Lugar	Mariana – "[...] Igreja Cathedral desta cid.^{e} de M.^{na} [...]" (Fl. 5v., l. 16).
Escrivães	Antônio Monteiro de Noronha e Manoel Ferreira Coutinho.
Abertura	"Inventario dos ornamen | tos, emaisbens, q^{e}. vieraõ de Lisboa p.^{a} | estaCathedral de Marianna; aos | quaisoThezr.^{o} Mor dellaJoaõdeCam= | pos Lopes Torres tomou conta por in= | tregaq^{e}. delle lhefes o Sachristaõ | Mor Manoel PereyradePinho, a | cuja a recadaçaõesta(v)ao: estando | prez.^{te}oR.^{do}D.$^{(r)}$rovizo(r) (des)te Bp.^{do}Jo= | ze de Andradae Moraes Eeu"
Composição	O primeiro Inventário é composto por 13 fólios (recto e verso) nas seguintes dimensões: 0,35 x 0,24 m.
Organização da página	Texto escrito em uma única coluna; não pautado; com numeração de páginas apenas no recto (feita posteriormente); presença de rubrica em todos os rectos; presença de reclames no canto inferior direito ao final de alguns fólios.
Intervenção de terceiros	Presença de marcações de registro do arquivo (datas, número de páginas etc.).
Estado do documento	O manuscrito está em ótimo estado de conservação; bordas parcialmente deterioradas; ocorrência reduzida de opistografia, que, por sua vez, não inviabiliza a leitura do documento.

2.2 Aspectos paleográficos

A leitura de um manuscrito, a começar pela decifração da caligrafia, não é uma tarefa simples e fácil. A dificuldade de leitura inicia-se pelo fato de que, ao escrever, qualquer pessoa, imprime, no suporte material, alguns traços particulares. É justamente por essas marcas – quase que uma impressão digital do escrivão – que é possível identificar, por um processo de comparação, se uma letra é ou não de uma determinada pessoa. Segundo Chartier (1999, p. 16), "[a]quele que escreve na era da pena, de pato ou não, produz uma grafia única, diretamente ligada a seus gestos corporais". Outra questão é "que, ao falarmos de escrita, estamos sempre nos referindo à escrita de um tempo, marcada por particularidades, na medida em que expressa a realidade e é dependente da leitura e da interpretação dos sujeitos em relação ao mundo" (RACHI, 2016, p. 266).

Para além disso, existem também as questões mais pontuais como, por exemplo, a variação gráfica, ou polimorfismo gráfico – apontados por Marcotulio *et al.* (2018, p. 140) – que seriam as "distintas possibilidades de grafar o mesmo vocábulo [ou letra]". Ao olhar para um texto manuscrito, percebemos que uma mesma letra pode ser grafada de diferentes formas. O grafema <s>, por exemplo, pode ser longo ou curto, o <r> pode ser regular ou no estilo "dois de conta", os grafemas <i> e <j> ora podem se confundir etc. Essas variações podem ocorrer seja pelo contexto gráfico de ocorrência da letra, pelo estilo de escrita da época e até mesmo pelo estilo de cada escrivão.

2.2.1 O escrivão

O *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*, como consta nos seus termos, foi escrito por Antonio Monteyro de Noronha e Manoel Ferreira Coutinho (apenas nos fólios fl. 5v, fl. 8r., fls. 8v.). Ambos os escrivães eram ajudantes da Câmara Eclesiástica da diocese de Mariana. Segundo Almada (2012, p. 85), o escrivão

> cumpria uma função tanto executiva quanto política, pois da sua atividade resultava a capacidade de guarda e recuperação de informações e documentos comprovativos essenciais à gestão [...]. Dessa forma, as pessoas habilitadas a ocupar esse cargo deveriam ter características específicas, que algumas vezes passavam ao largo da capacidade de ler e escrever, sugerindo que a responsabilidade sob a guarda da documentação era tão importante quanto a sua produção e que o papel de espelho da probidade e do bom caráter servisse de exemplo e referência aos demais.

Sobre a figura do escrivão eclesiástico, Pires (2008, p. 50, grifo nosso) afirma que "[d]ele dependia a integridade e veracidade dos autos. Os requisitos básicos para o cargo eram: *ser eclesiástico* ou secular idôneo e saber ler e escrever". Saber um pouco do perfil social do escrivão é muito importante, pois, segundo Rachi (2016, p. 18), "no referido contexto, em que o domínio da técnica da escrita era capital de poucos, principalmente do segmento masculino, branco e abastado, escrever tornou-se tarefa diversa, nascida, inclusive, das práticas orais".

Em síntese, como aponta Fachin (2014, p. 228),

> [...] conhecer o escriba, a sua formação, isto é, a sua instrução alfabética, revelada muitas vezes pelo cargo que ocupava, e o contexto de produção da documentação brasileira colonial representa importante desafio científico para a Filologia Portuguesa, ainda mais pela escassez de informações sobre essa matéria. A fundamentação de muitas das hipóteses a respeito das oscilações encontradas em manuscritos antigos depende desse conhecimento.

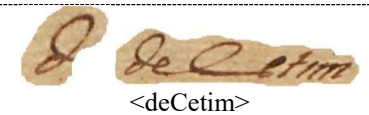
O fato de os dois escrivães do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* serem membros da Câmara Eclesiástica, como apontou Pires (2008), nos dá indícios de que se tratavam de duas figuras pertencentes ao clero marianense. Fazer parte do clero, por sua vez, conferia ao indivíduo um grau de instrução diferenciado, ou seja, os padres, em geral, no período colonial, eram mais letrados do que a população em geral. (Cf. MARTÍN GARCÍA, 2010).

2.2.1.2 O alfabeto do escrivão

Para melhor perceber a variação gráfica presente em um texto, Fachin (2009, p. 259) aconselha que "o editor componha o alfabeto da escrita dos manuscritos que estão sendo editados, selecionando cuidadosamente exemplos de cada letra que vão lhe auxiliar no processo de transcrição". Para Marcotulio *et al.* (2018, p. 42), esse recurso permite ao editor, em caso de dúvidas, "buscar letras semelhantes no mesmo texto, que podem estar em palavras de mais fácil compreensão". Nesse sentido, apresentamos o alfabeto do punho de Antonio Monteyro de Noronha, ajudante da Câmara Eclesiástica da diocese de Mariana, escrivão da maior parte do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Destacamos que, seguindo o modelo proposto por Fachin (2009), não apresentamos a localização (fólio e linha) de cada letra, sobretudo porque o objetivo do alfabeto é permitir a identificação dos diversos alógrafos. Destacamos, também, que, dada a separação

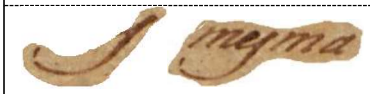
vocabular irregular, consideramos início ou final de palavra, na montagem dos alfabetos, a existência de espaço em branco.

Quadro 3 – Alfabeto do punho do escrivão Antonio Monteyro de Noronha

	INICIAL	MEDIAL	FINAL
A	 <Altar>  <ajoelhar>	 <daestante>	 <melania>
B	 <Bran(c)os>  <bolca>	 <Cabido>  <Coberturas>	-
C	 <Capa>  <Com>	 <daCruz>  <encarnado>	-
D	 <Duas>  <dos>  <de>  <deCetim>	 <deDamasco>  <verde>	-
E	 <Eeu>  <eguarniçaõ>	 <melania>  <daestante>	 <verde>  <estante>

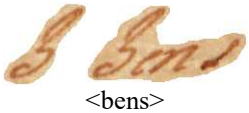
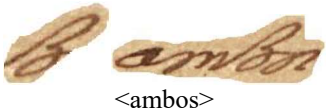
F	 <Faldistorio>	 <Tafetâ>	-
	 <franjas>	 6ªfrª	
	 <falta>		
G	 <Gremial>	 <deGalassê>	-
	 <gorniçoiñs>	 <eguarnicaõ>	
H	 <Hum>	 <Cathedral>	-
	 <huma>	 <oThezr.º>	
	 <hostias>	 <dehombros>	
I	 <Inventario>	 <oito>	-
		 <Pontificais>	
J	 <Jacarandâ>	 <franjas>	-
L	 <Livros>	 <melania>	 <Docel>
	 <Lisboa>		

	 <luvas>  <liso>	 <Cazulla>	
M	 <Mor>  <malania>  <marella>	 <aComunhaõ>  <amittos>	 <guarnicam>
N	 <Nove>	 <Ornamentos>  <branca>	 <guarn.[am]>
O	 <Ornamen(..)>  <outra>	 <Com>  <com>  <deouro>	 <coro>
P	 <Pluviais>  <Pontificais>  <Pavilhoiñs>  <pavilhaõ>	 <Capas>	-

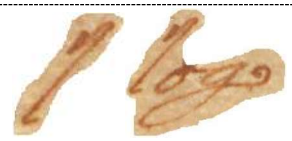
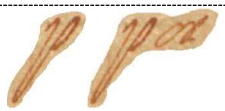
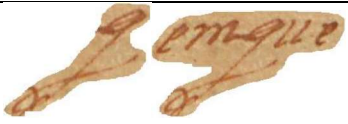
Q	 <Quatro>	 <pequenos>	-
R	 <R.ma>	 <Ornamentos>	 <cobrir>
	 <Roupas>	 <branca>	
	 <Roxo>	 <derenda>	
	 <Ruam>		
S	 <Santos>	 <esta>	 <Lopes>
	 <deSapatos>	 <das>	
	 <Sachristaõ>	 <mesma>	 <Livros>
T	 <Tunicellas>	 <estante>	-
	 <tomou>		
U	-	 <ouro>	 <tomou>
V	 <Vzados>	 <Inventario>	-
		 <Pavilhoiñs>	

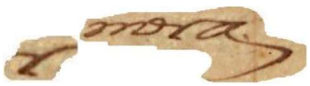
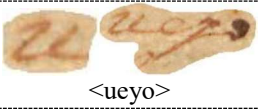
X	-	 <Roxa>	 <Ex.ª>
Y	-	 <meyas>	-
Z	 <(zinho)>	 <doze>	 <Cruz>

Apresentamos, também, o alfabeto do punho de Manoel Ferreira Coutinho. Vale destacar que este escrivão foi responsável apenas pela escrita de três "Termos de entrega" (fl. 5v, fl. 8r., fls. 8v.) do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*.

Quadro 4 – Alfabeto do punho do escrivão Manoel Ferreira Coutinho			
	INICIAL	MEDIAL	FINAL
A	 <Aos>	 <dias>	 <tinha>
	 <Andrada>	 <Cabido>	
	 <annos>	 <Joam>	
	 <ahy>		
B	 <Bispado>	 <Cabido>	-
	 <bens>	 <ambos>	
C	 <Conta>	 <Recebidos>	-
		 <eCada>	

D	 <Doutor>	 <nomeado>	-
	 <de>		
	 <delles>	 <Andrada>	
E	 <Eeu>	 <oescreuy>	 <se>
	 <entrega>	 <detodos>	 <dice>
F	 <Ferreyra>	 <aforma>	-
	 <feito>		
	 <for>		
G	 <goardados>	 <entrega>	-
H	 <hauia>	 <Cathedral>	-
		 <sachristao>	
I	 <inuentr.^{or}>	 <demil>	-
		 <Judecial>	

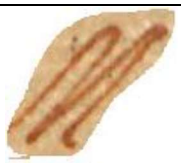
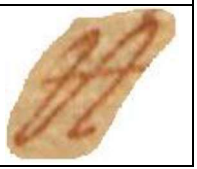
J	 <Joam>	 <deJaneyro>	-
L	 <Lopes>  <logo>	 <delles>	 <mil>
M	 <Morais>  <Mor>  <moueis>	 <tambem>	
N	 <nunca>	 <onde>	-
O	 <on de>	 <dose>	 <Bispado>  <vindo>
P	 <Prouizor>  <Pinho>  <por>	 <pronptor>	-
Q	 <que>	 <emque>	-

R	 <Reuerendo>  <oReuerendo>  <...renta>	 <mora>	 <dar>
S	 <sobre>	 <presensa>  <os>  <todos>  <Arcipreste>  <deseruir>	 <bens>  <mais>  <bens>
T	 <Termo>  <Torres>  <todos>  <todos>	 <sette>	-
U	-	 <Prouizor>  <ueyo>  <Eeu>	 <eu>

V	 <vindo>	-	-
X	-	 <abayxo>	-
Y	-	 deJaneyro>	-
Z	-	 <Tezour.º>	-

Complementar ao alfabeto do punho de Manoel Ferreira Coutinho também apresentamos algumas ocorrências de encontros de letras que podem gerar dúvidas na hora da leitura do manuscrito:

Quadro 5 – Alguns encontros de letras variadas no punho do escrivão Manoel Ferreira Coutinho

AÕ	CC	CH	EX	FF
				
LH	LL		TH	TT
				

2.2.2 Emprego de maiúsculas

O emprego de maiúsculas no manuscrito não possui tanta regularidade. Essa é uma característica de escritas manuscritas, sobretudo cursivas, em que é muito difícil diferenciar algumas letras maiúsculas e minúsculas. Contudo, os escrivães do manuscrito aqui analisado, geralmente, grafam com iniciais maiúsculas os nomes próprios (*Manoel*, *Iosé*, *Pereira*), as alcunhas e títulos (*Bispo*, *Thezoureiro*, *Sachristão*), os nomes sagrados (*Iesus*, *Santo Antônio, Cathedral*), os topônimos (*Marianna*, *Lisboa*), os lugares sacros (*Altar*, *Altar Mor*, *Sacristia*, *Coro*), as repartições eclesiásticas (*Câmara Eclesiastica*) os meses do ano (*Janeiro*) etc.

Por se tratar de um manuscrito que traz a relação de objetos litúrgicos que são utilizados em alguns rituais sagrados, em vários momentos o escrivão faz uso da inicial maiúscula por deferência a determinado objeto.

Com alguns grafemas específicos, a identificação de maiúscula e minúscula não é tão fácil. Dado o formado e o tamanho do grafema <c>, por exemplo, verificamos que se trata de um caso de difícil interpretação. Nos exemplos 1 e 2, supostamente, temos as palavras *Cruz* e *Com* (preposição) grafada com inicial maiúscula e a palavra *cristo* (nome próprio do líder cristão) grafada com inicial minúscula.

(1)  Huma**C**ruz Fl. 4r., l. 15

(2)  **C**om S.^{to} **c**hristo Fl. 6r., l. 20

Outro grafema de difícil interpretação é o <s> que, dado os seus diferentes módulos, pode gerar algumas dúvidas.

(3)  bal**s**amo Fl. 4r., l. 37

(4)  Se**S**agrarem Fl. 4r., l. 36

(5)  Com**S**uas Fl. 4r., l. 24

2.2.3 Abreviaturas

As abreviaturas são recursos muito presentes em textos manuscritos. Um olhar atento a esse recurso nos deixa em dúvida se se trata de uma simplificação ou de complexidade da escrita. Flexor (2008) divide as abreviaturas em três tipos: notas tironianas, siglas e abreviaturas propriamente ditas.

As notas tironianas, segundo Flexor (2008, p. 13), “são a mais antiga forma de “taquigrafia” europeia. Por longo tempo foram quase indecifráveis e, em virtude disso, incluídas entre as escritas misteriosas dos tempos antigos”. Esse tipo de abreviatura, segundo a autora ora citada, era baseado nas letras do alfabeto maiúsculo romano e foram pouco utilizadas nos documentos luso-brasileiros. O segundo tipo de abreviaturas são as siglas que “são letras maiúsculas do alfabeto que sozinhas representam palavras completas e das quais são a inicial. Por exemplo: SS = santíssimo [...]” (FLEXOR, 2008, p. 13). Já as abreviaturas propriamente ditas, também conhecidas como breves, são as outras abreviaturas e, por serem bastante variadas, são subdivididas em outros tipos. Essas subdivisões, contudo, não são consensuais entre os pesquisadores que trabalham com abreviaturas.

Para o nosso trabalho usaremos a tipologia apresentada por Duchowny, Coelho e Coelho (2014), que dividem as abreviaturas em oito tipos: letra sobrescrita, sigla simples, suspensão, contração, mista, sinal especial, numérica e letra reduplicada. A seguir, apresentamos algumas abreviaturas encontradas no *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Vale destacar que, como o nosso foco não é fazer um estudo das abreviaturas do manuscrito, apresentaremos apenas algumas ocorrências de acordo com cada tipo encontrado.

a) Sigla simples: a palavra é representada por sua inicial em maiúsculo ou minúsculo.

(6)  S. (7)  q’.

Fl. 1r., l. 28 Fl. 3v., l. 34

b) Mista: abreviatura criada por meio da junção de mais de um tipo. Nos exemplos a seguir, temos o apagamento de algumas letras da palavra e a sobrescrição de outras. Por isso, trata-se de uma abreviatura mista.

(8)  Ex.ª (9)  R.ma

Fl. 1r., l. 28 Fl. 1r., l. 28

(10)  guarn.[am] (11)  Bp.[do]

Fl. 1r., l. 25 Fl. 1r., l. 11

(12)  p.[a] (13)  d.[a]

Fl. 1v., l. 14 Fl. 1v., l. 19

c) Numéricas: são as abreviaturas que trazem numerais em sua composição.

(14)  5[a]. Fl. 4r., l. 28

A prática de abreviar as palavras é algo ainda muito recorrente na escrita, sobretudo no suporte digital. Nesse sentido, segundo Flexor (2008, p. 11), "[e]xistem abreviaturas de documentos, dos séculos XVI ao XIX, bastante conhecidas e ainda usadas, mas, a par dessas, encontram-se outras desconhecidas na atualidade ou que caíram em desuso", como pode ser observado nos exemplos apresentados anteriormente.

2.2.4 Reclames

Outro recurso muito comum em textos manuscritos, também presente no *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* é o reclame (ou reclamo). Trata-se da antecipação de uma sílaba, palavra e até mesmo de uma frase inteira do início de um fólio no fólio anterior, com o objetivo de facilitar a leitura ao se mudar de página.

(15) 

Quatro > Passagem do fólio 2v. para o 3r.

(16)



Deza- e *Dezasete* > Passagem do fólio 3v. para o 4r.

Uma descrição codicológica e paleográfica como a que fizemos aqui tem peso pela necessidade de se conhecer as características únicas, seja no nível intrínseco ou extrínseco, que cada documento carrega. Justifica-se também por melhor descrever um bem material que está sujeito aos mais diversos processo de deterioração. Sobre essa última justificativa, Castro (2012, p. 48) afirma que

> [o]s agentes de deterioração decompõem a materialidade do objeto cultural e, consequentemente, os valores históricos, sociológicos, informacionais, [linguísticos] e estéticos que lhe são inerentes. A deterioração do patrimônio resulta na destruição, no esquecimento, na perda, na efemeridade.

Dessa forma, cabe aos pesquisadores que lidam com documentos manuscritos colaborar com a sua preservação por meio da realização de edições e de descrições detalhadas dos seus efêmeros objetos.

No próximo capítulo, apresentaremos as edições *fac-símile* e diplomática do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*, bem como a metodologia utilizada para a realização dessas edições.



apítulo 3: Edições fac-similar e diplomática

"[...] a escrita, com efeito, técnica milenar e poderosa, veículo de comunicação privilegiado, seja manuscrita, impressa ou digital, é sempre um produto das condições sociais, econômicas, políticas e culturais das sociedades e dos homens que a dominam". (AZEVEDO-SANTOS, 2004, p. 13)

"[...] todo manuscrito põe diante dos olhos do leitor um conjunto de características que revelam o nível de conhecimento da língua utilizada por quem o produziu, o que está intrinsecamente associado ao grau de domínio do ato de escrever nessa língua". (MEGALE *et al.*, 2007, p. 128)

"Certo é, porém, que, apenas pela curiosidade que esses manuscritos despertam em nós, já valeria muito o tempo gasto de leitura, de reflexão, de espanto... Quem sabe! Seja o que for, há de ser um ganho". (SANTIAGO-ALMEIDA, 2016, p. 148)

A forma de se ter acesso ao conteúdo de um texto manuscrito só é possível pela consulta direta ao original ou por meio de uma edição daquele manuscrito. Sabemos que a consulta ao manuscrito físico é permeada por diversos obstáculos, sejam de ordem de acesso ao arquivo custodiador do documento, de condições de conservação do manuscrito ou até mesmo de familiaridade com a caligrafia da época.

Nesse sentido, as edições de textos antigos podem auxiliar as pessoas – de pesquisadores a leigos – que, por algum motivo necessitem ter acesso a uma dada fonte documental. Entre os tipos de edição, há aquelas mais conservadoras e aquelas mais modernizadoras. Cada qual, com as suas normas e particularidades, servem a objetivos e públicos diferentes. Segundo Cambraia (2005, p. 90),

> [a] escolha de um dos tipos fundamentais de edição para ser aplicado a um texto exige especial reflexão do crítico textual, pois cada tipo tem características muito próprias e distintas. Por isso, dois aspectos, em especial, devem ser necessariamente observados: o público-alvo almejado e a existência de edições anteriores.

Em nossa pesquisa, realizada na área da linguística, temos um grande interesse pelo registro de língua contido no texto manuscrito. Por isso, optamos por edições mais conservadoras, com o objetivo de preservar ao máximo o texto escrito de uma época um tanto distante da nossa.

No campo da linguística, diversos são os pesquisadores que editam textos manuscritos para realizarem suas pesquisas. Destacamos algumas ponderações importantes de três linguistas/filólogas, com as quais concordamos, que nos ajudam a justificar os tipos de edição escolhidas. Mattos e Silva (2008, p. 15, grifos da autora) afirma que

> [n]o que se refere à metodologia, deve-se ressaltar que não se pode nem se deve utilizar qualquer edição de texto passado para a análise histórico-diacrônica: a edição tem de ter sido feita com *rigor filológico* e com o objetivo claro de servir a estudos linguísticos; há edições úteis ao historiador ou ao estudioso da literatura ou ao chamado grande público, mas que, contudo, não devem ser usadas para estudos de história linguística.

Nessa mesma linha, Lose; Telles (2017, p. 277-278) reconhecem que

> [o] mais importante dentro do comportamento metodológico do editor é ter como ponto de partida, sempre, uma lição conservadora, que vai permitir na sequência preparar o texto para o tipo de edição escolhida.

> [...] Assim, quer se trate de edição crítica de texto medieval ou de texto moderno, o comportamento do editor crítico deve buscar preservar as características do corte sincrônico representado pela língua em que o texto foi vazado.

Dito isso, as edições que ora apresentamos do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* são uma edição fac-símile e uma edição diplomática. A edição fac-símile (também conhecida como fac-similar, fac-similada ou mecânica), corresponde à reprodução por meio de fotografia, escâner, xerox ou microfilme de cada fólio do manuscrito. As vantagens e desvantagens desse tipo de edição, segundo Cambraia (2005, p. 91-92), é que permite "o acesso ao texto de forma praticamente direta, o que confere ao consulente grande autonomia e liberdade de interpretação do testemunho", mas pode "ser consultada apenas por especialistas, porque pressupões a capacidade de se ler um texto na escrita original".

Ainda sobre a edição fac-símile, Cambraia (2005, p. 91, grifos do autor) destaca que essa edição "baseia-se, em princípio, no *grau zero de mediação*, porque, neste tipo, apenas se reproduz a imagem de um testemunho através de meios mecânicos [...]". É preciso, contudo, muita cautela para interpretar esse "grau zero de mediação". Uma reprodução mecânica, por maior qualidade que tenha, não representa fidedignamente todas as particularidades – formato, suporte, marca d'água, cor etc. – do original. Diversos fatores, desde a iluminação até as características da ferramenta utilizadas para se reproduzir a imagem, podem alterar o produto final. Sobre a fotografia, por exemplo, Barthes (1984, p. 129) destaca que ela "pode mentir quanto ao sentido da coisa, na medida de sua natureza tendenciosa, cheia de intenções, mas jamais quanto a sua existência". Portanto, é fato que a mediação na edição fac-símile é baixa, mas não zero.

Já a edição diplomática é aquela em que o editor transcreve "rigorosamente todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc." (CAMBRAIA, 2005, p. 93). Essa edição já facilita um pouco a leitura do texto, mas ainda exige uma certa experiência e habilidade, sobretudo, com as abreviaturas e com a separação vocabular. É preciso frisar, contudo, como aponta Cambraia (2005, p. 94, grifos nossos), "que, mesmo sendo bastante rigorosa, uma edição diplomática *já constitui uma interpretação subjetiva, pois deriva da leitura que um especialista faz do modelo*". É, justamente, por esse caráter subjetivo que

optamos em apresentar duas edições do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Por meio da comparação das edições (*fac-símile* e diplomática), um leitor atento pode, inclusive, discordar da nossa leitura e transcrição.

No caso da edição fac-símile, foi realizada a digitalização de cada fólio do manuscrito por meio de um aparelho de escaneamento Zeutschel OS 1200[8]. As imagens foram salvas em arquivos de extensão .jpg, com largura e altura aproximadas de 3000 e 4500 *pixels*, respectivamente, e com a resolução de 300 *pixels* por polegada.

A edição diplomática, por sua vez, foi realizada por meio das normas de transcrição propostas por Mattos e Silva (2001), com algumas adaptações nossas.

3.1 Normas de edição

Seguem as normas utilizadas, adaptadas de Mattos e Silva (2001):

1. A transcrição será conservadora.

2. As abreviaturas não serão desenvolvidas.

3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “eguarnição” “deouro”; “deDamasco”; “emesma” “amare llo”.

4. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba será marcado [*espaço*]. Exemplo: “que podem perjudicar. [*espaço*] Osdias passaõ eninguemcomparece”. A sinalização [*espaço*] não se aplica aos espaços em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.

5. A acentuação original será mantida. Exemplos: “aRepublica”; “docommercio”; “tambem”; “vêos”; “jacaranda”; “deTafetâ”; “Tres”; “fomos a ele”; “fomos á ele”; “fomos à ele”. Os sinais de separação de sílaba ou de linha, usados pelos autores dos diversos documentos, serão mantidos como no original. Exemplos: “; “atira- | mos” e “atira= | mos”.

[8] Para essa etapa, contamos com a colaboração da arquivista e secretária do Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira, Luciana Viana Assunção.

6. A questão do módulo para determinar a maiusculização é algo tão subjetivo, que até mesmo a interpretação do editor sobre o mesmo grafema varia, de palavra para palavra. Nesse sentido, tentará respeitar o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7. Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios:

a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <↑>, se na entrelinha superior; <↓>, se na entrelinha inferior. Por exemplo: "<↑a pala reprovada>". Se houver palavra(s) riscada(s) abaixo da inserção, devera haver menção ou, conforme sua legibilidade, transcrição em nota de rodapé. Exemplos, "Nota 1: abaixo de <↑todos> há palavra suprimida"; "Nota 2: abaixo de <↑todos> foi riscado 'dentre'."

b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que olugar convencionado é acasa dePedro nolargo damatriz>. Caso seja necessário, ficará em nota de rodapé a devida descrição da direção de escritura ou quaisquer outras especificidades. Exemplo: "nota 1: Escrito verticalmente de cima para baixo".

8. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplos: "nenhuma ~~ninguem d~~as presentes tt assignarom; cahiram ~~cahiram~~ todos".

9. Intervenções de terceiros no documento original serão transcritas entre os sinais << >>, na localização indicada, seguidas de nota de rodapé informando-se a localização.

10. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem a dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre parênteses. Exemplo: "naõ deixe passar neste (registro) de Areas". Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre parênteses. Exemplos: "calix de (ouro)"; "dous ornamentos da mesma me(lani)a e guarniçaõ".

11. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [*ilegível*] para vocábulos e [*ilegível + nº linhas*] para a extensão de trechos maiores.

Exemplos: “É assim pe[.]r.”; “É assim [*ilegível*] na Cathedral”; “É assim [*ilegível + 2 linhas*] em Marianna”. Caso suponha ser extremamente necessário, o editor indica em nota a causa da ilegibilidade: corroído, furo, borrão, rasura etc.

12. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifrada(s), sem deterioração do suporte, justifica(m) intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: (?) para letras, [*inint*.] para vocábulos e [*inint*. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[?]r.”; “É assim [*inint*.] na Cathedral”; “É assim [*inint*. + 2 linhas] em Marianna”.

13. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição. A distribuição espacial na macha de escrita também será o mais fiel possível ao original.

14. As páginas serão numeradas de acordo com o documento original, indicadas, nesse caso, entre duas barras verticais, além de apresentar o estado do fólio: se o original não for numerado ou estiver ilegível a sua numeração, os números acrescentados serão impressos entre colchetes. Exemplos: ||fl.1r. ||, [fl. 1v].

15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira não contínua, ou seja, fólio por fólio.

16. Os sinais públicos, diferentemente das assinaturas e rubricas simples, serão sublinhados e indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples, Bernardo Jose de Lorena; sinal público, [Joaõ deCampos Lopes Torres].

17. Informações que o editor julgar significativas sobre a diagramação e *layout* do texto devem aparecer em nota de rodapé.

3.2 Edições

A seguir são apresentadas as edições fac-similar e diplomática do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* contido no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana (1749-1904)*, manuscrito inscrito no Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO.

Inventario dos Ornamentos, emais bens, q. Vierão de Lisboa p.ª esta Cathedral de Marianna: dos quais o Exm.º Sñor dellа Joaõ de Campos Lobo Torres tomou Conta por intrega q.º delle lhe fez o Sñor Egistaõ Victor Manuel Pereyra de Pinto a cuja a Entrega se estava: estando presz.tes o Sñr. Dr. Ouvidor Cte. e Bp.al Jozé de Andrada e Moraes Pau

1

Cotedral

1749 – 1904

Ornamentos Pontificaes Brancos

Huma Capa de perges de melania com gornição de franja e cadaõ de ouro ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Huma Cazulla com estola, e manipulo da mesma melania e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Dous Tunicellos da mesma melania e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Dous panos de estante pequenos do Missal da mesma melania, e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Hum gramial da mesma melania e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Hum pano de hó com guarnição de Ouro " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Dous Dalmaticas de melania com mesma guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Huma bolsa com Corporaes, e Véo da mesma melania, e guarn.am " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Hum par de Sapatos Tuxos emeyas da mesma melania e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Huma Almofada do Altar da mesma melania e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Huma Almofada de Damasco com guarnição de Ouro p.ª o Bm.o ajoelhar " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Hum Docel da mesma melania e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Hum Palio da mesma melania e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Tres Alvas, Huma branca Lisa de Damasco, outra de melania e Marella com galaõ de ouro, outra Lisa bordada de ouro com pedras de diversas Cores " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Ornamentos Pontificaes encarnados

Huma Capa de perges de melania com guarnição de ouro " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

Huma Cazulla com estola e manipulo da mesma melania e guarnição " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— " ———— "

||Fl. 1r||

([Andr.ª])[9]

Inventario dos ornamen
tos, emaisbens, q̃. vieraõ de Lisboa p.ª <<1>>
estaCathedral de Marianna; aos
quaisoThezr.º Mor dellaJoaõdeCam=
pos Lopes Torres tomou conta por in=
trega q̃. delles lhefes o Sachristaõ
Mor Manoel Pereyrade Pinho, a
cuja a recadaçaõ esta(v)ao: estando
prez.teoR.doD.(r)Provizo(r) (des)te Bp.doJo=
ze de Andradae Moraes Eeu

Ornamentos Pontificais Bran(c)os

HumaCa(pa) das perges de melania com gorniçoinsdefranja e(g)alaõ
de ouro // ——— // ———// ———// ———// ———// ———// ———// — //
HumaCazulla com estolla, emaniplo damesma melania eguarnição//
Duas Tunicellas da mesma melania eguarnição // ———// ———//
Dous panos de estante pequenos do Missal da mesma melania, e
guarnição// ———// ———// ———// ———// ———// ———//
Húm gremial damesma melania eguarniçaõ// ———// ———//
Humpanodelo com guarnição deOuro// ———// ———//
Duas Dalmaticas de m(e)lania e mesmaguarnição// ———// ———//
Huma bolça[10] comCorporais, eVeô da mesma melania, eguarn.am—//
Hum par deSapatos Luvas, emeyas da mesma melania eguarnicaõ //
Huma Almofada do Altar da mesma melania eguarniçaõ //———//
Huma Almofada deDamasco com guarnição de retrós p. ª S. Ex.ªR.ma
ajoelhar// ———// ———// ———// ———// ———// ———//
Hum Docel da mesma melania eguarniçaõ// ———// ———//
Hum Palio da mesma melania eguarniçaõ// ———// ———//
Tres Mitras, huma brancaliza deDamasco, outra de melania a
marella com gallaõ deouro, outra rica bordada deouro com pedras
de diversas cores // ———// ———// ———// ———// ———//

Ornamentos Pontificais encarnados

Huma capa das perges de melania comguarnição deouro // ———//
Humacazullacomestollaemaniplo da mesma melania eguarniçaõ.
//————————————————————————————————//

[9] Rubrica presente em todos os fólios.
[10] A cedilha é pouco visível.

eguarnição ||——||——||——||——||——||——||
Duas Tunicellas damesma melania eguarnição ||——||——||——||
Dous panos de estante do Missal damesma melania, eguarnição ||——||
Hum Gremial damesma melania eguarnição ||——||——||——||
Hum Faldistorio damesma melania eguarnição ||——||——||——||
Hum pano de hó damesma melania eguarnição ||——||——||——||
Duas Dalmaticas damesma melania eguarnição ||——||——||——||
Huma Bolça de Corporaes com seo da mesma melania, eguarn.am ||
Hum par de Sapatos meyas, e Luvas damesma melania eguarn.am ||
Huma Almofada p.o Altar damesma melania eguarnição ||——||
Huma Almofada de Damasco com guarnição de Setim ||——||——||
Hum Dozel de Damasco com guarnição de Setim ||——||——||——||
Hum pano Liso de Damasco p.a cobrir a Cadeyra ||——||——||——||

Ornamentos Pontificaes de melania Verde

Huma Capa dasperges dad.a com franja galham, eguarn.am de ouro ||——||
Huma Casulla com estola e manipulo dad.a eguarnição de ouro ||——||
Duas Tunicellas dad.a eguarnição do d.o ||——||——||——||
Dous panos de estante do Missal dad.a eguarnição do d.o ||——||——||
Hum Gremial dad.a eguarnição do d.o ||——||——||——||——||
Hum Faldistorio dad.a eguarnição do d.o ||——||——||——||——||
Huma Bolça de Corporaes com seo dad.a eguarnição do d.o ||——||——||
Hum par de Sapatos meyas, e Luvas dad.a eguarnição do d.o ||——||——||
Huma Almofada de Damasco com guarnição de Setim p.a S. Ex.a ejuella ||
Huma Almofada de Altar de melania, eguarnição de ouro ||——||——||

Ornamentos Pontificaes de melania Roxa eguarnição de Ouro.

Huma Capa dasperges de melania com franja e galão de ouro ||
Huma Casulla com estola e manipulo damesma, e mesma guarnição ||
Duas Tunicellas damesma, e mesma guarnição ||——||——||——||
Dous panos de estante do Missal damesma, e mesma guarnição ||——||
Hum Gremial damesma, e mesma guarnição ||——||——||——||——||
Hum Faldistorio damesma, e mesma guarnição ||——||——||——||——||
Huma Bolça de Corporaes com seo Véo da mesma, e mesma guarn.am ||
Hum par de Sapatos meyas, e Luvas damesma, e mesma guarn.am ||——||
||——||

[Fl. 1v]

eguarniçaõ// ——// ——// ——// ——// ——// ——//
Duas Tunicellas[11] (d)amesma melania eguarniçaõ// ——// ——//
Dous panos de estante doMissal da mesma melania,eguarniçaõ——//
Hum Gremial da mesma melania, eguarniçaõ// ——// ——//
Hum Faldistorio damesma melania eguarniçaõ// ——// ——//
Hum pano delô damesma melania eguarniçaõ// ——// ——//
Duas Dalmaticas da mesma melania eguarniçaõ// ——// ——//
Huma Bolça decorporais com veoda mesma melania, eguarn.^{am}//
Hum par deSapatos, meyas, eluvas damesma melania eguarn.^{am}//
Huma Almofada p.^{a}oAltar da mesma melania eguarniçaõ.// ——//
Huma Almofada deDamasco com guarniçaõ de retrôs// ——//
Hum Docel deDamasco comguarniçaõ de retrós// ——// ——//
Humpano Liso deDamascop.^{a} cobrir acadeyra// ——// ——//

Ornamentos Pontificais de melania Verde

Humacapa dasperges dad.^{a}comfranja galloin̄s, eguarn.^{am} de ouro ——//
Huma Cazulla Com estolla emaniplo dad.^{a} eguarniçaõ deouro // ——//
Duas Tunicellas da d.^{a} eguarniçaõd(o)d$^{(o)}$// ——// ——// ——//
Dous panos de estante doMissal dad.^{a} eguarniçaõ do d.^{o}// ——//
Hum Gremial da d.^{a}, eguarniçaõ do d.^{o}// ——// ——// ——//
Hum Faldistorio da d.^{a}eguarniçaõ do d.^{o}// ——// ——// ——//
Huma Bolça decorporais com veô da d.^{a}, eguarniçaõ do d.^{o}// ——//
Humpar deSapatos meyas, eluvas dad.^{a} eguarniçaõ dod.^{o} // ——//
Huma Almofada deDamasco com guarniçaõ deretrós p.^{a} S. Ex.^{a} ajoelhar//
Huma Almofada do Altar demelania, eguarniçaõdeouro// ——//

Ornamentos Pontificais de melania Roxa[12]
eguarniçaõdeOuro.

Humacapa dasperges de melania comfranja egalaõ deouro//
Humacazulla comestolla emaniplo damesma, emesma guarniçaõ//
Duas Tunicellas damesma, e mesma guarniçaõ// ——// ——//
Dous panos de estante do Missal damesma, emesma guarniçaõ—//
Hum Gremial damesma, emesmaguarniçaõ// ——// ——//
Hum Faldistorio damesma, emesma guarniçaõ// ——// ——//
Huma Bolça decorporais comseoveô damesma, emesma guarn.^{am}//
Hum par deSapatos meyas, eluvas damesma, emesma guarn.^{am}// ——//
// ——— // ——— // (H)[13]

[11] Há um traço leve cortando o grafema "T" dando a impressão de ter sido grafado um "F".
[12] Há um pequeno acúmulo de tinta entre os grafemas "o" e "x".
[13] Este grafema está muito na margem do documento. Contudo, por se tratar de um livro, é possível recuperá-lo na imagem do fólio seguinte.

Hũa Almofada do Altar da mesma, emesma guarnição ——— ||
Hũa Almofada de Damasco com guarn.ão de Setim p.ª S. Ex.ª ajoelhar ||
Hum Docel de Damasco com guarnição de Setim ——— || ——— || ——— ||
Hum pano de Damasco Viõe p.ª cobrir a Cadeyra ——— || ——— ||

2

Ornamentos Pontificaes de Damasco prado e guarnição de Ouro.

Hũa Capa de pergo de Damasco com guarnição de ouro ——— ||
Hũa Casulla com estolla, e manipulo do mesmo, emesma guarn.ão ——— ||
Dous Tunicellas do mesmo, emesma guarnição ——— || ——— ||
Hum pano de estante do Altar do mesmo, emesma guarnição ——— ||
Hum Gremial do mesmo, emesma guarnição ——— || ——— || ——— ||
Hum Calefatorio do mesmo emesma guarnição ——— || ——— || ——— ||
Hũa Bolsa de Corporaes com Sua Viõe do mesmo, emesma guarn.ão ——— ||
Hũa Almofada do Altar do mesmo emesma guarnição ——— || ——— ||
Hũa Almofada de Damasco com guarnição de Setim p.ª S. Ex.ª ajoelhar ||

Ornamentos de N.ra e P.ra Cabido.

Brancos

Hũa Capa Pluvial de melania branca com guarnição de Ouro ——— ||
Hũa Casulla do mesmo, e galoins de Ouro ——— || ——— || ——— ||
Hum Frontal do mesmo, e galoins de Ouro ——— || ——— || ——— ||
Hum pano de finalgia do mesmo, emesmo galão ——— || ——— || ——— ||
Hũa Almofada de Altar de Damasco com guarnição de Setim ——— ||
Dous Dalmaticas de Damasco com guarnição de Setim ——— || ——— ||
Sette Casullas de Damasco com guarnição de Setim ——— || ——— ||
Hum Viõ de Embrog de Cetim com guarnição de Setim ——— ||
Hum pano de estante da Cor de Damasco, com guarn.ão de Setim ——— ||
Sette Bolsas de Corporaes de Damasco com guarn.ão de Setim ——— ||
Sette Veos de Tafetá ——— || ——— || ——— || ——— ||
Sette Pluviais de Damasco com guarn.ão de Setim ——— || ——— ||
Dous pano de estante de Altar de Damasco com guarn.ão de Setim ——— ||
Nove Frontais de Damasco com guarnição de Setim ——— || ——— ||
Hum pano de Pulpito da mesma Cor, com guarnição de Setim ——— ||

Ornamentos encarnados de Damasco e melania com guarnição de ouro, e Setim.

——— || ——— ———

||Fl. 2r.||

([Andr.ª])

Huma Almofada doAltar d(a)mesma, emesma guarniçaõ// ——//
Huma Almofada deDamasco com guarn.am de retrôsp.ª S. Ex.ª ajoelhar //
Hum Docel deDamasco com guarniçaõ de retrôs// ——// — // —//
Humpano deDamasco lísop.ª cobrir acadeyra——// ——//

<<2>>

Ornamentos Pontificais deDamasco preto
eguarniçaõdeOuro.

Humacapa das perges deDamasco com guarniçaõ deouro// ——//
Humacazulla com estolla, emaniplo domesmo, emesma guarn.am// ——//
Duas Tunicellas domesmo, emesma guarniçaõ// ——// ——// ——//
Dous panos de estante doMissal domesmo, emesma guarniçaõ// ——//
Hum Gremial domesmo, emesma guarniçaõ// ——// ——// ——//
Hum Faldistorio domesmo, emesma guarniçaõ// ——// ——// ——//
Huma Bolça deCorporais com seovêo domesmo, emesma guarn.am// ——//
Huma Almofada do Altar domesmo emesma guarniçaõ// ——// ——//
HumaAlmofada deDamasco com guarniçaõ de retrôsp.ª S. Ex.ª ajoelhar //

Ornamentos do Ill.moeR.mo cabido.
Brancos

Humacapa Pluvial de melania branca com guarniçaõdeouro// ——//
Humacazulladamesma, egaloinsdeouro// ——// ——// ——//
HumFrontaldamesma, egaloinsdeOuro// ——// ——// ——//
Hum pano depulpito damesma, emesmo galão // ——// ——// ——//
Huma Almofada do Altar deDamasco com guarniçaõ de retrôs// ——//
Duas Dalmaticas deDamasco com guarnição de retrôs // ——// ——//
Settecazullas deDamasco com guarniçaõ de retrôs // ——// ——//
Hum vêodehombros de cetim com guarniçaõ de retros —// ——//
Hum pano de estante docoro de Damasco, com guarn.am de retros // ——//
SetteBolças decorporais deDamasco com guarn.am de retrôs// ——//
SetteVeôs de Tafetâ// ——// ——// ——// ——// ——//
Sette Pluviais deDamasco com guarn.am de retros // ——// ——//
Dous panos deestante de Missal deDamasco com guarn.am de retrôs// ——//
Nove Frontais deDamasco com guarniçaõ de retros // ——// ——//
Hum pano dePulpito damesmacor, com guarniçam de retrôs amarello //

Ornamentos encarnados deDamasco, e
melania com guarniçaõdeOuro, e retros.

// ——————————— // ——————————— // (H)[14]

[14] O reclame está muito na margem do fólio.

Huma Capa Pluvial de melania com guarnição de Ouro — " — "
Huma Cazulla damesma, e galoins " — " — " — "
Hum pano de Pulpito damesma, emesmo galoins " — " — "
Huma Almofada do Altar de Damasco com guarnição de Setim " — "
Duas Dalmaticas de Damasco com guarnição de Setim " — " — "
Sette Cazullas domesmo com guarnição domesmo " — " — "
Hum Véo de Ombro de Setim com guarnição de Setim " — "
Hum pano da estante do Coro de Damasco com guarnição de Setim — "
Sette Bolsas de Corporais de Damasco com guarn.ão de Setim " — "
Sette Véos de Tafetá " — " — " — " — "
Sette Pluviais de Damasco com guarnição de Setim " — " — "
Dous panos de estante de Missal de Damasco com guarnição de Setim "
Nove Frontais de Damasco com guarnição de Setim " — " — "
Hum Frontal de Melania com guarnição de Ouro " — " — "
Hum pano de Damasco da mesma Cor, e com o mesmo galoins de Setim amarello " — " — " — " — " — " — "

Cortou-se por pano de pulpito.

Mamento Verde de Damasco com guarnição de Setim amarello.

Nove Frontais de Damasco com guarnição de Setim " — " — "
Hum pano de Pulpito de Damasco, emesma guarnição " — " — "
Sette Cazullas com Suas grolhas, emanipolos domesmo, emesma guarn.ão " — "
Duas Dalmaticas domesmo, emesma guarnição " — " — " — "
Dous panos de estante do Missal domesmo, emesma guarnição " — "
Hum pano da estante grande domesmo, emesma guarnição " — "
Hum Véo de Ombro de Setim, e guarnição de Setim " — "
Sette Bolsas de Corporais de Damasco com Sette véos de Tafetá, e guarnição de Setim " — " — " — " — " — "
Tres Capas de Agorgy de Damasco com guarn.ão de Setim " — "
Huma Almofada do Altar mor domesmo, e guarn.ão domesmo " — "
Nove Sanefas de Brim verde com Sua guarn.ão amarella p.a Coro e Altar " — " — " — " — " — " — "
Hum pano de Pulpito de Damasco da mesma Cor com o mesmo galoins de Setim de Setim amarello " — " — " — " — "

Mamento Roxo de Damasco e guarnição de Setim.

" — " — "

Guarda

[Fl. 2v.]
Humacapa Pluvial de melania com guarniçaõ deouro—// ——//
Humacazulla damesma, egaloins// ——// ——// ——//
Huma pano dePulpito damesma, emesmos galoins// ——// ——//
Huma Almofada doAltar deDamasco com guarniçaõ de retrôs// ——//
Duas Dalmaticas deDamasco com guarniçaõ de retrôs// ——// ——//
Settecazullas domesmo com guarniçaõ domesmo// ——// ——//
Hum vêo dehombros decetim com guarniçaõ de retros // ——//
Hum pano da estante do Coro deDamasco comguarniçaõ de retrôs ___//
Sette Bolças deCorporais deDamasco com guarn.^{am} de retrôs// ——//
Sette vêos deTafettâ// ——// ——// ——// ——// ——//
Sette Pluviais deDamasco com guarniçaõ de retrôs// ——// ——//
Dous panos da estante de Missal deDamasco comguarnição de retros //
Nove Frontais deDamasco com guarniçaõ de retros // ——// ——//
Hum Frontal deMelania com guarniçaõ de ouro // ——// ——//
Huma pano deDamasco da mesma cor, e com osmesmos galoins de retrôs
amarello// ——// ——// ——// ——// ——//——// ——//
<↑entendese por panodepulpito.>

Ornamentos verde de Damsco com guar=
niçaõ de retros amarelo.
NoveFrontais de Damasco com guarniçaõ de retros // ——// ——//
Hum pano dePulpito deDamasco, emesma guarniçaõ// ——//
SetteCazullas com suas estollas, emaniplos domesmo, emesma guarn.^{am} //
Duas Dalmaticas do mesmo, emesma guarniçaõ// ——//——// ——//
Dous panos de estante doMissal domesmo, e mesma guarniçaõ// ——//
Hum pano da estante grande domesmo, emesma guarniçaõ// ——//
Hum vêo dehombros decetim, e guarniçaõ de retros // ——//
SetteBolças decorporais deDamasco com sette vêosdeTafetâ, e
guarniçaõ de retros // ——// ——// ——//——// ——//
Tres capas das perges deDamasco com guarn.^{am} de retros // ——//
Huma Almofada do Altar mor domesmo, eguarn.^{am}domesmo// ——//
Novesarassas de Brim verde comsua guarn.^{am} amarela p.^{a} cobrir
os Altares // ——// ——// ——// ——//——// ——//
Humpano dePulpito deDamasco da mesmacor com osmesmos ga
loins de retros (a)[15]marello// ——// ——// ——//——// ——//

'Ornamentos Roxos deDamascoeguar=
niçaõ de retros.
// ——————————————— // ——————————————— //

Quatro

[15] Há um borrão de tinta sobre este grafema, que, contudo, não impede uma leitura interpretativa.

Quatro Capas Pulviais de Damasco com guarn.am de Setim ||—||
Oito Cazullas com Suas estollas emanipulos do mesmo ||—||
Duas Dialmaticas do mesmo ||—||—||—||—||
Dous panos de Estante do missal do mesmo ||—||—||
Hum pano grande da Estante do mesmo ||—||—||
Hum Estollão do mesmo ||—||—||—||—||
Huma Almofada do Altar do mesmo ||—||—||—||
Sette Bolsas de Corporais do mesmo, e Sette Vêus de Tafetá ||—||
Nove Frontais do mesmo ||—||—||—||—||
Hum Vêo de Cambray de Setim com guarn.am de Setim ||—||
Duas Cobertas da Cruz, Esta de Damasco com guarnição de ouro, esta
outra do mesmo com guarnição de Setim ||—||—||—||
Hum pano grande de Damasco da a doração da Cruz em 6as fr.as da
Paixão ||—||—||—||—||—||—||
Hum pano de pulpito de Damasco com franjas de Setim amarello ||

Ornamentos pretos de Damasco.

Nove Frontais de Damasco com franja, e guarn.am de Setim amarello ||
Duas Dialmaticas do mesmo, e mesma guarn.am ||—||—||
Hum Estollão do mesmo ||—||—||—||—||
Sette Vêus de Tafetá ||—||—||—||—||
Sette Bolsas de Corporais de Damasco ||—||—||—||
Tres estollas, e tres manipulos Soltos do mesmo ||—||—||—||
Dous panos de estante do missal do mesmo ||—||—||
Tres Capas Pulviais do mesmo ||—||—||—||
Huma Almofada do mesmo ||—||—||—||
Hum pano de Tumba do mesmo ||—||—||—||
Nove ornamentos do mesmo, menos duas estollas, e dous manipulos ||

Cavilleiros grandes e pequenos verdes.

Verde S.ta Sacrario.

Hum cavilleão de melania encarnado com guarn.am de ouro ||—||
Hum cavilleão de Damasco encarnado com guarn.am de ouro —||
Hum cavilleão de melania branca com guarnição de ouro ||—||
Hum cavilleão de Damasco branco com guarn.am de ouro ||—||
Hum cavilleão de Damasco verde com guarnição de ouro ||—||
||—||

||Fl. 3r.||

([Andr.ª])

Quatro capas Pulviais deDamasco com guarn.am de retrôs// ——//
Oitocazullas comsuas estollas emaniplos domesmo// ——// <<3>>
Duas Dialmaticas do mesmo // ——// ——//——// ——//
Dous panos deestante do missal do mesmo // ——//——// ——//
Hum pano grande daestante do mesmo // ——//——// ——//
Hum estollaõ do mesmo // ——// ——//——// ——//
Huma Almofada doAltar domesmo// ——//——// ——//
SetteBolças decorporais do mesmo, esette veôs deTafetâ// ——//
NoveFrontais do mesmo // ——// ——//——// ——//
Hum Vêo dehombros decetim comguarn.am de retros // ——//
Duas coberturas dacruz, huã de Damasco com guarniçaõ deouro, eou=
tradomesmo com guarniçaõ de retros // ——//——// ——//
Hum(a)[16]pano grandede Damasco da adoração dacruz em 6ªfr.ª da
Paixaõ// ——// ——// ——// ——//——// ——//
Humpano depulpito deDamasco com franjas de retrôs amarelo //

Ornamentos pretos de Damasco.

Nove Frontais deDamasco comfranja, eguarn.am de retrôs amarelo //
Duas Dialmaticas domesmo, emesma guarn.am//——// ——//
Hum estollaõ do mesmo // ——// ——//——// ——//
SetteVêosdeTafetâ// ——// ——//——// ——//
SetteBolças decorporais deDamasco// ——//——// ——//
Tres estollas, e tresmaniplos Soltos domesmo// ——//——// ——//
Dous panos de estante do missal do mesmo //——// ——//
Tres capas Pulviais do mesmo // ——//——// ——//
Huma Almofada do mesmo // ——//——// ——//
Humpano deTumba do mesmo // ——//——// ——//
Nove ornamentos do mesmo, menos duas estollas, e dous [.]maniplos //

Pavilhoin̄sgrandesepequenosperten=
centesaoSacrario.

Humpavilhaõ de melania encarnadacom guarn.amdeouro// ——//
Humpavilhaõ de Damasco encarnado com guarn.amdeouro// ——//
Hum pavilhaõ de melania branca com guarniçaõ deouro// ——//
Humpavilhaõ de Damas(co)[17] branco comguarn.am deouro// ——//
HumpavilhaõdeDamasco Verde com guarniçaõ deouro// ——//
// ——————————— // ——————————— // (H)[18]

[16] Há um borrão de tinta sobre este possível grafema.
[17] Há, em cima das letras “c” e “o”, um furo, que, entretanto, não impede uma leitura interpretativa.
[18] O reclame está muito na margem do fólio.

Hum pavilhão de Damaço Roxo com guarnição de ouro //
Hum Docel de Damaço branco de ouro com Franjas, e galoins de ouro de
expor o Santissimo com seo pavilhão de Galafetá com dezanove borlas
de ouro // // // // //
Hum Ver. de Custodia de Galafetá branca de ouro com Renda de ouro
Duas Cobertura do pulp. de Galafetá branca de ouro com franja de ouro
ro // // // // //
Hũa Cobertura de Setim encarnado Ro-
xo, e branco com Sua cayrinha de ouro // // //
Hũa Cobertura de Setim branco com Sua cayrinha de ouro p.a o Bal-
cam de quinta fr.a maior // // // // //
Hum Coxim de Veludo Roxo com galoins e borlas de ouro da adora-
ção da Cruz // // // // // //
Hum panno p.a Cobrir ditto Coxim de Damaço de ouro branco com
galoins e franja de ouro // // // // //
Quatro vigs de praz. de tafetá branco encarnado, Roxo, e Verde //
Hũa vara e meya de fita de tella Cramezim p.a o Xave do Sacrario //
Hũa vara e meya de fita de tella branca p.a o Xave do Cofre em q.m
fr.a S.ta // // // // // //

Rouppas brancas

Quarenta e quatro toalhas de pano de Linho p.a Sacrario // //
Trinta duas toalhas de pano de Linho // // //
Vinte e quatro toalhas de Ruam de Cofre // // //
Oito toalhas de bertante Linas // // // //
Hũa toalha de panico // // // //
dezasete toalhas de Renda // // // //
Doze toalhas finas com Renda // // // //
duas toalhas grandes com Renda p.a o Comunhão // // //
Vinte e quatro Corporaes Linos // // // //
doze Corporaes de Renda // // // //
Seis Corporaes de Renda mais finos // // // nos seis falta
o Corporal de dentro q.e o furtaraõ na Semana Sta de 1742 da Jacõ.
Hum Corporal pequeno p.a se expor o Sm.o Sacram.to // //
Trinta e Sinco palhas com Renda // // // //
Seis palhas Finas com Renda // // // //
Seis amitos com fitas de seda // // // //
// //

Doza-

[Fl. 3v.]

Hum pavilhaõ deDamasco Roxo comguarniçaõ deouro// ——//
HumDocel deDamasco branco deouro com ramos, egaloins deouro de
expor o Santissimo com seopavilhaõ deGalassê com dezanove borlas
deouro// ——// ——// ——// ——//——// ——//
Hum Veo decustodia deGalassê branca deouro com rendado mesmo//
Duas coberturas dopicid. deGallassê branca de ouro comfranja domes=
mo// ——// ——// ——// ——//——// ——//
Tres coberturas das ambulas dos Santos óleos decetim encarnado, ro=
xo ebranco com sua espiguilhadeouro// ——//——// ——//
Humacobertura decetim branco comsua espeguilha deourop.ªoBal=
cemo dequintafr.ª mayor// ——// ——// ——//——// ——//
Humcoxim deVelud oRoxo com galoins eborlas deouro da adora=
çaõ dacruz // ——// ——// ——// ——//——// ——//
Hum pano p.ª cobrir omesmo coxim deDamasco deOuro branco com
galoins efranja deouro// ——// ——// ——//——// ——//
Quatro vêos dapaz de tafetá branco encarnado, Roxo, everde// ——//
Huma Vara emeyadefita de tellacramezimp.ªaxave doSacrario //
Huma vara emeyadefita de tellabrancap.ªaxavedocofre em q.ta
fr.ª S.ta// ——// ——// ——// ——//——// —//——//

Roupas brancas

Quarenta equatro toalhas depano delinhop.ªlavatorio// ——//
Trintaeduas toalhas depano delinho// ——//——// ——//
Vinte equatro toalhas de ruam decofre//——// ——//
Oito toalhas debertanhe lizas// ——//——// ——//
Huma toalha depanico// ——// ——//——// ——//
dezasete toalhas de renda // ——// ——//——// ——//
doze toalhas finas com renda // ——// ——//——// ——//
duas toalhas grandes com rendap.ªacomunhaõ//——// ——//
Vinte equatro corporais lizos// ——// ——//——// ——//
doze corporais derenda// ——// ——//——// ——//
Seis corporais derenda mais finos //——// ——//nestes falta
ocorporal de dentro q̃. ofurtaraõ naSemanaS.tade 1749 da Sachr.ª
Tres corporais pequenos p.ª seexpor oSS.mo Sacram.to// ——//
Trintaesinco pallas com renda // ——//——// ——//
Seis pallas finas com renda // ——//——// ——//
Seis amittos comfitas de Seda // ——//——// ——//
// ——————————— // ——————————————— //

Deza

4

Doze Sete amitos com fitas de Linha ——— ——— ——— ———
Dezanove amitos Liso Com fitas de Linha ——— ——— ——— ———
Vinte e quatro amitos ——— ——— ——— ——— ——— ———
Doze Alvas ——— ——— ——— ——— ——— ———
Dezoito ditas Com Renda ——— ——— ——— ——— ——— ———
Quatro ditas de Renda fina e Larga ——— ——— ——— ——— ———
Quarenta e Seis Cingulos Com Renda ——— ——— ——— ———
Noventa e dous Cingulos de L.ª branca ——— ——— ——— ———
Quarenta mitas Manos Largas Liso ——— ——— ——— ———
Doze Sobrepelizes Com mangas de Renda ——— ——— ——— ———

Prata

Hũa Cruz processional com Imagem de Crucifixo de prata
Hũa Cruz grande do Altar mor Com Jx.º Christo de prata Lavrada
Seis Castiçaes a Romana p.ª o Altar mor ——— ——— ———
Hum P.ª grande dos Pontificiaes de prata ——— ——— ———
Dous Castiçaes de prata a Romana p.ª as Cadencias ——— ——— ———
Hũa Sacra de prata Com dos Evang.ª e Lavabo ——— ——— ———
Hũa Alampada de prata a Romana de Hum vidro ——— ——— ———
Seis vidros p.ª ad.ª Alampada ——— ——— ——— ——— ———
Hum Cayo Epistoral de prata Com Sua Cayxa demad.ª Jangi-
da de Nogueyra ——— ——— ——— ——— ———
Seis Calis de prata dourada Com Seus p.ªtenas Domyrno ——— ———
Hũa Galheta de prata ——— ——— ——— ——— ———
Hũa Galheta de Galheta Com Seo prato de prata Lavrado ——— ———
Hum Calis, e Hũa patena de prata dourada ——— ——— ———
Outro pratinho de prata Lavrado p.ª Repor a Sagrada forma em 5.ª f.ª mayor
Hum Calis Com Sua patena p.ª S. Ex.ª N.ª Snr.ª Virgem della na Sé ———
Hum Calis Com Sua patena de prata dourada p.ª as Missas cantadas Este
Seu Calis e ffina ditas Vinão em Seus Cayxas de Carneyra ———
Hũa Cruz peitoral de Ouro Com humas Reliquias de Zelos brancos com fio
de ouro p.ª S. Ex.ª Roma ——— ——— ——— ——— ———
Hũa Custodia a Romana de prata Lavrada, e dourada Com Seus vidros
de Cristal ——— ——— ——— ——— ——— ———
Seis ampulas grandes de prata p.ª se Sagrarem os S.tos Oleos ———
Hũa Cullér de prata p.ª o Sacrario ——— ——— ——— ———
Hũa pirdiz grande de prata dourada p.ª particulas ——— ———
——— ———

||Fl. 4r.||

<<4>> ([Andr.ª])

Dezaseteamittos comfitas delinha// ——//——// ——//
Dezanove amittoslizos comfittas delinha// ——//——// ——//
Vinte equatroamittos// ——// ——// ——//——// ——//
Doze Alvas // ——// —— // —— // —— // —— // —— //
Dezoito ditas com renda // ——// ——// ——//——// ——//
Quatro ditas de rendafina elarga// ——// ——//——// ——//
Quarentaeseis Sanguinhos com renda // ——//——// ——//
Noventa edous Sanguinhos deL.º branca // ——//——// ——//
Quarenta eoitomanustergius lizos// ——//——// ——//
DozeSobrepeli(z)es com mangas derenda// ——//——// ——//

Prata

Humacruz prossessional com Imagem decroccificio deprata //
Humacruz grande doAltar mor com S.^to christo depratalavada //
Seis catissaisaromanap.ªoAltar mor // ——//——// ——//
Hum d.º grande dos Pontificais deprata// ——//——// ——//
Douscatissais depratаaRomanap.ª as cardencias//——// ——//
humaSacra deprata comseoevang.˙ e lavabo //——// ——//
humaAlampada deprata aRomana dehum vidro //——// ——//
Hum bago Episcopal deprata comsua cayxa demadr.ª fingi=
da deNogueyra// ——// ——// ——//——// ——//
Seis calliz deprata dourada comsuas patenas domesmo// ——//
Humaportapaz deprata// ——// ——//——// ——//
Humpar degalhetas comseo prato depratalavrado//——// ——//
Humcaliz, ehumapatena deprata (d)ourada //——// ——//
Outro pratinho depratalavrada p.ªSeporaSagrada forma em 5.ªfr.ªmayor //
Humcaliz comsuapatena p.ªS.Ex.ªR.^maVzardellenaSê// ——//
Humcaliz comsuapatena deprata dourada p.ªasMissas cantadas estes
tres caliz afirma ditos vieraõemsuas caixas decarneyra// ——//
Humacruz peitoral deOuro com trancelim de retros branco comfio
deourop.ª S. Ex.ªR.^ma// ——// ——//——// ——// ——//
Humacustodia aRomanadepratalavrada, edourada com seos vidros
decristal// ——// ——// ——//——// ——// ——//
Tres ambulas grandes depratap.ªseSagrarem os S.^tos oleos// ——//
Humaculher depratap.ª [.]balsamo // ——//——// ——//
Huma picidis grande deprata douradap.ª partículas // ——//
// ——————————————— // ——————————————— //

Ou(t)

Cuba de vita pequena p.ª omeyro // —— // —— // —— // —— //
Hum turibulo de prata // —— // —— // —— // —— //
Hua Naveta de prata // —— // —— // —— // —— //
Hum prato inteiro pequeno de prata // —— // —— // —— //
Hum par de galhetas Com seo prato de prata // —— // —— //
Dous jarros de prata // —— // —— // —— // —— //
Hum prato quartado de agoa ey maõy de prata // —— // —— //
Hum prato redondo de prata // —— // —— // —— // —— //
Hum jarrezinho may pequeno de prata // —— // —— // —— //
Hua Caldeyra Com seo Isopo de prata // —— // —— //
Hum ponteyro do Coro de prata // —— // —— // —— //
Hum Vaso de prata // —— // —— // —— // —— //
Hua Cayxa de Espiritu de prata // —— // —— // —— //
Dous ambolas pequenas p.ª oleo Santo, e oleo de prata // —— // —— //
Dous Salvas pequenas de prata // —— // —— // —— // —— //
Quatro pratos rasos pequenos de prata // —— // —— // —— //
Hua Candella de prata // —— // —— // —— // —— //
Hum purificador de prata // —— // —— // —— // —— //
Hua Thesoura Com Cabos de prata p.ª aprimar torçaes // —— //

Seis Varas de Palio de pao dourados // —— // —— // —— //
Dous bancos de pao fingidos em pedra, em q.ª se assentão os Presbiteros
assistentes // —— // —— // —— // —— // —— // —— //
Hua Cadeyra Episcopal p.ª de baixo do Docel de Veyr.ª fingida //
Hua mataqua de Sarrilho // —— // —— // —— // —— //
Sette Genuflexorios de Galhetas Com hum de missario Com seos pratos de Es-
tanho // —— // —— // —— // —— // —— // —— //
Hua Caldeyra Com seo Isopo de Latam // —— // —— // —— //
Hua Cayxa de Espiritu de Latam // —— // —— // —— // —— //
Hua meza, q.ª serve de apparador de Pontificais // —— // —— // —— //
Hua estante tornejada, e de mayor Vita do Coro // —— // —— // —— //
Hua estante grande do Coro // —— // —— // —— // —— //
Hua mataqua pequena Com argolas de ferro // —— // —— // —— //
Hum Frontal dourado Com quatro Columnas armado Com sua pur-
pura, e sua prancha pratiada, e obra p.ª se expor o S.mo Sacram.to e cubrir
Hum Sacrario dourado; e armado Com quatro Columnas —— //
// —— // —— // —— // —— // —— //

[Fl. 4v.]

outraditapequena p.ª o mesmo // —— // —— // —— // —— //
Hum turíbulo deprata // —— // —— // —— // —— //
Huma Naveta deprata // —— // —— // —— // —— //
Hum pratinho pequeno deprata // —— // —— // —— //
Hum par dega lhetas comseo prato deprata // —— // —— //
Dous jarros deprata // —— // —— // —— // —— //
Hum prato quartiado de agoas maoñs deprata // —— // —— //
Hum prato redondo deprata // —— // —— // —— // —— //
Hum jarrozinho mais pequeno deprata // —— // —— // —— //
Humacaldeyra comseo Isope deprata // —— // —— //
Humoponteyro docoro deprata // —— // —— // —— //
HumVaso deprata // —— // —— // —— // —— //
Hum acayxa dehostias deprata // —— // —— // —— //
Tres ambolas pequenas p.ª os Santos oleos deprata // —— // —— //
Tres salvas pequenas deprata // —— // —— // —— // —— //
Quatro pratos razos pequenos deprata // —— // —— // —— //
Humacandella deprata // —— // —— // —— // —— //
Humpurificador deprata // —— // —— // —— // —— //
HumaTizoura comcabos deprata p.ª aprima tonçura // —— //

Seis Varas dePalio depâo douradas // —— // —— // —— //
Tres bancos depaô fingidos empedra, emq'. seasentaõ os Presbiteros
assistentes // —— // —— // —— // —— // —— // —— //
HumacadeyraEpiscopal p.ª debayxo doDocel deNogr.ª fingida//
Huma matraqua desarrilho // —— // —— // —— // —— //
Settepares deGalhetas combico de massarico comseos pratos deEs=
tan hofino // —— // —— // —— // —— // —— // —— //
Humacaldeyra comseo Isope delatam // —— // —— //
Humacayxadehostias delatam // —— // —— // —— //
Huma meza, q'. Serve d e aparador dePontificais // —— // —— //
Huma estante torneada, ede mascovia do coro // —— // —— //
Humaestante grande docoro // —— // —— // —— //
Huma matraqua pequenacom argollas deferro // —— // —— //
Hum Trono douradocomquatrocolumnas arma do comsuapur=
pura, esuapienha prateada, ecofrep.ª Seexpor oSS.mo Sacram.to occulto
HumSacrario dourado, ear madocomquatrocolumnas // —— //
// ———————————— // ———————————— //

Hu(m)

5

Hum pidestal pregado, q.e Serve p.a por a Custodia, q.e Se expunes no Trono do meyo ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Candieyro day Treway ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Tozeyro grande do Syrio Paschal ——— // ——— // ——— // ——— //
Sinco Vazeloy p.a os Vidroy da Lampad.a ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Tozeyro de prata dourado ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Sanctareyro de Cobre ——— // ——— // ——— // ——— //
Oito estandoy pequenoy de Sacrario ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Vaso de manjim p.a se Correrem Cortinay nella ——— // ——— //
Hum Vazo de d.o muy pequeno p.a ostiario do day Cortiny ——— // ——— //
Hum Taboa de buxo p.a sobre elay se Cortar particulay ——— // ——— //
Hum Jogo de Cortar Cortiny ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum d.o de Cortar particulay ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Caixinha Com sua Chave, emq.e Vinhão y hay miudezay ——— // ——— //
Hum Vaso de estanho grande ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Caixa de jeyta Com Suay pertenssay de ornato Branco ——— // ——— //
Sey apagadoreq de Latam ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Cruz grande Com seo Crucifixo de prata pratiado ——— // ——— //
Hum Castical grande de prata prateado ——— // ——— // ——— //
Quatro outro Casticaiq de prata pratiadoq ——— // ——— // ——— //
Sey Tozeyraq grandeq de prata prateado ——— // ——— // ——— //
Sey tozeyraq grandeq de ferro ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum mesa de prata dourado ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum d.o Comprida Com seo Remate de prata dourado q.e Se p.a ao Corpo Christi
Hum degrão de Cadeyra Com Suay Cobertuay de pano verde ——— // ——— //
Sinco pinchaq de Imagem p.a o Syrio Paschal ——— // ——— // ——— //
Hum Alcatifa de Sepultura ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum peça de pano verde já f.to empregadaq, q.e Servem p.a Cobrir
os degraõq do Altar mor em banuq de SS.tos Coniçoq q.e Vaõ dellay ——— //
Sinco mesaq de Cyprestoq p.a os Sinoq q.e Se Tocaõ no Coro ——— //

Livros

Tres Livroq do Canto chaõ p.a o Coro ——— // ——— // ——— //
Sey missaiq encadernadoq em bezerro ——— // ——— // ——— //
Hum d.o em Carneyra encarnada ——— // ——— // ——— //
Hum d.o em marroquim ——— // ——— // ——— //
Hum L.o de Evang.os e Epistolay encadernado em Carm.a ——— // ——— //

||Fl. 5r.||

<<5>> ([Andr.ª])

Hum pedestal pequeno, q'. servep.ª por aCustodia, q.do seexpuzeroSS.mo
No Trono do meyo // —— // —— // —— // —— // —— //
HumCandieyro das Trevas // —— // —— // —— // —— //
Hum Toxeyro grande doSyrio Pascal // —— // —— // —— //
Sinco rozetas p.ª os Vidros daLampad a // —— // —— // —— //
HumToxeyro depaô dourado // —— // —— // —— // —— //
Humf(u)gareyro[19] deCobre // —— // —— // —— // —— //
Oito estantes pequenas de Jacarandâ // —— // —— // —— //
Huma roda de marfim p.ª seCortarem hostias nella - // —— //
Huma roda ded.(o) mais pequena p.ª otamanho das hostias // —— //
Huma Taboa deluxo p.a Sobre ellas seCortar particulas // —— // —— //
Humferro deCortar hostias // —— // —— // —— // —— //
Hum d.º deCortar particulas // —— // —— // —— // —— //
HumaCayxinhaComSua xave, emq'. vieraõ estas miudezas // —— //
HumVazo deestanhogrande // —— // —— // —— // —— //
HumaCayxa deisca ComSuas pertenças demetal branco // —— //
Seis apagadores delatam // —— // —— // —— // —— //
HumaCruz grande ComseoCrucifixo depaô pratiado // —— //
HumCastiçal grande depaô pratiados // —— // —— // —— //
Trinta eoito Catiçais depaô prateado // —— // —— // —— //
Seis Toxeyras grandes depaô prateado // —— // —— // —— //
Seis toxeyras grandes deferro // —— // —— // —— // —— //
Huma massa depaô dourado // —— // —— // —— // —— //
Humad.ª CompridaComSeo remate depaô dourado q'. he p.ª acerpentina
Os degraôs daCadeyra ComSuas Coberturas depano verde // —— //
Sinco pinhas de Incenço p.ª oCyrio Pascal // —— // —— // —— //
HumaAlcatifa depapagalho // —— // —— // —— // —— //
Huma pessa depano verde já f.ta empedassos, q'. Servemp.ª Cobrir
os degraôs do Altar mor eos bancos dos RR.dos Conigos q.do (U)zaõ delles //
Sinco massos de Cignacolos p.ª os Livros q'. jaSeachaõ nostais —— //

Livros

Tres livros doCanto chaõ p.ª oCoro // —— // —— // —— //
Seis missais encadernados embezerro // —— // —— // —— //
Hum d.º em Carneyra encarnada // —— // —— // —— //
Hum d.º em marroquim // —— // —— // —— // —— //
Huml.º deEvang.os eEpistolas encadernado emCarnr.ª — // —— //
// ———————————— // ———————————— //

Hu(m)

[19] Há um borrão sobre o grafema.

Hum Breviario grande do Coro encadernado em cordovão preto —//
Hum Pontifical 1.ª ag.ª Egreja Com amesma encadernação //——//
Outro d.º 1.º mesmo //——//——//——//——//
Dous Lectionarios Com amesma encadernação //——//——//
Hum Ritual Romano //——//——//——//——//
Outro d.º //——//——//——//——//
Hum Martirologio Romano ——//——//——//
Quatro Livros de Pontifical, em marroquim calcado em ouro —//
Hum Diretorio do Coro //——//——//——//
Doze Livros proprios de Canto chão //——//——//

Termo de entrega

1749 Aos dez dias do mes de Janeiro de mil e sete centos quarenta e nove annos na Igreja Cathedral desta Cid.e de Mariana onde eu P.e o Reverendo Doutor Jose de Andrade e Mariz Conego prezente e abaixo nomeado por ordem deste Bispo Comigo abaixo nomeado para effeito de se fazer termo de entrega dos bens abaixo declarados se dirigimos ao Cartorio desta Igreja e sendo ahi perante o dito D.or Manoel da Cunha Sotto Mayor Escrivão deste Cartorio e Secretario deste Bispado e Commissario delle, e pelo dito Reverendo Doutor Vigario foi dito prezente ao Thesoureiro abaixo nomeado que elle tinha a seu Cargo todos os bens nomeados nas Inventarias juntas a elles pertencentes por este ou tera em sua guarda e em seu poder e a Disposição deste Reverendo Vigario Geral se lhe entregarem na forma do Estatuto em observancia do qual e por ordem de S. Ex.ª Rm.ª se lhe Entregou o Thesoureiro abaixo declarado que existe ao d.º Inventario que delles se lhe entregue e lhe fique por sua conta e risco para os dar e entregar todas as vezes que lhe for pedido e requerido e ordenado assim pelo dito Reverendo Vigario Geral como pelo dito Escrivão deste Cartorio e Secretario deste Bispado para o que lhe foi pedido e requerido que tendo os ditos bens em sua guarda e poder os haja de trazer sempre promptos e asseados para os Officios Divinos em que forem necessarios e lhe mandou apresentar em quanto o dito Reverendo Vigario Geral em que ele Depozitario se obrigou a assim o cumprir e guardar debaixo de fiel Juramento e sob as penas de Direito e que deste termo se obrigou assim tambem o dito Melchior Bento Reverendo Thesoureiro abaixo nomeado por ser muito de sua vontade sem constrangimento de pessoa alguma e lhe dou eu Escrivão fé conhecer pelas palavras do Espirito da Verdade nos presente e ele Escrivão assim o disse e aceitou e de tudo por mandado do dito Reverendo Vigario Geral fiz este termo que assignamos Comigo dito Reverendo

[Fl. 5v.]

Humbreviario grande doCoro encadernado em Cordavaõ preto —— //
HumPontifical p.ª as Missas Com amesma incadernação // —— //
Outro d.º p.ª omesmo // —— // —— // —— // —— // —— //
Dous passionarios Com amesma encadernação // —— // —— //
Hum ritual Romano // —— // —— // —— // —— //
Outro d.º // —— // —— // —— // —— // —— // —— //
Hum Martriologio Romano // —— // —— // —— //
Quatrolivros dePontifical, em marroquim Calhado em ouro —— //
HumDirectorio doCoro // —— // —— // —— // —— //
Doze livros proporcionais deCanto chaõ // —— // —— //

Termo de entrega

Aos doze diaz domes deJaneyro de mil e sette centoz quarenta e nove annoz na Igrejia Cathedral desta cid.e de M.na aonde, ueyo o <<1749>>[20] ReuerendoDoutor Joze de Andrada eMorais Arcipreste da mes maSe, e Prouizor deste Bizpd.º Comigo aJudante, abayxo nomeado para effeito de se fazer otermo deentrega doz bens dad.ª Ig dizcriptoz no enventr.º supra, esen do ahy perante od.º Rd.º Menistro appareçer ampre zentes oRd.ºD.r Joam de Campoz Lopes Torres Tezour.º Mor damesma Se, eoRd.º M.el Per.ª Pinho Sachristao. della, e pelo Rd.º Tezour.º Mor foy dito prezentes asst.oz abayxo nomeadaz easignadas, que elle havia Re cebi do todoz oz bens nomeadoz nod.ºinuen tr.º damaõ. dod.º P.e M.el Per.ª por este os ter em sua goarda emq.to naõsecreaua a Dignid.e de Tezou r.º Mor p.ª se lhe en tregarem naforma de Direyto em obseruançia doqual e por ordem daS. Ex.ªRm.ª selhe havia feito intrega de tudo oque consta od.º inuentr.º eque de tudo seda por intregue e seobriga por sua pessoa ebens, agoardar ozreferidoz, edar contaz delles todaz azvez es que lhe for pedido, eque tendoõz asim Recebido oz entrega outravez aod.º sachristaõ- M.el Per.ª Pinho paraezte oz ter goardadoz atratar delles, e poloz pronptoz p.ª seruirem naz funçonz emque forem necesr.oz e logo pelo ditosachristaõ M.el Per.ª Pinho pe rante azmesmaz tt.as que elle se dava porentregue de todoz ozbens do Referidoinuentr.º e comosa christaõ: desta mesmaSé oz tinha emsua go arda e depozi to, e debayxo dechave, e seobrigava agoar daloz edar conta delles todaz az uezes que lhe for pedida, eapolos promptoz para todoz oz fun çons em que forem necesr.oz e a tornaloz agoardar emquanto asiz tir nad.ª ocupaçaõ. em que ezta prouido, eque para asim ocumprir egoardar obriga sua pesoa bens, eque ezte tr.º e obrigaçaõ. tanto elle d.º M.el Per.ª, como od.º Rd.º Thezour.º Mor fazem muito de sua livre vontad.e sem conztrangim.º depesoa alguma, ehum eoutro sesujei taõ. azpennaz da Inzti tuhiçaõ. noprezente cazo, edecomoasim o di ceraõeseobrigaraõ. fis ez te termo que asignaraõ. Comodito Me

[20]Ano escrito na margem esquerda ao lado da palavra Reverendo, em caneta azul.

Joaõ de Campos Lopes Sotto

6

Continua O Inventr.e dos Bens q.e Se
acharão na Sê, pertencentes a Fabrica da dita
Sende Matriz, q.e Se acharão em poder do
Sacrist.ão Mor Manoel Pereyra de Lima
e delles Se intregarão ao Rever.do Mor. R.do
Conigo Joaõ de Campos Lopes Torres, fi-
cando juntam.te Com a obrigação deos guardar,
e dar Conta. e Saõ os Seguintes.

Huma Imagem do S.r Crist.o de marfim Com Cruz de Gallos, q.e Se
acha na Sacristia // —— // —— // —— // —— // ——
Huma Cruz Lisa pequena de Sacrario // —— // —— // ——
Huma Imagem de S. Joaõ Bap.ta Com Seo Resplandor de prata, q.e está
Collocada do Lado do Altar mor // —— // —— // —— // —— // ——
Huma Imagem de S.ta Ant.a q.e Está no altar Collateral Como mesmo
Nicho, e q.e Tem Seo Resplandor de Ouro // —— // ——
Huma Imagem do menino JESUS de pao q.e Se acha na Sacristia //
Huma Imagem grande de S. Joze Com Seo menino JESUS, am.bos
Com Seos Resplandores de prata // —— // —— // —— // —— // ——
Huma Cruz de prata grande, q.e Serve nos Acompanhamentos Com Sua
agoa da mesma prata // —— // —— // —— // —— // ——
Huma Caldeyrinha Com Seo Hisope, tudo de prata // —— // ——
Hum Turibulo grande Com Navetta e Colher de prata // —— // ——
Quatro Caliz de prata, Hum de Missa dourado todo, outro de prata Simplez, e
outro Com a Copa dentro dourada, e outro Só Com a Copa de prata, e q.e
Se acharão, já de m.to antigo // —— // —— // —— // —— // ——
Huma Ambula de prata do Sacrario de distribuir a Sagrada Comunhaõ
// —— // ——

||Fl. 6r.||
Menistro seo [*ilegível*] (prezentes) [ilegível][21]
Coelho Gatto de Amorim que tambem asignaram Eeu Manoel Ferreyra ([Andr.ª])
Coutinho aJudante daCama ra Ecleziaz tica pors. Ex.Rm.ª que o ez
crevy

[Joaõ deCampos Lopes Torres] <<6>>
[Andr.ª] [P.eJoaõCoelho Gatto deAmorim]
[P.e MPer.ª e Pinho] [P.eSimaõ Peixoto de Faria]

Continua o Inventr.º dos bens q.ᵉ Se
acharaõ naSé, pertencentes afabrica da dita
Sendo Matriz, q.ᵉ Seachavaõ empuderdo
Sachristaõ Mor Manoel Pereyra de Pinho
e delles fes intrega ao Tezr.º Mor O R.do
Conigo Ioaõ deCampos Lopes Torres, fi=
cando juntam.te Com obrigação deos guardar,
e delles darConta e Saõ os Seguintes.

Huma Imagem doS.to Christo de marfim Com Cruz degalhos, q.ᵉ Se
acha na Sachristia // —— // —— // —— // —— // —— //
Huma Cruz Liza pequena de Iacarandâ // —— // —— //
Huma Imagem deS. Joaõ Baptista Com resplandor deprata, q.ᵉ está
Collocada aoLado doAltar mor // —— // —— // —— // —— //
Huma Imagem deS.to Ant.º q.ᵉ está no altar Colateral Comomenino
nobraço, eeste Com Seo resplandor deOuro // —— // —— //
Huma Imagem do menino IESVS depaô q.ᵉ Seacha naSachristia //
Huma ImagemgrandedeS. Iozé ComSeo menino IESVS, ambos
ComSeos resplandores deprata // —— // —— // —— // —— //
Huma Cruz depratagrande, q.ᵉ Serve nos aCompanhamentosComSua
astia da mesmaprata // —— // —— // —— // —— // —— //
Huma Caldeyrinha ComSeo Izope, tudo deprata // —— // —— //
Quatro Caliz deprata, hum delles dourado todo, outro deprata Simples, e
outro Com a Copa dentro dourada, e o outro Sô Com aCopadeprata, eopê
deestanho, já m.to antigo // —— // —— // —— // —— // —— //
Huma ambula depratado Sacrario de distribuir a Sagrada Comunhao
// ———————————— // ———————————— //

[21] Texto muito na borda do fólio, inclusive no original, o que impossibilita a leitura.

Corporal Cão dourada por dentro, e ha Sea Cruz no meyo do Sacrario //
Hum Relicario de prata m.to pequeno, cantigo, q.e Serve de Sacrario //
tio ao enfermo //
Hum purificador de Renda da India, q.e ha no Altar do S.mo //
Hum par de galhetas de estanho m.to velhas //
Outro par de galhetas Renda da India m.to velhas //
Dous Cazoins com Suas gavetas de Sacrario, e Hum almario, e
fes Mesa Cão a frontaduras e chaves //
Huma Caixa, q.e Serve de altar portatil //
Huma Cadeyra de braos de Sacrario torneada ja velha, cabeça de
Damaya encarnado, q.e Serve no Consistorio da Irm.de do S.mo //
Hum espelho grande q.e Serve na Sacristia //
Dous Candieiros de Latão q.e Servem no altar mor //
Dous Confissionarios de Sacrario pequenos, q.e Servem nos grades
de baixo do Cruzeiro //
Huma pia Baptismal de madeyra com Sua pia de Cobre pardo
ito, e tapa com a Cruz de Cal //
Hum estante do Coro grande de Sacrario, e Cabeça de madeyra
branca, e dous estantes pequenos de pao do Altar //
Tres Cadeyras de Sacrario pequenas //
Dous Bancos mais pequenos, q.e Serve Hum no Sacrario outro q.e
e Altar portatil //
Hum Ferro grande de fazer os Hoscos, q.e ja não Serve //
Dous Sellos de flandes de guardar Cristãos //
Huma Caldeyrinha de estanho quebrada, q.e Serve na Sacristia
Hum Caixo pequeno redondo de Sacrario dentro com hum ama-
lhe de prata com q.e se lava os dedos do Sacerdote //
Tres Galhetas dous com q.e se lava os dedos, e Hum com q.e se fa-
Missa da Terra //
Hum Sino pequeno q.e ha na torre da parte esquerda //
Dous Pulpitos de Angico de madr.a q.e se fazem com tres Cadeyras ao
altar do S.mo //
Tres Livros grandes de Canto de Cão Vermelho //
Tres missaes, Hum mayor, outro inferior //
Dous Ritoaes, e dous Cadernos de missa de defuntos //
Hum Livro pequenino de defuntos //

Fe

[Fl. 6v.]

Comũnhaõ douradapor dentro, eesta Seacha no mesmoSacrario // —— //
Hum relicário deprata m.to pequeno, eantigo, q̃. Servi(o)[22] delevar oVia=
tico aos enfermos // —— // —— // —— // —— // —— //
Humpurificador d(eL)ouça da India, q̃. está no Altar doSS.mo —— //
Tres pares degalhetas deestanho m.to velhas // —— // —— // —— //
Outro par degalhetas Louca da India m.to velhas // —— // —— //
Dous Cayxoiñs ComSuas gavetas de Icarandâ, ehum almario, ees=
tes lhefaltaõ as feixaduras e chaves // —— // —— // —— //
HumaCaixa, q̃. Serve de altar portatil // —— // —— //
Huma Cadeyra debraços de Icarandâ torneada ja velha, Cobertade
Damasco encarnado, q̃. Seacha noConSistorio da Irm.d(e) doSS.mo // —— //
Hum espelho grande q̃. seacha naSachristia // —— // —— //
Duas Cardencias velhas q̃. Seachaõ no altarmor // —— // —— //
Dous Conficionarios de Icarandâ pequenos, q̃. Semetem nas grades
debayxo dopulpito // —— // —— // —— // —— //
Humapia Baptismal de madeyraComSuapia deCobreporden=
tro, copê com estufe deCal // —— // —— // —— //
Huma estante doCoro grandede Iacarandâ, eaCabeça de madeyra
branca, eduas estantes pequenas depaô do Altar // —— // —— //
Tres pedras de Arapequenas // —— // —— // —— // —— //
Duas ditas mais pequenas, q̃. servehuma noSacrario, outrap̃. o
Altar portatil // —— // —— // —— // —— // —— //
Humferro grande defazer ostias, q̃. já naõ serve // —— // —— //
Duas folhas deflandes deguardar hostias // —— // —— // —— //
HumaCaldeyrinha de estanhoquebrada, q̃. ServenaSachristia//
HumaCayxapequena redonda de Icarandâ dentro com tres ambu=
las deprata comq̃. Seleva os Santos oleos aos enfermos // —— //
Tres ta(b)oas duas emq̃. Sepoem os editais, ehuma emq̃. está afo=
lhina da reza // —— // —— // —— // —— // —— //
HumSino pequeno q̃. está na torre da parte esquerda // —— //
Dous vultos de Anjos demadr.a estufados, q̃. ServemCom tochas ao
altar doSS.mo // —— // —— // —— // —— // —— //
Tres livros grandes deCanto Chaõ vermelhos // —— // —— //
Tres missaes, hum mais novo, eoutro inferiores // —— // —— //
Dous rituais, edous cadernos demissadedefuntos — // —— //
(H)umlivro pequenino dedefuntos // —— // —— // —— //

Or=

// ———————————— // ———————————— //

[22] Há um borrão sobre o grafema.

Ornamentos

7

Hum ornam.to Rico de Cetim de Ouro, com capa de pergeo, frontal
dous panos de pulpito, tudo com franja, e galão de ouro, e tudo já
Vzado, e tudo tem armayos p.s nelles a Symb.s do S.mo ——— //
Hum ornam.to roxo de Damasco de Italia, já Vzado com capa
de pergeo, frontal manga de Cruz, pano de estante, e Véo de
Combro tudo com franja de Setim ——— // ——— // ——— //
Seis estolas de Damasco, e xamalote, q.e serve na 6.ª feira mayor //
Tres coxins de Damasco roxo q.e a Semana S.ta Vzados ——— //
Hum Cortina de Tafetá Roxo Velha, q.e algum tempo servio
de cobrir aquelle do altar mor da Conceyção ——— // ——— //
Dous dosseis Cuma de xamalote roxo, outra de melania Cruma de
Ouro, q.e servirão de cobrir a Cruz da fabrica na Semana S.ta ——— //
Hum Casula Velha de xamalote roxo com forro de Cadafalso //
Hum Veystimenta de Damasco roxo com forro de Tafetá com seo
galão amilo e bolsa de prata ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum Cortina de Cassa azul m.to Velha ——— // ——— // ——— //
Hum Casula de Damasco de Italia verde com galão, e esquife
de prata com seo pano de estante m.to Velha, q.e Servia nas Missas Con-
Ventuais ——— // ——— // ——— // ——— // ——— //
Dous Veystimentas de Damasco Carmezim, ambas aparelladas, e
Stolas de Tafetá in Carnado, Cuma com franja e esquife
de prata, outra com franja de Setim ——— // ——— // ——— //
Tres Veystimentas de Rastagana Preta aparelladas, Cuma com
esquife de Ouro, outra com franja de Setim amarello m.to Velho //
Hum frontal de Damasco Cruma Velho com franja de Setim q.e Ser-
Vio no altar mor ——— // ——— // ——— // ——— // ——— //
Hum d.o do mesmo da mayos q.e a Cardenia ——— // ——— //
Hum frontal de Damasco guilado Verde q.e Servia no d.o altar mor ——— //
Hum frontal de Damasco Vermelho m.to Velho, q.e Servia no d.o altar mor //
Hum frontal de Damasco de Italia Carmezim do d.o altar mor //
Seis frontais pequenos, q.e estam pregados nas duas cardenias de
Cores Vermelha e roxo com franja de Setim ——— // ——— //
Hum gavilão do Sacrario Velho de Tisso de prata com franja
de ouro e prata, q.e dise a Sem.a do S.mo Sey ultima ——— //
Dous panos de estante pequenos de Damasco inCarnado com

||Fl. 7r.||

Ornamentos <<7>> ([Andr.ª])

HumOrnam.to rico deCeda deOuro, Com capa dasperges frontal,
dous panos depulpito, tudoComfranjas, egallaõ deOuro, etudo já
Vzado, edetudo tem amayor p.(te) nelles a Irmd.(e) doSS.mo // —— //
Humornam.to roxo deDamasco de Italia, já VzadoComCapa
dasperges frontal manga deCruz, pano deestante, eveô de
hombros tudoComFranja de retros // —— // —— // —— //
Seis estoloiñs deDamasco, e xamalote, q̃. Serve na(+.)ªfr.ª mayor //
Tres coxiñs deDamasco roxo p.ª aSemanaS.ta Vzados —— // —— //
HumaCortinadeTafetá Roxo Velha, q̃. algum tempo Servio
deCobrir opainel do (a)ltar mor daConceyçaõ // —— // —— //
Duas bolças huma dexamalote roxo, eoutrademelania branca ve=
lhas q̃. Serviraõ deCobrir aCruz dafabrica naSemanaS.ta —— //
HumaCazula Velha de xamaloteroxo comforro deruaõ preto //
Huma Ves timentadeDamasco roxo com forro deTafetá ComSeo
galaõ (zinho) estreyto deprata // —— // —— // —— // —— //
HumaCortina deRuaõ azul m.to Velha // —— // —— // —— //
HumaCazula deDamasco de Italia verde com gallaõ, e(es) peguilha
deprata ComSeopano deestante m.to Velho, q̃. Servía nas missas con=
Ventuais // —— // —— // —— // —— // —— // —— //
Duas vestimentas deDamascoCarmesim, ambas aparelhadas, e
forradas deTafetã incarnado, humaComfranja eespeguilha
deprata, eoutraComfranjade Retros // —— // —— //
Duas Vestimentas deRossagana Preta aparelhadas, humaCom
espeguilhadeouro, outraComfranjas deretrós amarelo m.to rottas //
Humfrontal de Damascobranco VelhoComfranjaderetros q̃. Ser=
Via no altarmor // —— // —— // —— // —— // —— //
Hum d.º do mesmo damasco p.ª aCardencia // —— // —— //
Hum frontal deDamasquilhoVerde q̃. Servía nod.º altarmor —— //
<↓[*ilegível*]>[23]
Humfrontal de Damasco Vermelho m.to Velho q̃. Servia nod.º altarmor //
Humfrontal deDamasco de Italia carmezim do d.º altarmor //
Seis frontais pequeninos, q̃. estam pregados nas duas cardencias de
<↓de q̃ja acima sefaz mençao>[24]
cores vermelha eroxo comfranjaderetrós // —— // —— //
Humpavilhaõ do Sacrario Velho deTisso deprata Comfranja
<↓pertence a Irma(.)d.e do SSmo>[25]
deouro eprata, q̃. dis a Irm(d).e do SS.mo lhepertence // —— //
Dous panos deestante pequenos deDamasco incarnadoCom
// —————————— // —————————— /[26]

[23] Há uma palavra ilegível escrita entre as linhas.
[24] Escrito entre linhas e, possivelmente, em outro momento.
[25] Escrito entre linhas e, possivelmente, em outro momento.
[26] Há um pequeno rasgo no canto da folha.

Com franjas de Retroz // // // // //
Duas pallas de Corporal verdes com as guarnições de ouro // // // // //
Tres veos, e outra palla pequena tudo verde // // // // //
Duas bolsas de Damasco roxo velhas verdes // // // // //
Huma palla velha roxa, e fina veo velho roxo // // // // //
Quatro bolsas de Damasco vermelho e branco já vsadas // // // // //
Huma bolsa de Corporal de cada de hum branca já vsada // // // // //
Sette pallas e outro veo branco velho // // // // //
Huma bolsa de Corporal carmesim com sua grinalda de ouro // // // // //
Duas pallas, e outro veo vermelho vsado // // // // //
Tres bolsas de Damasco pleto com pallas e seo veo damasco // // // // //

Roupa Branca

Duas toalhas com renda do Altar mor; q.e já serão vsadas // // // // //
Duas toalhas de pano de linho, q.e servem de sayxo das outras no altar
mor // // // //

[Fl. 7v.]
Comfranjaderetrôs // —— // —— // —— // —— //
<↓aspalas reprovadas>
Duas pallas deCorporal verdes ComSeo gallaõ deOuro // —— //
Tres véos, eCoatro pallas pequenas tudoVerde // —— // —— // —— //
Duas bolças deDamasco roxo Velhas Verdes // —— // —— // —— //
<↓a pala reprovada>
Humapalla velha roxa, eSinco Veos Velhos roxos // —— // —— //
Coatrobolças deDamasco Vermelho ebranco já vzadas // —— //
Humabolça deCorporal deCeda deOuro branca já Vzada // —— //
<↓palas reprovadas>
Settepallas eCoatro véos brancos Velhos // —— // —— // —— //
Humabolça deCorporal carmesim ComSua espeguilha deprata //
<↓aspalas reprovadas>
Duas pallas, eCoatro Véos Vermelhos Vzados // —— // —— //
<↓as palas repro(vadas)>
Tres bolças deChamalote preto compalas eSeos Veos do mesmo —— //

Roupabranca
Duas toalhas Com renda doAltar mor, q̃. jáSenaõ Vzadellas // —— //
Duas toalhas depano delinho, q̃. Servem debayxo das outras no altar
mor // —— // —— // —— // —— // —— // —— //
Huma toalha // —— // —— // —— // —— // —— //
Tres toalhas depano delinho já velhas dolavatorio // —— // —— //
Tres toalhas depan(ic)o, duas lizas, ehumaCom renda, q̃. Servẽp.ª
aComunhaõ. // —— // —— // —— // —— // —— //
Tres Alvas ricas ComSua rinda // —— // —— // —— //
Huma d.ª deCambrayaCom m.ta renda // —— // —— //
Seis alvas depano delinho // —— // —— // —— // —— //
Seis amittos depano delinho // —— // —— // —— //
dous cordoiñs delinho // —— // —— // —— // —— //
QuarentaeSeis Sanguinhos, q̃. os mais delles naõ Servempor pe=
<↓repro(v)ados>
quenos rotos // —— // —— // —— // —— // —— //
SincoCorporais // —— // —— // —— // —— // —— //
Hum tapete pequeno // —— // —— // —— // —— //
Dous tapetes depapagayo q̃. Serveno altarmor —— //
Quatro toxeyros depaô preto torneados // —— // —— //
Hum Sacrario grandedeTalhaComaprimr.ª tinta // —— //
Humaestantegrande q̃. está sobreos Caixoiñs da Sachristia //
Duas toalhas debertanha liza huma, coutraCom renda q̃. (Ser)
// ———————————— // ———————————— /

Serve no altar mor // —— // —— // —— // —— //
Frey Ordoinz de Retoy Verde q.e escrevem nay alvay // —— // —— //

8

Termo

Aos quinze dias do mez de Janeiro de mil e setecentos e
vinte e nove annos nesta Cid.e de Mariana mandou o Reverendo
Doutor Vigario da Vara Jozé de Andrada e Moraes Pessoa
Juiz em todo este Bispado onde eu adiante nomeado fui vindo
e sendo ahy fui pelo Notario na Sancta Igreja Cathedral desta Cidade Mariana
onde veyo o Reverendo Doutor Jozé de Andrada e Moraes Pessoa
Cappellão da mesma Se e Bispado e Provisor em todo este Bispado onde
eu adiante nomeado fui vindo e sendo ahy appareceo o Reverendo
Doutor Joam de Campos Lopes Torres Vigario desta da
mesma Cid.e e por elle foi dito na presença das Test.as adiante
nomeadas que elle tinha tomado entrega e recebido
quase a quarta parte e dous Cofres de todos os ornamentos
e mais mouvis
antigos que tinha a fabrica desta Se unica de ser Cathedral e
que acha constar do Rol q.e lhe entregou o Reverendo Doutor
e todos os ha por recebidos e entregues como pede o largo de sua di-
gnid.e e que da mesma sorte se entrega o Rol e Conta q.e lhe
Mel Ver.e de Sinha para este as guardar e dar conta delles
na forma da sua obrigação. Logo pelo mesmo Juiz foi
Manoel Ver.e de Sinha presente a tudo disse que
elle se dava por entregue de todos os bens do Rol q.e lhe foi dado
na forma que nelle se declara e se obriga a guardar e
dar conta delles por sua pessoa e bens e para tudo assim o dis-
se e de tudo mandou fazer este termo em que assignou o dito
Juiz presentes o Mel Pr.e Simões Ver.o Thes.o de Sancta Cruz e Manoel
Vaz de Mello e Manoel Ferreira Gabinho estudante de Lamego
Escrivam ad hoc que escrevi

João de Sampaio Lopes Torres

Manoel Pr.e Simões

Manoel Vaz de Mello

Jozé Gomes da Fonseca

Jozé Gomes dos Santos

||Fl. 8r.||
Serve no altar mor // —— // —— // —— // —— // —— // ([Andr.ª])
<↓reprovado>
Tres cordoiñs de retros Verde q̃. Servem nas alvas // —— // —— //
<<8>>

Tr.º deentrega

Aos quinze dias domes deJanejrodemil sete,centosqua
rentaenove annos nestaCid.e Marianna em Casas de mora
da do Reuerendo Doutor Jose deAndrada eMoraēs Proui
zor em todo este Bispado onde eu aodiante nomeadofuj vindo
eSendo ahj digonaSancta IgrejiaCathedral desta cidadeM.na
onde vejo oReuerendo Doutor Joze deAndrada eMoraēz Ar
Cipreste damesma Se eBispado e Prouizor emtodoeste Bispd.º onde
eu aodiante, nomeadofuj vindo eSendoahj appareceo oReueren
doDoutor Joam deCampos Lopes Torres Thezour.º Mor dase da
mesma Cid.e epor ella foj ditona prezensa dasttas aodiante
nomeadas easignadas, que ele, tinha tomado entrega eseobri
gaua ogoardar e dar Conta detodos os ornamtos Imais moueis
antigos que tinha afabrica destaSe antes deSer Cathedral os
quaes ConstaõdoSegd.º inVentrº desteL.º (dee)def7 emthf9[27]
todos oshá por Recebidos eentregues Como pedeoCargodeSua di
gnid.e eque damesmaSorte, entrega aoSachristaõMor oP.e
M.el Per.ª dePinho para este osgoardar edar Contas delles
naforma daSua obrigaçaõ. elogo pelo mesmoSachristaõ
Ma noel Per.ª dePinho presentes as referidas ttas foj dito que
elleSedava por entregue, de todos osbens doSegd.º inventr.º na
for ma que nelleSe declara eseobriga agoardar tudo
edar Contadelles por Sua pessoa ebens edecomoasigno disse
ra(õ)seobrigaraõ osignaraõ este tr.º ComoRd.º Menistro sendo
tt.as presentes oRd.º P.e SimaõPejxoto deFaria eJoaõCorr.ª deAra
ujo EeuManoel Ferrejra CoutinhoaIudante, daCamara
Eeclesiasticaque oescrevj

[Andr.ª] [Joaõ deCampos Lopes Torres]
[oPeM(Per.)ª dePinho]
[JoaõCorrea deAraujo]
[José Fran.co dos Sant(os)]

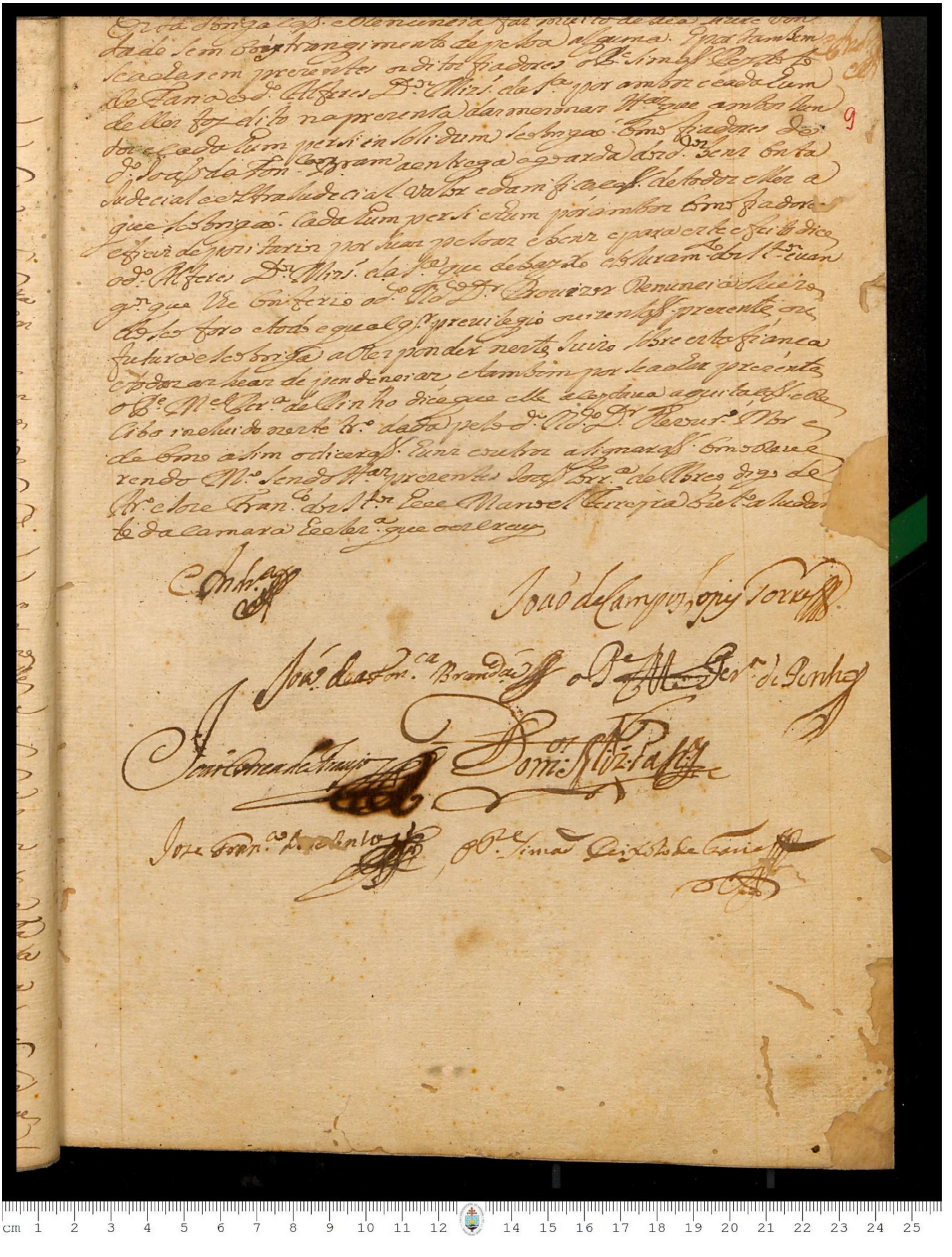
[27] Esses códigos alfanuméricos são identificadores dos inventários.

Tr.ª de entrega na forma abayxo

Aos quinze de outubro de mil e sete centos e quarenta
annos nesta Cathedral desta Cidade de Mariana
em dia de Sesta vindo o Reverendo Doutor Ignacio de Andrade e
Moraes Vigario desta Freguezia e Commissario com todo este Bis
pado e minha ordinaria nomeado e sendo ahy apparecendo
presente o Reverendo Doutor Ignacio de Campos Vigario
Vara Geral deste Bispado e por elle foy dito na pre
sença das Testemunhas ao diante nomeadas e assignadas que por elle
ambumbir agravado bem de mercê e favor lhe fosse
que lhe fizesse Provisão de mandado de alargamento de cadea
para Elle Vigario Geral desta Cidade de Mariana e Comarca
do Reverendo Vigario Geral deste Bispado para
lhe tomar juramento de Testemunhas e precatorio
Manoel Pereira de Pinho debaixo de cujo juramento
Cristovão Ribeiro de Sá e Manoel Gomes Ribeiro
Ribeiro Ribeiro e Manoel Gomes Ribeiro
Ribeiro Ribeiro e Manoel Gomes Ribeiro
Ribeiro Ribeiro

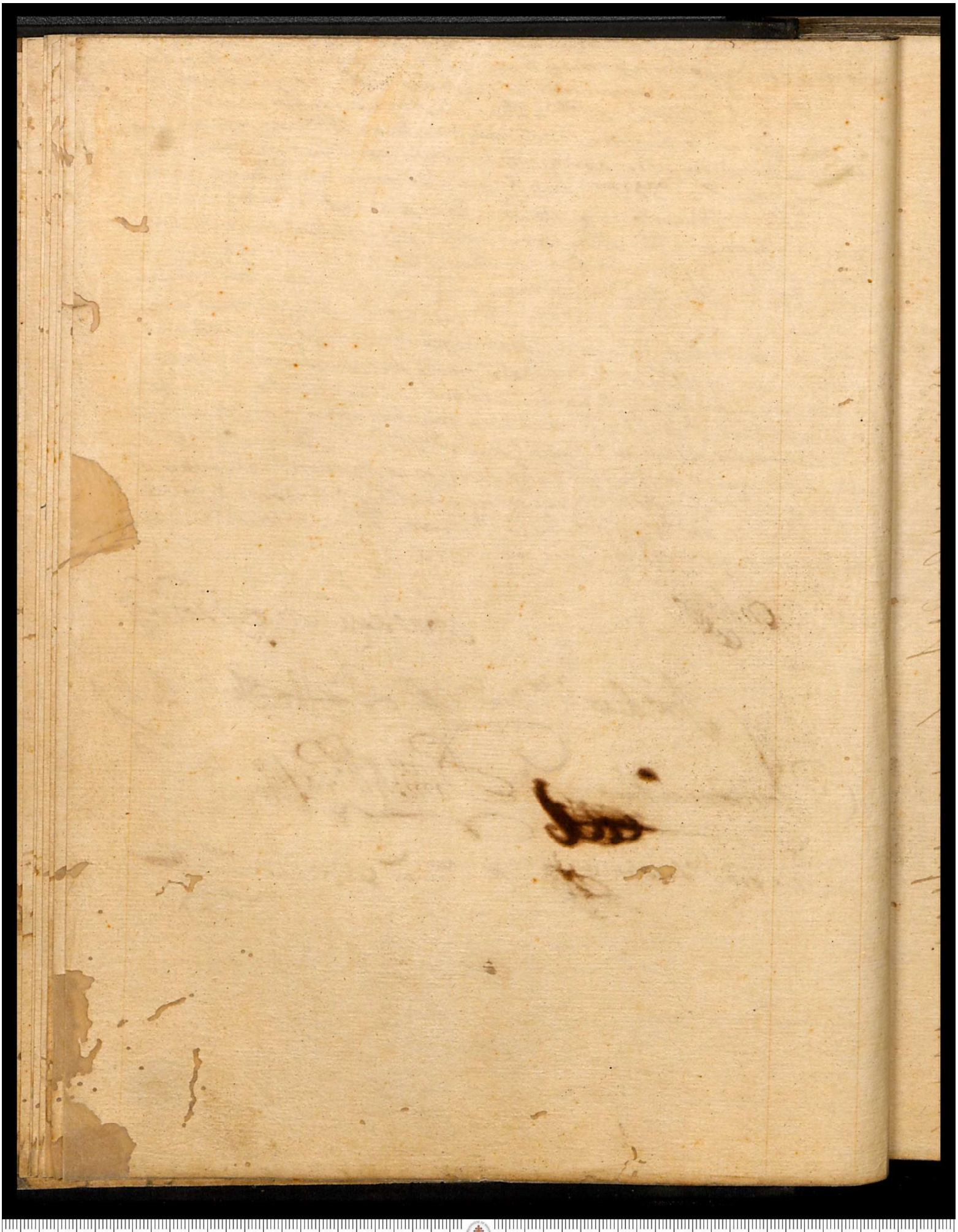
[Fl. 8v.]
Tr.º de entrega naforma abajxo
Aos quinzedeoutubro demil esette Centosquarenta
enoue annos naSeCathedral destaCidade Mariana
onde fojvindo oReuerendoDoutor IosedeAndrada e
Moraes Arcipreste damesma eProuizor emtodo este Bis
pado Comigoaodi ante nomeadoeSendoahj appar eceo
prezente oReuer endoDoutor IoaõdeCampos Lopes To
rres Thezour.º Mor damesmaSe e por elle fojdito napre
Zensa das tt.as aodi ante nomeadas eaSignadas que porlhe
emCumbir agoardadosbens damesmaSe ehauer tidonot.a
queSuaEx.aRm.a haviaprouidonoua m.te oCargodeSachris
taõMor napeSSoa deIoaõdaCosta Brandaõ. havia elle di
tto Thezour.º Mor tomadoCon tas aoSachristaõpreterito oP.e
M.el Per.a dePinho detodos os ornamentos e mais moueis des
criptos nos inventr.os dez defs2 emlha fs9[28] nos quaẽs entregou digo
nos quaes asignou tr.º de entrega o d.º Pinho afs6f.º eafs9[29] e
que omesmoSachristaõpreterito entregará aelle ditoThe
Zour.º Mor todos os bens naforma emque os Receberá, eque elle
ditoThezour.º Mor Se dá por intrega dos mesmos e dá aod.º P.e M.el
Per.a dePinho por este tr.º quitação eRecibo detodos os d.os or na
m.tos e mais bens (eoh) a por desobrigado dagoarda delles para
nunca mais lhos puder pedir E por Seachar prezente onouo pro
uido od.º Ioaõ daFon.ca Brandaõ elle dito Thezour.º Mor lhe fes
entregue dos ditos bens deque Consta os dous inventr.os e por omesmo
IoaõdaFon.ca B.ram fojditoperante as mesmas tt.as que elle
Se daua por entregue, etomaua aSua Conta enaSuagoarda
todos os ditos bens, equeSeobriga agoardalos Comofiel de
positario epollos prontos quandohouuerem deSeruir e
tor nalós aRecolher egoardar debajxo damesma Costodia
Comdeclaraçaõ que osbens dod.º Segd.º inventr.º estaõComal
gum vzo assim naõ Será obrigado adar Conta delles Como nouos
Caso emque faltem, eque para aSim oCumprir egoar
dar por Se(a) peSoa ebens eque para major Segurança dos
daSe dá por Seos fiadores aoReuerendoSimaõPejxoto deFa
ria Cappelaõ damesma [*corroído*]Alferes Domingos (L)uís daS.a
morador nad.a, eque Renuncia oIuizo doSeoforo eSeobriga a
(R)es pon der neste Sobreaentrega goarda eoutra qual q.r
duu(i)daquehaja Sobre osditos bens eContaque delles de
[*corroído*] debajxo doIuramento dosSanctos euang.os queRe
Cebe(+.)ao damaõdod.º Rd.º M.º, eque para os mesmos efeitos
Renuncia também todo equalq.r privilegio ou izenSaõ. que
(a)opreze nte tenha oupoSSa vir ater eque todaesta

[28] Esses códigos alfanuméricos são identificadores dos inventários.
[29] Esses códigos alfanuméricos são identificadores dos inventários.



||fl.9r.||
esta obrigação eRenuncia faz muito(deSua) (liure) (van)
tade Sem Co(ns)trangimento depeSoa alguma. E por tambem ([Andr.ª])
Seacharem preze ntes os ditos fiadores oP.e Simaõ Pejxoto
deFaria eod.o Alferes D.os (L)uiz doS.a por ambos e acadahum
delles foj dito napresensa das mesmas tt.as que ambos Iun
tos eCadahum persi in Solidum Seobrigao Comofiadores de <<9>>
d.o IoaõdaFon.ca B.ram aentrega egoarda dos d.os bens Conta
Iudecial eeStraIudi ci al Valor e dani ficaçaõ detodos eles a
queSeobrigaõ. Cadahum perSi ehum por ambos Como fiador[..]
efieis depozi tarios por Suas pessoas ebens e para este efeito dice
od.o Alferes D.os (L)uiz daS.a que debajxo doIuram.to dosSt.os euan
g.os que lhe Conferio od.o Rd.oD.r Prouizor Renuncia oIuizo
doSeoforo etodo e qualq.r preuilegio ou izenSaõ presente ou
futura esse obriga aResponder neste Juizo Sobre estafiança
[*inteligível*] de pendencias etambempor Seachar presentes
oP.e M.el Per.a dePinho diceque elle acejtaua aquitaçaõ eRe
Cibo incluido neste tr.o dada pelod.o Rd.o D.r Thezour.o Mor e
deComo assim odiceraõ. huns eoutros aSignaraõ ComoReue
rendoM.o Sendott.as presentes IoaõCorr.a deAbreo digo de
Ar.o e IoseFran.co dosSt.os EeuManoel Ferrejra Cout.o aIuda[.]
te daCamara hecles.a que oescreuj

[Andr.ª] [Joaõ deCampos Lopes Torres]
[Joaõ daFon.ca Brandaõ] [oPeMePera de Pinho]
[JoaõCorreadeAraujo] [Dom.os (Miz deS.a)]
[Jose Fran.co [*corroído*]nho] [OP.eSimaõ Peixoto de Faria]



[fl.9v.]

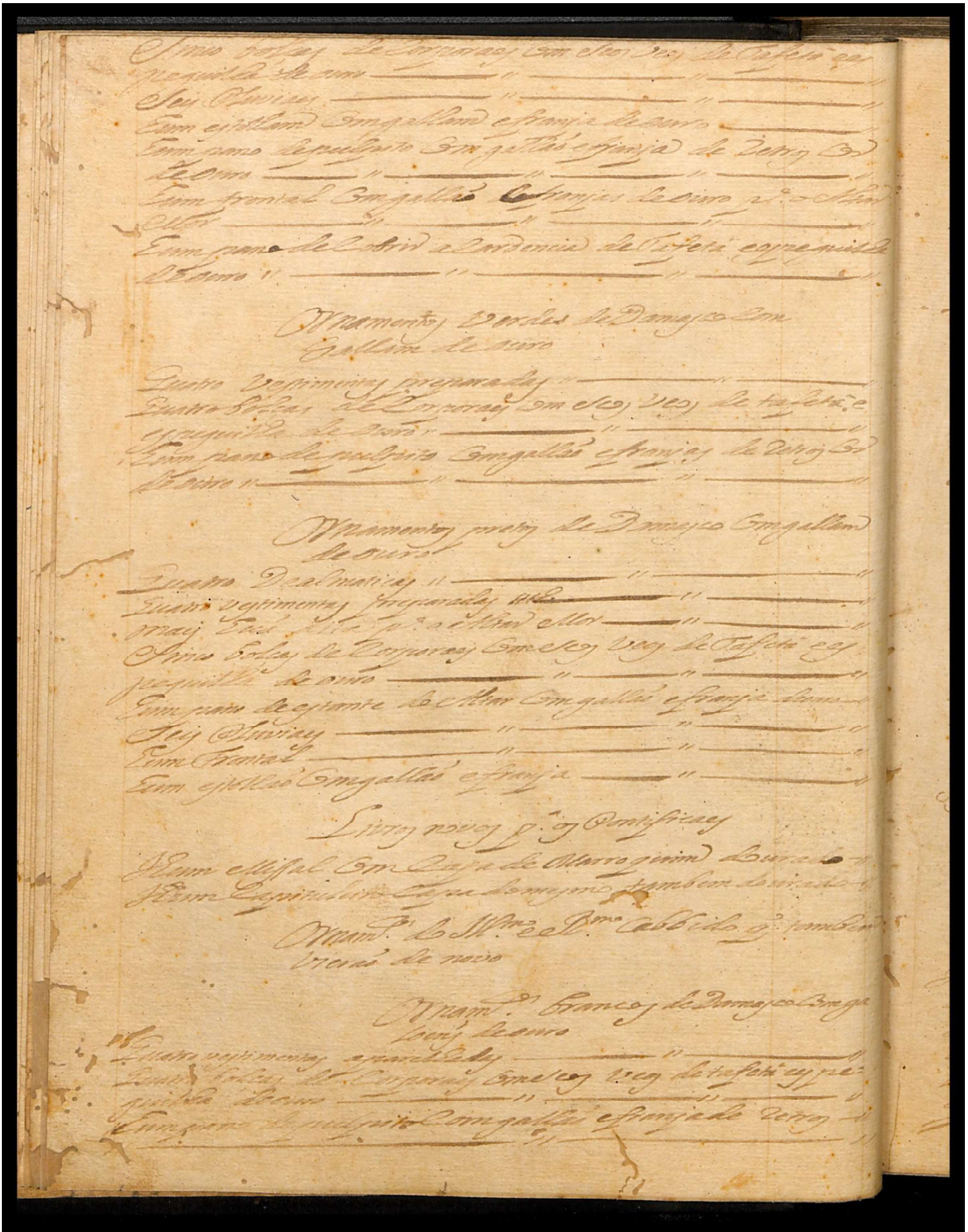
[*Em branco*]

||Fl. 10r||

([Andr.ª])

Addyçaõ ao Inventr.º af2 dos ornamentos
emais beñs, q̃. novam.te VieramdeLx.ª nafrot=
tade 1732 p.ª estaCathedral, q̃. Se entrega=
raõ ao M.to R.do D.r Thezr.º Mor destaCathe=
dral Ioão deCampos Lopes Torres q̃. os <<10>>
oferece aeste Inventr.º Sendo Pez.ta aelle o M.to
Rd.º D.r Provisor desteBp.do Amaro Go=
mes deOlivr.ª

Ornament.os Pontificaes brancos de melania deprata
Comgaloeñs deOuro
Duas Dealmaticas // ———— // ————// ————//
humpano deestante q̃. alem dogallaõ temfranja —
hum veo de hombros debrilhanteComflores erendade
ouro // ———— // ————// ————//
Seis Pluviaes // ————// ————//
Quatro Vestimentas preparadas // —— // ————//
Quatro bolças deCorporaes Com veos de Tafetâ, ees pe=
guilhadeOuro // ———— // ————// ————//
hum Veo deCobrir aCradencia de Tafetâ Comes peguilha
estreytadeOuro // ———— // ————// ——— //
Quatro (.)endentes deOuro deDealmaticas q̃. hade Servir
p.ª todas asCores dos Pontificaes q̃. tiverem gallaõ deouro — //
humpano depulpito Com od.º gallão deouro efranjas ——— //
hum docel dedamasco Com gallaõ efranjade retros ComSeo
pano // Ornamt.os Vermelhos da mesma melania
Comgalam de ouro
Duas Dealmaticas // ————// ————//
humpano deestante doaltar q̃. alem dogallaõ temfranja//
Seis pluviais // ———— // ————// ———— //
Quatro vestimentas preparadas Como do Pontif.al branco —— //
quatro bolças d(e) Corporaes Com veos detafetâ ees pegui
lhadeouro // ———— // ————// ———— //
humveo deTafetá Comespeguilha deouro p.ªaCradencia//
humpano depulpito Comgalaõ efranja deouro —— //
hum docel dedamasco Com Seo pano de gallaõ efranja de retros //
Ornament.os Roxos deDamascoComguarni=
coeñs deouro degallam
Quatro Dealmaticas // ———— // ———— // ————//
humpano deestante Com gallaõ efranja p.ª oAltar ——//
Quatro Vestimentas preparadas Como as assima // ————//
mais huã dita p.ª oAltar Mor ————————//
// ————————————// ———————————— /



[Fl. 10v]

Sinco bolças deCorporaes Com Seos Veos de Tafetâ ees
peguilhasdeouro // ———— // ———— // ———— //
Seis Pluviaes // ———— // ———— // ———— //
hum estollam Comgallam efranjadeOuro ———— //
humpano depulpito Com gallaõ efranja de retros Cor
deOuro ———— // ———— // ———— // ———— //
humfrontal Comgallaõ (de)franjas deouro p.ª oAltar
Mor ———— // ———— // ———— // ———— //
humpanodeCobrir aCardencia deTafetá eespeguilha
deouro // ———— // ———— // ———— // ———— //

Ornamentos verdes deDamascoCom
Gallamdeouro

Quatro vestimentas preparadas // ———— // ———— //
Quatro bolsas deCorporaes Com seos veos de tafetâ e
espeguilha deouro // ———— // ———— //
humpanodepulpito Comgallaõ efranjas de retros Cor
deouro // ———— // ———— // ———— //

Ornamentos pretos deDamasco Comgallam
deouro

Quatro Dealmaticas // ———— // ———— //
Quatro vestimentas preparadas [*ilegível*]———— // ———— //
mais huã dita p.ª o Altar Mor // ———— // ———— //
Sinco bolças deCorporaes Comseos veos de Tafetá ees
peguilha deouro // ———— // ———— // ———— //
humpano deestante deAltar Comgallaõ efranja de ouro —//
Seis Pluviaes // ———— // ———— // ———— //
humFrontal // ———— // ———— // ———— //
hum estollaõ Comgallaõ efranja ———— // ———— //

Livros novos p.ª os Pontificaes

Hum Missal ComCapa de Marroquim dourado—//
HumCapituleiroCapadomesmo tambem dourado—//
Ornamt.os do Ill.mo eR.mo Cabbido q̃. tambem
vieraõ de novo

Ornamt.os brancos deDamascoComga
loeñs deouro

Quatro vestimentas aparelhadas ———— // ———— //
Quatro bolças de Corporaes Comseos veos de tafetâ ees pe=
guilha deouro ———— // ———— // ———— //
hum pano depulpitoComgallaõ efranjade retros —//
(//) ————————————// ———————————— //

Vermellon y Bermellon de Zumaya Compañia de Vizcaya

Quatro espirmanes grandes de Lay ——— " ———
Quatro Lays de Espinas y Ameles muy delgadas ———
Lecinos " ——— " ——— " ———
Tres pares de Sapatos Cam ja Lisos y Bordados de Seda ——— 11

Bacia Branca

Seis Letras de Azul de Cofre Cmelon verde ———
Seis Cordones de Lina ——— " ———
Dose Cruzes y Cmo Azul de Cofre Cmelon y Filos de Lina

Liros nuevos

Sinco Misales Cm Caxa de Guarnicion " ———
Dose Libros de Resumen ——— " ———
Dose Libros de Oficios de Nra Sra " ———
Tres Diccionarios de Cmo " ——— " ———
Estos y Libros seguros merilos en Cmo se siguen de Lina ——— " ——— " ———

Cmo Verde

Sinquenta esquinos Cordos Lay Cmo verde ——— " ———

Prata

Dose Cabos de pua Lavrados Cmelon Cairos de Cam. Del Mel R. y Jesus Hijo Verme. Cujo peso se Sade de clavos de Cobre y Cabos de Letra grande pertenente a Nra Sra de Chus Patrona Defto y negrim. Inventa. se Lavro ——— " ———

Declaracion del peso y precio q. pertenece a Fabrica desta Catedral de q. Sej mientos Inventa. a Sol Cay Cruz Alferez Sant. Lemuj Capitan q. se Sirve de Cabo Mayor de Sra Cruz

Una Cruz Procesional dorada y prata ——— 14 marcos 2 onz
Una Cruz grande de Altar de Cobre ——— 83 — 6
Una Capilla grande ——— 55 — 4
Una de mej pequena ——— 22 — 4
Una P. Cruz ——— 12 — 6
Una P. muy pequena ——— 39 — 2
Pesa dimos q. Cruzes Cirios y Candeleros pertenecen a dha Cruz ——— 275 marcos 2 onz

||Fl. 11r||

Ornamentos Vermelhos deDamasco Comgallaõ
deouro ([Andr.ª])

Quatro vestimentas preparadas ———— // ———— //
Quatro bolças deCorporaes ComSeos veos deTafetá eespeguilha
deouro // ———— // ———— // ———— //
hum pano depulpito Com gallaõ efranjade retros cor de ouro// <<11>>

Roupabranca

Seis Alvas de ruaõ deCofre Comsua renda ———— //
Seis cordoeñs delinha ———— // ———— //
Doze Amittos domesmo ruaõ deCofre Com suasfittas delinha

Livros novos

Sinco Missaes ComCapa de bizerropardo // ———— //
Dozelivros de defuntos ———— // ———— //
Doze livrinhos daNovenadeS. Joze // ———— //
Hum Directorio deCouro // ———— // ———— //
etodos oslivros pequenos metidos emhumsaquinho de
linhage ———— // ———— // ———— //

Pano Verde

Sinquenta equatro(Covados) deduas terças depano verde com
dous panos hum mais claro, outro mais esCuro // ———— //

Prata

Dous cálix depratadourados Comsuas Caixas deCa(mr).(a) ver
melha q̃. pezaõ digovermelha, cujopezo se hade declarar
nadeclaraçaõ q̃. sefas detoda a prata pertencente aCathedral
desua fabrica, visto q̃. noprimeir.º Inventr.º declarandoseas pes
sas senaõ fes mensam deseos pezos // ———— // ———— //

Declaração doq̃. pezaõ as pessas deprata
pertencente afabrica destaCathedral de
q̃. faz mensaõ o Inventr.º afolhas Sinco
aCrescendo Somt.e de mais dous Calix q̃. vi
eraõ de novo deq̃. assima sefas mensaõ

HumaCruz Procissional deprata q̃ peza // ———— // 14 marcos e 2 (on)
humaCruz grande de Altar Mor Comseopê ———— 83 ——— e 6
Hum Castiçal grande // ———————————— 55 ——— (e) (4)
hum d.º mais pequeno // ———————————— 42 ——— 4
outro d.º Irmaõ // ———————————— 42 ——— 6
hum d.º mais pequeno // ———————————— 39 ——— 2
// ————————————// ———————————— //

Passa adiante a (con)tinuaçaõ daprata por seachare 275 marcos 24 [*ilegível*]
[*ilegível*] afolhaVen(te)

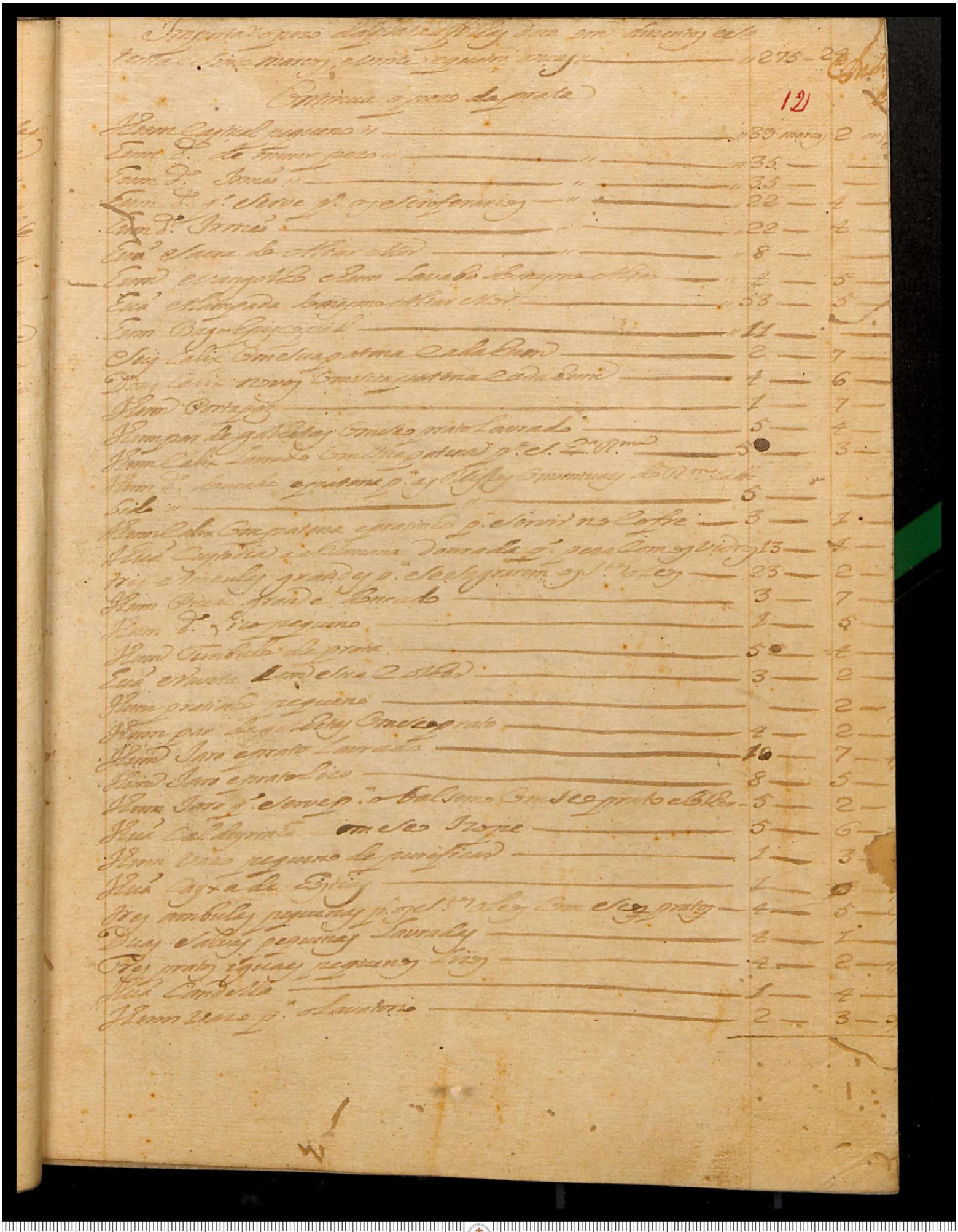
Hoyrimos de Cosme y Damian y Compañia
Por Mro Lyte Cathedral de San Salvador
y Pedro Tomy Pro Compañia de Indias

Diez Cuentas en Cuyrimonty Cruzes pregunta dos juramentos
Dos Mrs de Pedro de Lerma Cura de Lamalbe, Parroquia de
Duran annexta " " " "
Diez Diezmos de Cuyrimonty Cruzes pregunta dos " "
Siete Diezmos de Juramento Cura de Lamalbe en Cuyrimonty
cada uno pregunta dos " " "
Diez Mrs de Diezmos de Cuyrimonty pregunta dos " "
Quatro Diezmos de Cuyrimonty pregunta dos de Pedro Cabello Parroquia
de Cosa " " "
Dos pares de Gallinas pregunta dos Cuyrimonty pregunta dos
Diez Confirmaciones grandes Cuyrimonty pregunta dos de Cosa
Dos pares de Gallinas de Cuyrimonty pregunta dos " "

[Fl. 11v]

Acrescimos deCouzas q̃. Comprou oR.^{do}D.^{r}
Thzr.^{o} Mor destaCathedral Joaõ deCampos
Lopes Torres p.^{a} amesmaCathedral

Duas Cazulas ouvestimentas brancas preparadas guarnecidas
degallaõ de retros cor deouro de xamalote forradas de
ruam amarelo // ———— // ———— // ———— //
Duas ditas da mesmaforma Vermelhas // ———— //
Sete Sacras de Jacarandâ Comadeclar.^{am} deq̃. alguãs se
achamjaquebradas // ———— // ———— // ———— //
Hum Almofariz debronze Comsua maõ // ———— //
Dous bancos pequenos p.^{a} aCapella Mor // ———— //
Quatrobancos de encosto p.^{a} sesentar oR.^{mo} Cabbido fora
doCoro // ———— // ———— // ———— //
Oitopares degalhetas pequenas deestanho Comseos pratos —//
Dous Conficionarios grandes hump.^{a} oR.^{do} Cura daSe, ou
trop.^{a} oR.^{do} Penitenciario depaô pintado // ———— //



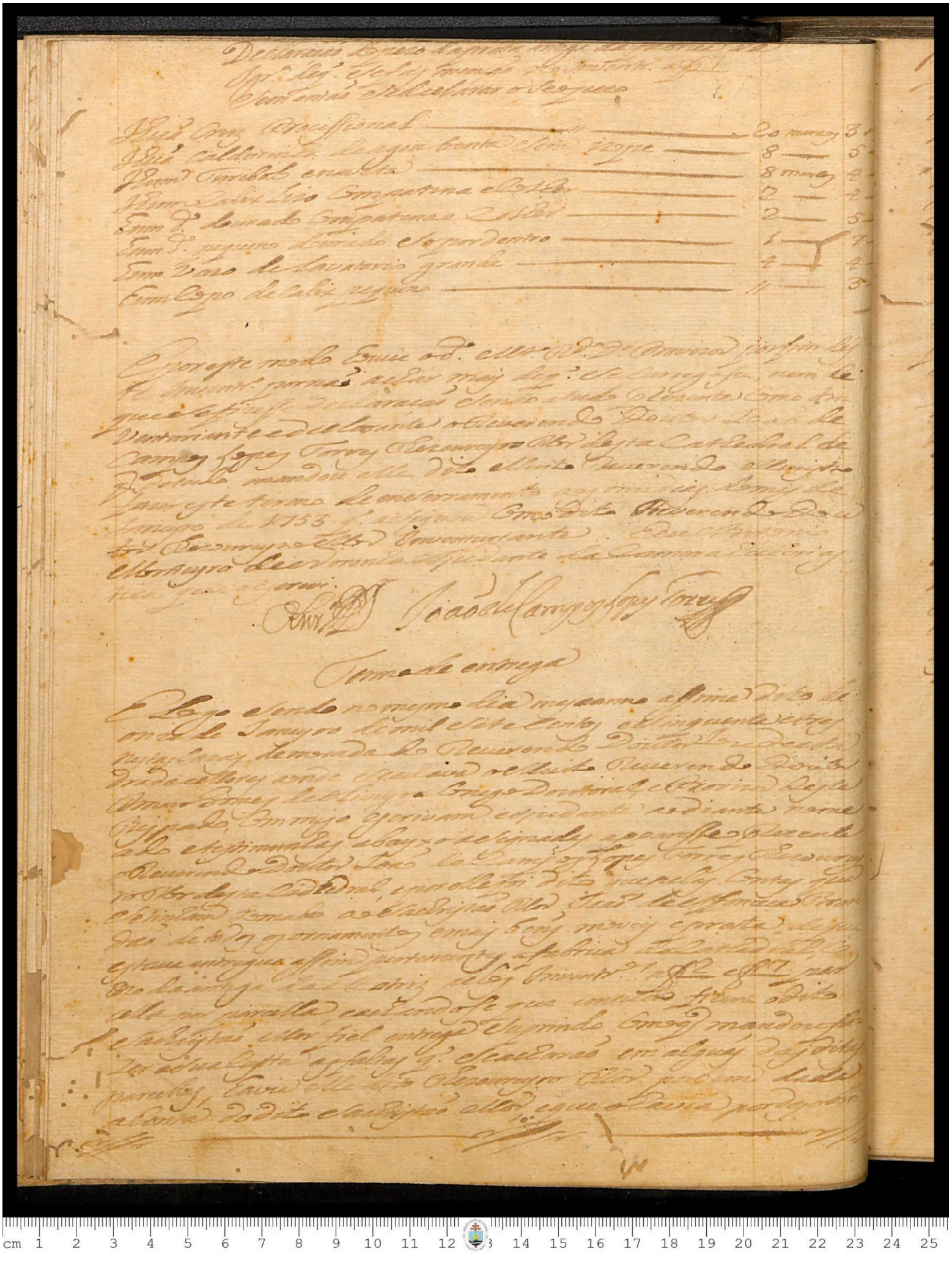
||Fl. 12r||

Importa opeso daprata asfolhas doze em duzentos esse
tentaesinco marcos, evinte equatro onças // ———— // 275 — 24

([Andr.ª])

Continua o peso daprata <<12>>

HumCastiçal pequeno // ———————————— // 39 marcos 2 onç
hum d.º de menor peso // ———————— // ———————— // 35 ——— ———
hum d.º Irmaõ // ———————— // ———————— // 35 ——— ———
hum d.º q̃. serve p.ª os seroferarios — // ———————— // 22 ——— 4 ———
hum d.º Irmaõ ———————— // ———————— // 22 ——— 4 ———
huã Sacra doAltar Mor ———————— // ———————— // 8 ——— ———
hum evangelho ehum Lavabo domesmoAltar ———— // 4 ——— 5 ———
huã Alampada domesmoAltar Mor ———————— // 53 ——— 5———
hum BagoEpiscopal ———————————— // 11 ——— ———
Seis Calix Com suapatenaCadahum ———————— 2 ——— 7 ———
Dous Calix novos ComsuapatenaCadahum ———— 4 ——— 6 ———
Hum Portapaz ———————————— 1 ——— 7 ———
Humpar degalhetas Comseo pratolavrado ———— 5 ——— 4 ———
HumCalix lavrado Comsuapatena p.ª S. Ex.ª R.ma —— 5 ——— 3 ———
Hum d.º dourado epatena p.ª as Missas Conventuaes do R.mo Cab=
bido // ———————— // ———————— // 5 ——— ———
HumCalix Compatena epratinho p.ª Servir noCofre — 3 —— 1 ——
Huã Custodia a Romana dourada q̃. pesaComos vidros 13 —— (1) ——
tres Ambulas grandes p.ª SeSagrarem os S.tosoleos — 23 —— 2 ——
Hum Prato grande dourado ———————— 3 ——— 7 ——
Hum d.º Lisopequeno ———————————— 1 ——— 5 ——
Hum Turibulo deprata ———————————— 5 ——— 4 ——
huã Naveta Com SuaColher ———————————— 3 ——— 2 ——
Hum pratinho pequeno ———————————— ——— 2 ——
Humpar degalhetas ComSeoprato ———————— 4 ——— 2 ——
Hum Jaro eprato lavrado ———————————— 16 ——— 7 ——
Hum Jaro epratoliso ———————————— 8 ——— 5 ——
Hum Jaro q̃. Servep.ª obalsomo ComSeoprato eColher - 5 ——— 2 ——
Huã Caldeyrinha Com Seo Izope ———————— 5 ——— 6 ——
Hum Vaso pequeno depurificar ———————— 1 ——— 3 ——
Huã Cayxade hostias ———————————— 1 ——— 0 ——
tres ambulas pequenas p.ª os S.tos oleos Com Seos pratos — 4 —— 5 ——
Duas Salvas pequenas lavradas ———————— 4 ——— 1 ——
Tres pratos iguaes pequenos lisos ———————— 4 ——— 2 ——
Huã Candella ———————————— 1 ——— 4 ——
Hum vaso p.ª olavatorio ———————————— 2 ——— 3 ——



[Fl. 12v]

Declaração dopeso daprata antiga dafabrica da
Igr.ª de q̃. Sefaz menção no Inventr.º af7
Sem entaõ Sedeclarar oSeopeso

Huã Cruz Procissional ——————— // ——————— 20 marcos 3 (o)
Huã Caldeirinha deagoa benta Sem isope ——————— 8 ——— 5
Hum Turibolo enaveta ——————————————— 8 marcos 4
HumCalix liso Compatena eColher ——————— 2 ——— 4
hum d.º dourado CompatenaeColher ——————— 2 ——— 5
hum d.º pequeno dourado Sopor dentro ——————— 1 ——— 7
hum vaso delavatorio grande ——————————— 4 ——— 4
humCopo de Calix pequeno ——————————— // ——— 3

Epor este modo houve od.º (Mt.º) R.do D.r Provisor porfim des
te Inventr.º pornaõ achar mais de q̃. Se Carrega(sse) (nem) de
queSefizesse declaraçaõ Sendo atudo presente Como In=
ventarianteedeclarante oReverendo Doutor Ioaõ de
Campos Lopes Torres Thezoureyro Mor destaCathedral de
q̃ detudo mandou elle dito Muito Reuerendo Menistro
fazer estetermo de encerramento aos onse dias domes de
janeyro de 1753 q̃. assignou Como dito ReverendoDou
tor ThezoureyroMor Inventuriante. EeuAntonio
Monteyro deNoronhaAjudante daCamara Ecclesias
tica que oescrevi.

[Olivr.ª] [Joaõ deCampos Lopes Torres]

Termode entrega

Elogo Sendo no mesmo dia mes(e)anno assima dito de
onze de Janeiro de mil SeteCentos e Sinquenta etres
nestas Casas de morada do Reuerendo Doutor JosedeAn
dradaeMores aonde Seachava oMuito Reuerendo Doutor
(Amaro)Gomes deOliveyra ConegoDoutoral eProvisor deste
Bispado, Com migo escrivam Ajudante aodiante nome
ado etestimunhas abayxo aSignadas apparesseo prezente
oReuerendoDoutor Joaõ deCampos Lopes Torres Thezourey
roMor destaCadtedral, epor ellefoi dito quepelas Contas que
Setinham tomado aoSachristaõ Mor Joaõ deAffonceca Bran
daõ de todos os ornamentos emais bens moveis eprata deque
estavaentregue assim pertencentes afabrica daCathedral (Co)
(mo) daantigadaMatriz pelos Inventr.º af2 e f7 par
cellapor parcela, eachandose que emtudo fizera o dito
Sachristaõ Mor fiel entrega Suprindo Comoq̃ mandoufa=
zer aSuaCusta asfaltas q̃. Seacharaõ em alguãs das ditas
parcelas, havia elle dito ThezoureyroMor por bem dada
aConta do dito Sachristaõ Mor, eque ohavia pordesobr=

13.

||Fl. 13r||
por (desobrigado) [*ilegível 1 linha*]
feito otr.º [ilegível] aSignaramaf10 epor desobrigado Com efeito
houve odito oMuito Reuerendo Menistro para que contra [(Andr.ª)]
elle dito Joaõ de Affonceca Brandaõ eSeos fiadores Se
naõ proceda pelo dito termo de entrega, epor este modo
ficassem efeito evigor. [*espaço*] Elogo declarou omesmo Reue
rendo Doutor Thesoureyro Mor q̃. elle Sedaua por en <<13>>
tregue detodos osbeñs deq̃. trataõ os ditos Inventr.º Velhos
desde f2 ef7, Como tambem dos beñs deq̃. trata o a
crescimo do Inventr.º desde f11 the f13(v)[30] dosbeñs q̃ Sua
Magestade novamente mandou nafrottade 1752 Comade
claração dos pesos daprata q̃. toda Setinhapesado Comassis=
tencia dodito ReuerendoDoutor Thesoureyro Mor Cujas
parcelas Seacham por mim escritas edeClaradas a f12 inf[*corroído*]
af13e(v)[31] Sem em menda nem Cousaqueduvida fassa, tudo
feito napresença do dito ReuerendoDoutor Thesoureyro
Mor, oqual disse edeclarou que por estetermo Sedaua
desdelogopor entregue paraoter equardar Comtoda aCau
tella efidelidade necessaria pelaobrigassam deSeooffi
cio eadar Conta detudo todas as vezes que lhefosseempedi=
das p(arao)q̃. obrigavaSuapessoa ebeñs havidos epor
haver; edeComoassim odisse eSeobrigou aSignou esteter
mo ComoMuito ReuerendoMenistro presentes portes
timunhas oReuerendo Padre Domingos Xavier Martins Mes
tredeCerimonias daCathedraldestaCidade, eo Reueren(do)
ManoelPereyradePinho, eCustodio Ferreyrados San
tos. Eeu Antonio Monteyro deNoronha Ajudante
daCamaraEcclesiastica queoescrevi.
[Olvr.ª] [Joaõ deCampos Lopes Torres]
[Dom.os Xavier Miz] [MePer.ª(de)Pinho]
[Costodio Frr.ª dos Santos]

[30] Há algum símbolo ou abreviatura que parece indicar o verso do fólio.
[31] Há algum símbolo ou abreviatura que parece indicar o verso do fólio.



apítulo 4: Léxico litúrgico

A “voz” dos textos escritos é manifestada por meio do léxico, já que “é o primeiro elemento linguístico com que se depara o filólogo ao tentar ler e transcrever um texto manuscrito”. (TELLES, 2012, p. 137).

“O léxico, ao mesmo tempo que consolida o saber de um povo e o resguarda como um baú na memória dos falantes, é também a face lingüística mais dinâmica de expressão desse saber, uma vez que os saberes se atualizam e se interpenetram constantemente”. (PAULA, 2007, p. 153).

“Cada projeto de dicionário é único e fala por si mesmo sobre seu conjunto de regras específicas, mas o vasto alcance das tarefas demanda uma organização rigorosa de fazer o melhor uso possível das fontes e das equipes. A crença comum de que a elaboração de um dicionário começa com a definição de palavras é tão ingênua como a idéia de que a construção de um prédio começa com a compra de materiais de construção”. (LANDAU, 2001, p. 343).

Um dos objetivos da nossa pesquisa foi elaborar um glossário com os vários termos litúrgicos presentes no *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Segundo a historiadora Adalgisa Campos, o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*

> [...] surpreende pela quantidade dos objetos inicialmente arrolados com detalhes, sob guarda do sacristão-mor ou tesoureiro-mor, bem como pela diversidade e luxo de algumas peças procedentes da época em que Mariana era apenas paróquia. Parte expressiva do acervo foi adquirida de Lisboa, sobretudo sob os esforços de d. frei Manoel da Cruz (1748, morto em 1764), quando d. João V ainda era vivo. Eram ornamentos completos nas cores branca, verde, preta, roxa, carmesim e amarela, conforme a exigência do cerimonial [...] (CAMPOS, 2007, p. 81).

O glossário que elaboramos, portanto, configura-se como um produto lexicográfico com perfil terminológico, da esfera litúrgica. Nesse sentido, antes de apresentarmos as normas de composição do glossário e o glossário propriamente dito, apontaremos algumas teorias das Ciências do Léxico que foram utilizadas como fundamento para este trabalho.

O léxico de uma língua, como aponta Biderman (2001, p. 13), "constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente". Complementando essa noção de léxico, Mira-Mateus e Villalva (2006, p. 61) afirmam que

> [o] léxico das línguas é uma entidade abstrata: limitada no tempo, dado que integra todas as palavras, de todas as sincronias, da formação da língua à contemporaneidade; limita no espaço, dado que compreende todas as palavras de todos os dialectos; e irrestrita na adequação ao real, dado que inclui as palavras de todos os registros de língua.

As Ciências do Léxico, disciplina linguística que trata do estudo do léxico, podem ser divididas em alguns subcampos, a saber: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. De maneira geral, a Lexicologia ocupa-se do estudo, mais geral, do léxico/vocabulário de uma língua. Segundo Abbade (2006, p. 219), "[a] Lexicologia é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais". A Lexicografia, por sua vez, é o campo de estudos da prática de elaboração de materiais lexicográficos (dicionários de língua geral, vocabulários, glossários etc.). (cf. ABBADE, 2006, p. 220). Já a Terminologia dedica-se ao estudo "os termos de natureza técnico-científica" (ABBADE, 2006, p. 220).

Neste trabalho, tomamos a Terminologia como fundamentação maior por lidarmos com o léxico que envolve a prática litúrgica, ou seja, um léxico especializado. Para Cabré (1995, s/p, tradução nossa)

> a terminologia serve às diferentes especialidades para representar o conhecimento de maneira organizada (sob a forma de manuais ou glossários) e para unificar o conhecimento (em forma de normas e padrões); enquanto as especialidades proporcionam à terminologia sua própria razão de ser, que é seu objeto de estudo: os termos, que sem sua inserção nas especialidades perderiam seu valor terminológico.[32]

Complementar a isso, Krieger (2009, s/p) afirma que

> [...] não há comunicação profissional sem terminologia, o que corresponde ao emprego de itens léxicos específicos e, consequentemente, de conceitos próprios de cada área de saber científico, técnico, tecnológico, jurídicos entre tantos outros domínios de competência.

É preciso, contudo, tomar cuidado para não se separar (de forma quase independente) a língua de especialidades da língua geral. Segundo Krieger (2009, s/p),

> [...] os textos, que funcionam com suporte material de conteúdos científicos, técnicos, jurídicos, administrativos, [litúrgicos,] entre outros tipos que veiculam o conhecimento profissional, são articulados com base em estruturas lexicais e sintagmáticas que um mesmo sistema lingüístico oferece. Não é o caso de uma língua à parte, mas de um modo de dizer na mesma língua [...].

Prova de que essa separação é inviável é o fato de vários itens lexicais transitarem, a todo instante, no domínio geral e no domínio especializado. Por exemplo, a palavra *verde*, na língua comum significa "a cor da relva" (HOUAISS, 2009); no campo da física significa "cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 492 e 577 nanômetros" (HOUAISS, 2009); já na liturgia, significa "símbolo da vida e da esperança, é aquela que se usa mais vezes durante o ano, nos domingos e dias feriais do Tempo Comum" (CEP, 2003, 346c).

[32] No original: "la terminología sirve a las distintas especialidades para representar el conocimiento de manera organizada (en forma de manuales o glosarios) y para unificar el conocimiento (en forma de normas y estándares); mientras que las especialidades proporcionan a la terminología su misma razón de ser, el objeto de su estudio: los términos, que sin su inserción en las especialidades perderían su valor teminológico.

Nesse sentido, elaborar um material terminológico de consulta (no nosso caso um glossário) tem como finalidade, como aponta Schierholz (2012, p. 379), "tornar mais compreensível o conhecimento de especialidade, possibilitar um entendimento sem obstáculos entre os especialistas [...] e facilitar a troca de conhecimentos entre especialistas e leigos". Complementando essa ideia, Lino *et al.* (2010, p. 188) afirmam que uma obra lexicográfica de especialidade é "[...] indispensável aos especialistas das diferentes áreas do conhecimento, aos tradutores e ao ensino-aprendizagem da língua materna e das línguas estrangeiras para fins específicos".

A prática de elaboração de glossários (aqui focalizamos a Lexicografia), como indica Krieger (2006), remonta ao mundo antigo, quando eram elaboradas listas de palavras, com as suas respectivas definições, que tinham por finalidade auxiliar a leitura e compreensão dos textos literários e litúrgicos. Segundo essa autora,

> [c]onta a tradição que a Ilíada e a Odisséia de Homero necessitaram de glossários para facilitar sua leitura. Assim também na Idade Média, quando o latim, que passou a ser chamado de vulgar, já apresentava muitas diferenças com o latim clássico, que permanecia como a língua da liturgia, do direito e da universidade, foi necessário explicar o significado das palavras difíceis por meio de glosas, ou seja, de notas explicativas. (KRIEGER, 2006, p. 141).

Dentro do estudo do léxico, outro ponto importante para o nosso trabalho é o fato de a prática de edição de textos antigos possuir uma relação muito direta com as Ciências do Léxico. Sobre isso, Telles (2012, p. 137) afirma que o léxico é o

> [...] primeiro elemento linguístico com que se depara o filólogo ao tentar ler e transcrever um texto manuscrito. Ele não irá interferir na forma da palavra escrita, mas, para entender essa palavra e poder preservá-la na sua edição de caráter conservador, vai precisar de todo o seu conhecimento linguístico na identificação das formas escritas.

A autora, ora citada, ainda complementa essa ideia afirmando que "[a]s formas lexicais que dão suporte ao texto correspondem ao uso linguístico do *scriptor* e do seu tempo, mas também ao gênero discursivo nele representado" (TELLES, 2012, p. 143).

4.1 Liturgia

Tanto o *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*, como todo o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, trazem os registros de objetos sacros ou não que

eram utilizados na catedral da (arqui)diocese de Mariana. A maioria desses objetos compunha e alguns ainda compõem as diversas atividades litúrgicas que aconteciam (e acontecem) naquele espaço. Como aponta Coppola (2006, p. 21),

> [s]ão diversos os paramentos da Igreja. Alguns deles têm caráter decorativo, são ornamentos, como as vestes litúrgicas e as decorações do altar, do púlpito e das paredes. Outros, porque são utilizados com freqüência, têm importância prática, como por exemplo, o corporal e a toalha de comunhão.

Segundo a *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, por muito tempo,

> [...] a Igreja [e aqui leia-se Igreja Católica] preocupou-se com muita solicitude em que as alfaias sagradas contribuíssem para a dignidade e beleza do culto, aceitando no decorrer do tempo, na matéria, na forma e na ornamentação, as mudanças que o progresso técnico foi introduzindo [...]. (*Sacrosanctum Concilium*, n. 122).

Isso, porque, como consta na *Instrução Geral do Missal Romano*, "[...] toda a Liturgia, realiza-se por meio de sinais sensíveis, pelos quais se alimenta, fortalece e exprime a fé [...]" (CEP, 2003, n. 20).

A catedral, como igreja principal da diocese, a igreja do bispo, deve dar exemplo em zelo litúrgico às outras igrejas e capelas daquela circunscrição eclesiástica. Essa questão fica bastante clara na *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, citada no *Cerimonial dos Bispos*:

> [...] todos devem dar a maior importância à vida litúrgica da diocese que gravita ao redor do Bispo, sobretudo na igreja catedral, convencidos de que a principal manifestação da Igreja se faz numa plena e ativa participação de todo o povo na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma Eucaristia, numa única oração, em volta do mesmo altar, a que preside o Bispo rodeado do seu presbitério e dos ministros. (*Sacrosanctum Concilium*, n. 35, citada no Cerimonial dos Bispos, p. 20).

4.2 Normas do Glossário

Diversos são os trabalhos que apresentam como produto final um glossário ou outro material lexicográfico. Nesse sentido, torna-se necessário definir brevemente o que é um glossário. Em nosso trabalho, nos apropriamos a concepção de Barbosa (2001, p. 36) que afirma que se trata de uma

> [...] obra lexicográfica que apresenta unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade sêmica, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão.

Queremos com o glossário litúrgico registrar uma parte do léxico da língua portuguesa em uso, em uma dada época e em um contexto específico. Justificamos o uso do termo *glossário* também com suporte no trabalho de Krieger (2006, p. 143, grifos nossos) que, ao tratar da tipologia dos dicionários, afirma que

> [...] os critérios classificatórios são também variáveis, explicando denominações que, em geral, dependem do componente tomado por base a exemplo dos dicionários técnico-científicos ou terminológicos que repertoriam os termos técnico-científicos de alguma área de conhecimento. *Essas produções que, muito comumente, também aparecem sob a forma de glossários, restringem-se a repertoriar o que é convencionalmente chamado de léxico especializado*.

Em nosso trabalho, foi possível realizar uma síntese razoável sobre vários termos e definições, neste caso, referentes à liturgia da Igreja Católica. É preciso destacar que todos os termos foram extraídos do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Esse manuscrito, exarado entre 1749 e 1753, está contido no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, que faz parte do acervo documental do Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira.

Com a transcrição finalizada, efetuamos, com o auxílio do *AntConc – software* com ferramentas de análise de *corpus* para concordância e análise textual – o levantamento de todos os termos litúrgicos presentes no manuscrito. Tendo realizado essa etapa, elaboramos o glossário, nos fundamentando, principalmente, no trabalho de Barreiros (2017) – no qual a autora estabeleceu o vocabulário do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta – e no trabalho de Duchowny *et al.* (2015) – um dos poucos vocabulários específicos do português mineiro do século XVIII.

Segundo Barreiros (2017, p. 87) "com o crescente desenvolvimento das tecnologias computacionais, várias ferramentas estão disponíveis com o intuito de facilitar a construção de trabalhos lexicográficos". Essas ferramentas facilitam o manuseio dos dados e geram um maior grau de confiabilidade da pesquisa. Precisamos destacar, contudo, que, em se tratando de uma edição conservadora de um manuscrito antigo, o software *AntConc* não apresenta um desempenho tão satisfatório. Por isso,

torna-se necessário, também, um trabalho manual de limpeza dos dados e até de seleção de alguns itens lexicais.

Por meio da edição diplomática do referido manuscrito foi possível realizar o levantamento de 116 itens lexicais relacionados à prática litúrgica da igreja catedral da Arquidiocese de Mariana. Entre os itens levantados podemos verificar que a maioria dá nome aos vasos litúrgicos, aos paramentos, aos objetos sacros, aos livros litúrgicos etc. Como todo trabalho científico, nosso glossário foi estabelecido por meio de algumas regras que serão apresentadas a seguir.

1. Os itens lexicais foram organizados em ordem alfabética, e a microestrutura do glossário foi configurada da seguinte forma: entrada lexical (no singular, em caixa alta e em negrito), seguida do número total de ocorrências entre parênteses. Por se tratar de um glossário elaborado com base em texto antigo, optamos por apresentar a entrada lexical na grafia encontrada no manuscrito. Para os casos de variação, escolhemos a forma com maior número de ocorrências e apresentamos, ao final do verbete, as outras formas encontradas. Em caso de mesmo número de ocorrência, optamos pela ordem alfabética das formas.

2. Registro da ortografia atual, entre colchetes, retirada do dicionário Houaiss (2009) ou, quando não encontrada, dos Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (RODRIGUES, 2005).

3. Apresentação das definições conforme o *Vocabulário Português e Latino*, do padre Raphael Bluteau e conforme o *Dicionário Litúrgico*, do Frei Basílio Rõwer. Para os itens lexicais não encontrados em nenhuma das duas obras, será apresentado apenas a definição, o número de ocorrências, a ortografia atual, a abonação e a indicação de todas as ocorrências.

4. Apontamento de uma abonação segundo o manuscrito seguida da localização na edição diplomática.

5. Indicação da localização de todas as ocorrências (fólio e linha), na edição diplomática, entre chaves.

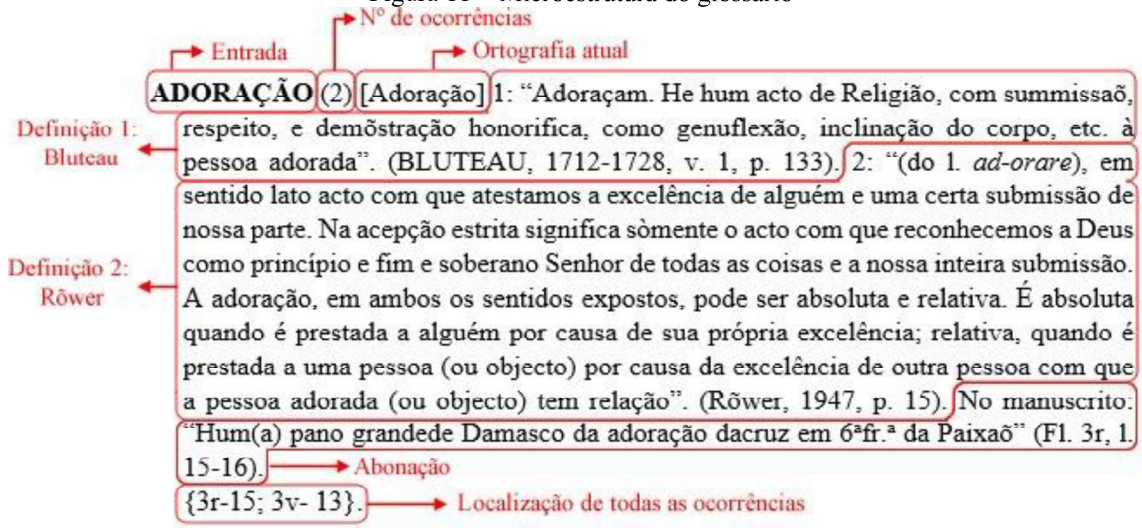
Vale destacar que, para a composição do glossário, não foram levados em consideração os itens lexicais de leitura duvidosa, incompletos, rasurados e riscados (pelo escrivão ou por terceiros), os itens escritos por terceiros e as abreviaturas.

Sobre a estruturação de obras lexicográficas, Haensch et al. (1982, p. 41) afirmam que

> [...] o verbete é a unidade mínima autônoma em que se organiza o dicionário [no nosso caso glossário]. É formado pelo lema, que é a unidade léxica tratada e pelas informações fornecidas sobre essa unidade. Entende-se como microestrutura a ordenação dos elementos que compõem o verbete lexicográfico[33].

Utilizamos para a composição da microestrutura do nosso glossário o seguinte modelo, adaptado de Barreiros (2017, p.163):

Figura 11 – Microestrutura do glossário



4.2.2 Obras lexicográficas consultadas

As definições apresentadas no nosso glossário, foram extraídas de duas obras lexicográficas: *Vocabulário Português e Latino* e *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*.

[33] No original: [...] el artículo lexicográfico es la unidad mínima autónoma en que se organiza el diccionario. Está formado por el lema, que es la unidad léxica tratada, y por las informaciones que se proporcionan acerca de esa unidad. Se entiende como microestrutura la ordenación de los elementos que componen el artículo lexicográfico. (HAENSCH et.al, 1982, p. 41)

Referindo-se a um material lexicográfico elaborado por meio da edição de um texto manuscrito setecentista, foi necessário recorrermos ao *Vocabulário Português e Latino*, do padre Raphael Bluteau. O uso desse Vocabulário se justifica por dois fatores. Primeiro, porque é a obra lexicográfica em língua portuguesa mais coetânea ao manuscrito. Segundo, pois Bluteau criou definições "por vezes, extensas e detalhadas, abrangendo não só a explicação de uma palavra e a relação de seus sinônimos, mas também pormenores descritivos e históricos" (MURAKAWA, 2007, p. 168). Como Bluteau era padre, essas definições, praticamente enciclopédicas, geralmente eram carregadas de suas doutrinas, o que para nós é de grande relevância. Vale destacar, contudo, que, em alguns casos, dada a apresentação de informações não relacionadas ao campo eclesiástico, foi necessário fazer alguns recortes das definições apresentadas por Bluteau.

Para tornar o nosso glossário um pouco mais completo e preciso, resolvemos consultar também o *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*, do Frei Basílio Rõwer. Essa obra, como um dicionário de especialidade, ou seja, voltado para um público especialista específico, tem o papel de restringir um pouco mais o contexto de uso dos itens lexicais apresentados no nosso glossário. Vale destacar, também, que as informações etimológicas encontradas nesse dicionário foram bastante relevantes para o nosso trabalho.

Optamos por não criar uma definição nossa para cada item lexical por se tratar de um glossário de registro de língua antigo de uma esfera social da qual não fazemos parte. Esse tipo de escolha, de acordo com Fulgêncio (2016, p. 57), faz parte do processo de elaboração de uma obra lexicográfica:

> é preciso não somente selecionar o léxico que será definido naquele tipo de dicionário, mas também é preciso decidir sobre como definir, o que incluir no verbete, o tipo de linguagem que será empregada, o modelo de formulação do enunciado definitório e muitos outros detalhes que determinarão a concepção lexicográfica. [...] Essa concepção e planejamento, o molde como é concebido, é chamado proposta lexicográfica.

Para fornecer a escrita padrão atual das palavras que compõem o nosso glossário, consultamos o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss (Instituto Houaiss). Trata-se de uma grande obra de referência de língua portuguesa,

atualizada, na versão de 2009, segundo o Acordo Ortográfico de 2009. Em último caso, as palavras que não foram encontradas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, tiveram as suas formas ortográficas pesquisadas nos *Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana*. Esse material, produzido pelo diretor do Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira, traz um pequeno glossário que serve de consulta aos pesquisadores que trabalham com documentação eclesiástica em geral.

A seguir, apresentamos em ordem alfabética todos os 116 itens lexicais que compõem o Glossário de termos litúrgicos do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Vale destacar que, as definições, retiradas das duas obras lexicográficas consultadas, foram transcritas respeitando a grafia original.

 apítulo 5: Glossário de termos litúrgicos

"A exploração e a análise da língua em que está escrita determinada obra só pode levar-se a efeito de forma completa se a obra for acompanhada de glossários." (MIRA-MATEUS, 1995, p. 298).

A a

ADORAÇÃO (2) [Adoração]. **1:** "Adoraçam. He hum acto de Religião, com summissaõ, respeito, e demõstração honorifica, como genuflexão, inclinação do corpo, etc. à pessoa adorada". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 133). **2:** "(do l. *ad-orare*), em sentido lato acto com que atestamos a excelência de alguém e uma certa submissão de nossa parte. Na acepção estrita significa sòmente o acto com que reconhecemos a Deus como princípio e fim e soberano Senhor de todas as coisas e a nossa inteira submissão. A adoração, em ambos os sentidos expostos, pode ser absoluta e relativa. É absoluta quando é prestada a alguém por causa de sua própria excelência; relativa, quando é prestada a uma pessoa (ou objecto) por causa da excelência de outra pessoa com que a pessoa adorada (ou objecto) tem relação". (RÕWER, 1947, p. 15). **No manuscrito:** "Hum(a) pano grandede Damasco da adoração dacruz em 6ªfr.ª da Paixaõ". (Fl. 3r, l. 15-16).
{3r-15; 3v-13}.

AJOELHAR (4) [Ajoelhar]. **1:** "Ajoelhar, ou ajuelharse. Porse de juelhos. Por hũ joelho no cham". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 195-196). **2:** "V. Genuflexão". (RÕWER, 1947, p. 18) > "Genuflexão, conforme as circunstâncias, acto externo de adoração, de respeito, de veneração, da própria indignidade e necessidade. É feita com o joelho direito ou com ambos os joelhos". (RÕWER, 1947, p. 112). **No manuscrito:** "Huma Almofada deDamasco com guarnição de retrós p.ª S. Ex.ªR.ma ajoelhar". (Fl. 1r, l. 28-29).

{1r-29; 1v-24; 2r-3 e 18}.

ALAMPADA (3) [Lâmpada]. **1:** "Alampada, e Alampadayro. Vid. Lampada, e Lampadairo". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 206) > "Lampada. Vaso em que se deita azeite com huma torcida, que se acende para alumiar". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 30). **2:** "Lâmpadas pendentes diante dos altares são desejadas pelo Cerimonial dos Bispos. As luzes devem ser sempre em número ímpar. Diante do altar mor deseja o mesmo Cerimonial haja um lampadário com três luzes, diante do altar do Santíssimo com cinco luzes, e diante dos outros com uma luz". (RÕWER, 1947, p. 129). **No manuscrito:** "huã Alampada domesmoAltar Mor". (Fl. 12r, l. 13).

{4r-21; 5r-7; 12r-13}.

ALCATIFA (1) [Alcatifa]. **1:** "Alcatifa, Alcatîta. Derivase do Arabico *Casitetium*, que val o mesmo. Panno de lãa ou seda de varias cores, e lavores, q̃ se estẽde para cobrir o chão ou assoalho de huma casa, hum estrado, ou outra cousa". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 222). **2:** "Tapete". (Rõwer, 1947, p. 18). **No manuscrito:** "HumaAlcatifa depapagalho". (Fl. 5r, l. 29).

{5r-29}.

ALTAR (18) [Altar]. **1:** "Altar. Obra de pedra, e cal, ou especie de mesa, em que os Antigos offereciaõ às suas fabulosas deidades victimas, e sacrificios, assim chamada de Aitus, porque em lugares altos se fabricavaõ os Altares, ou porque na parte do templo destinada para o Altar, se levanta o pavimento desorte, que se sobia a elle por muitos degraos". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 285). **2:** "Altar, objecto cultual sobre o qual o sacerdote oferece o sacrifício ritual ou litúrgico. Onde existe sacrifício oficial, existe também altar. Pelo que não somente o judaísmo teve o seu altar, mas também o paganismo os tem. As seitas protestantes, porém, eliminaram-no com o sacrifício. O altar por excelência é o da Igreja Católica, porque sobre ele se oferece e é oferecido em sacrifício o Cordeiro imaculado, o próprio Filho de Deus. Os pagãos chamavam o altar ara, termo que só raras vezes é usado na terminologia litúrgica cristã". (RÕWER, 1947, p. 20). **No manuscrito:** "Huma Almofada do Altar deDamasco com guarniçaõ de retrôs". (Fl. 2r, l. 26).

{1r-27; 1v-11 e 27; 2r-3, 17 e 26; 2v-5 e 34; 3r-9; 6v-5, 20 e 33; 7v-21; 10r-31 e 42; 10v-8 e 28; 12r-12}.

ALTAR COLATERAL (1) [Altar colateral]. **1:** "Altar lateral. Altar colocado em parede, capela ou nicho laterais. Foi condenado por Pio VI o Decreto do Sínodo de Pistóia, que em cada igreja permitia um só altar. Contudo, não parece conveniente aumentar o número dos altares laterais sem necessidade". (RÕWER, 1947, p. 21). **No manuscrito:** "Huma Imagem deS.^{to} Ant.^{o} q^{e}. está no altar Colateral Comomennino". (Fl. 6r, l. 25).

{6r-25}.

ALTAR MOR (18) [Altar-mor]. **1:** "Altar-mor. Altar principal, em que geralmente se conserva o Santíssimo e se celebram os actos principais do culto". (RÕWER, 1947, p. 21). **No manuscrito:** "Duas toalhas Com renda doAltar mor, q̃. jáSenaõ Vzadellas". (Fl. 7v, l. 20).

{2v-32; 4r-16 e 17; 5r-31; 6r-24; 6v-14; 7r-28, 30, 32 e 33; 7v-20 e 37; 8r-2; 10r-42; 10v-25; 11r-37; 12r-11 e 13}.

ALTAR PORTATIL (2) [Altar portátil]. **1:** "Altar portátil (móvel), 1) uma chapa de pedra natural, de três a quatro centímetros de espessura, não frágil, do tamanho que possa caber nela a hóstia e a maior parte do cálice pelo menos, com sepulcro, sagrada pelo Bispo ou por quem tenha a faculdade (pedra d'ara); 2) uma mesa, à semelhança da do altar fixo, com sepulcro, sagrada pelo Bispo ou por quem tenha tal faculdade, mas não sagrada inseparàvelmente com a base. (Dir. can. c. 1197)". (RÕWER, 1947, p. 21). **No manuscrito:** "HumaCaixa, q^{e}. Serve de altar portatil". (Fl. 6v, l. 10).

{6v-10 e 23}.

ALVA (5) [Alva]. **1:** "Alva. Vestidura Sacerdotal de pano de linho, que chega atè o chão. Significa a veste branca, que vestirão a Christo, em casa de Herodes". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 304). **2:** "Alva (l. *alba*), veste litúrgica, de linho, em forma de túnica, com mangas estreitas, descendo até ao chão, porém regaçada por um cíngulo e benta por

um sacerdote competente. Tem a sua origem na túnica cotidiana dos romanos e gregos e é, entre as vestes litúrgicas, uma das mais antigas". (RÕWER, 1947, p. 22). **No manuscrito:** "Seis alvas depano delinho". (Fl. 7v, l. 29).

{4r-6; 7v-27 e 29; 8r-5; 11r-9}.

AMBULA (6) [Âmbula]. **1:** "Ambula. Vaso pequeno de vidro, ou de Cristal". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 329). **2:** "Ambula (píxide, cibório), cálice maior ou menor, conforme as necessidades, com tampa, para a conservação e distribuição das sagradas hóstias aos fiéis na Santa Comunhão. O feitio ora é simples ora mais rico. Deve ser fabricada de sólida e decente matéria, não sendo indispensável ouro ou prata, benta pelo Bispo ou por quem tenha a faculdade, e, enquanto contém o Santíssimo, coberta com uma capinha de seda (véu de âmbula)". (RÕWER, 1947, p. 23). **No manuscrito:** "Huma ambula depratado Sacrario de distribuir a Sagrada Comunhao". (Fl. 6r, l. 36).

{3v-9; 4r-36; 6r-36; 6v-27; 12r-24 e 37}.

AMBOLA (1) - {4r-15}.

AMITTO (6) [Amito]. **1:** "Amicto, ou Amito. Derivase do verbo Latino *Amicire*, que val o mesmo, que cobrir, vestir. He huma especie de veo branco, que o Sacerdote poem na cabeça, quãdo se reveste para sizer Missa. Significa o panno, com que os Judeos cobriraõ o rosto a Christo em casa de Caifaz". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 336). **2:** "Amicto (do 1. *amicire* = *cobrir*), pano de linho do tamanho de um grande lenço, com dois cadarços e cruz bordada rto centro, com que o sacerdote, ao se paramentar, cobre o pescoço e os ombros, passando os cadarços por baixo dos braços e atando-os sobre o peito. Está em uso pelo menos desde o século VIII. Sua origem é obscura. Talvez tenha sido o seu fim apenas revestir decentemente o pescoço, protegê-lo contra resfriamentos e os paramentos contra o suor, porque esses se tornavam mais e mais preciosos". (RÕWER, 1947, p. 24). **No manuscrito:** "Seis amittos depano delinho". (Fl. 7v, l. 30).

{3v-38; 4r-3, 4 e 5; 7v-30; 11r-11}.

APAGADOR (1) [Apagador]. **1:** "Apagador. Instrumento, para apagar velas, e candeas. He palavra Grega de *Puix*, que val o mesmo que Apagar, ou Suffocar". (BLUTEAU, 1728, p. 413). **No manuscrito:** "Seis apagadores delatam". (Fl. 5r, l. 19).

{5r-19}.

ARCIPRESTE (3) [Arcipreste]. **1:** "Arcipreste. Na reformação das palavras, que a gente vulgar usa, e escreve mal, traz Duarte Nunes de Leaõ em primeyro lugar *Arcipreste* entre as erradas, e mostra, que se ha de dizer *Arcipreste*. Derivase esta palavra de *Archos*, que no Grego val o mesmo, que Principe, ou Primeyro, e de Presbiter, que he Presbitero, ou Sacerdote. E Arcipreste he dignidade Ecclesiastica, o mayor entre os Clerigos de Missa de huma Cathedral. Antigamente em virtude do seu officio, e preminencia Sacerdotal, era o que observava os procedimentos dos mais sacerdotes, celebrava a Missa em ausencia do Bispo, tinha cuidado das viuvas, orphães, e

peregrinos, como o Arcediago". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 477). **2:** "Arcipreste. V. Vigário forâneo". (RÕWER, 1947, p. 31) > "Vigário forâneo, decano, arquipresbítero, arcipreste, sacerdote constituído pelo Bispo sobre um distrito que consta de várias paróquias. Não tem jurisdição, mas em geral o ofício de vigiar sobre a execução das leis eclesiásticas. Suas atribuições discrimina o *Dir. can. cc*. 445 e seg". (RÕWER, 1947, p. 232). **No manuscrito:** "oReverendoDoutor IosedeAndrada e | Moraes Arcipreste damesma eProuizor emtodo este Bis | pado". (Fl. 8v, l. 6-8).

{5v-17; 8r-14; 8v-7}.

B b

BAGO (2) [Báculo]. **1:** "Bago do Bispo. Insignia Pontifical. Antigamente era de pao, hoje he de prata, ou ouro. Bispos, Abbades, e Abbadessas o fazem trazer diante de si, e o tem na maõ, quando daõ a bençaõ em funçaõ ceremonial. Os Bispos Maronitas na Summidade do Bago, trazem huma bolazinha de cristal, com uma cruz em cima. O Papa não traz bago; entre outras razoens por não mostrar a coarctação de poder, e jurisdição, na contracção, e curvatura do Bago. A significação desta insignia Pontifical he esta. O Bago significa jurisdição, e cuidado Pastoral". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 13). **2:** "Báculo pastoral, antigamente também bago (1. *baculus*, *virga*, *pedum*), bastão encimado por uma curvatura, que o Bispo diocesano usa na mão esquerda, nas funções litúrgicas solenes, menos nas Missas de Requiem e na Sexta-feira da Paixão, com a curvatura virada para o povo. Sendo símbolo de seu ofício de pastor (por isso o báculo é chamado também cajado), o Bispo sem licença especial não o pode usar em outra diocese. Usam o báculo também os Abades, certos Prelados titulares e as abadessas, mas estas hoje, como excepção, só em alguns mosteiros". (RÕWER, 1947, p. 36). **No manuscrito:** "Hum bago Episcopal depratacomsuacayxademadr.ª". (Fl. 12r, l. 14).

{4r-22; 12r- 14}.

BALCEMO (1) [Bálsamo]. **1:** "Balsamo. Bálsamo. Derivase do Persiano *Bassam*, ou do Arabico *Belsan*, posto q̃ nos dittos idiomas tem as dittas palavras significação mais ampla; porque não só significão o licor, a que chamamos Balsamo, mas querem dizer qualquer oleo aromatico, ou goma odoritera". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 25). **2:** "Bálsamo, especiaria odorífera e de efeito lenitivo. É misturado pelo Bispo ao óleo de olivas na bênção do santo crisma, na Quinta-feira Santa". (RÕWER, 1947, p. 37). **No manuscrito:** "Humacoberturadecetimbrancocomsuaesp eguilhadeourop.ªoBal= | cemodequintafr.ªmayor". (Fl. 3v, l. 11-12).

{3v-11}.

BALSAMO (1) - {4r-37}.

BALSOMO (1) - {12r-33}.

BISPADO (4) [Bispado]. **1:** "Bispado. A dignidade Episcopal, ou beneficio, ou o territorio, e diocese do Bispo". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 128). **2:** "Bispado (diocese), território circunscrito pela Santa Sé, dentro do qual o Bispo exerce a jurisdição espiritual com todos os direitos e regalias nas funções litúrgicas. A divisão do bispado, como a fusão de diversos, pertence igualmente à Santa Sé. (Dir. can. c. 215)". (RÕWER, 1947, p. 53). **No manuscrito:** "em todo este Bispado onde eu aodiante nomeadofuj". (Fl. 8r, l. 12).

{8r-12, 15; 8v-7; 12v-33}.

BORLA (2) [Borla]. **1:** "Borla. Molho de fios, ou de cordoenssinhos de seda, ou de outra materia pendentes dos quatro cantos da almofada de hum estrado, ou de huma liteira, ou das redeas dos cavalos, etc. [...] Borla, no meyo dos quatro cantos de hum barrete, como os que trazem os Doutores. Assim chamavaõ os Romanos huma especie de borla, que os Sacerdotes, ou Flamines traziaõ sobre a cabeça no meyo do barrete". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 161). **No manuscrito:** "HumcoximdeVeludoRoxo com galoinseborlasdeouro". (Fl. 3v, l. 13).

{3v-4, 13}.

BREVIARIO (1) [Breviário]. **1:** "Breviário. O livro, em que se contem a reza Ecclesiastica. Chamase Breviario, porque he huma como breve summa, ou compendio de todos os livros, que servem no coro para o Officios Divino". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 190). **2:** "Breviário (l. *breviarium* = *súmula*, *resumo*), livro que contém o Ofício divino que o Beneficiado, o Clérigo, desde a sua ordenação para Subdiácono, e o Religioso com votos solenes deve rezar todos os dias. O nome Breviário data do XII século, em que se começou a colecionar, para o uso privado e para as viagens, num só livro, as partes necessárias, sofrendo estas ao mesmo tempo importantes abreviações". (RÕWER, 1947, p. 53). **No manuscrito:** "Humbreviario grande doCoro encadernado em Cordavaõ preto". (Fl. 5v, l. 2).

{5v-2}.

C c

CAPA DAS PERGES (8) [Capa de asperges]. **1:** "Capa de asperges, de que usaõ os Sacerdotes nas procissoens, e em outras ceremonias de Igreja. O termo, de que usa a Igreja, he *Vestis pluvialis*". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 117). **2:** "Capa de Asperges (l. *pluviale*, *cappa*), manto grande sem pregas e acolchetado adiante, com uma peça, em forma de escudo (*clipeus*) nas costas, na qual se acha, frequentemente, um monograma mais ou menos ricamente bordado, e com tiras verticais, simples ou bordadas, nos dois lados da frente. Usavam-na antigamente os cantores no presbitério da igreja, o sacerdote ao incensar o altar, durante o Benedictus e Magnificat, nas Vésperas solenes, nas procissões, nas bênçãos solenes e nos Sínodos. Hoje é usada, além disso, na bênção sacramental, nas exéquias e na aspersão dos fiéis, antes da Missa de domingo, donde lhe vem o nome de Capa de Asperges. Também os simples clérigos podem usá-la". (RÕWER, 1947, p. 61). **No manuscrito:** "Huma capa das perges de melaniacomguarniçãodeouro". (Fl. 1r, l. 38).

{1r-16, 38; 1v-18, 31; 2r-10; 2v-31; 7r-3, 6}.

CABBIDO (3) [Cabido]. **1:** "Cabido. O Reverendo Cabido he o corpo de todos os Conegos de huã Igreja Cathedral. Cabido, em algumas partes do Minho he Alpendre". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 17). **2:** "Cabido (l. *capitulum*), corpo de clérigos (cônegos), instituído para celebrar solenemente o culto nas igrejas catedrais e colegiadas. Os cabidos catedrais formam o senado e conselho do Bispo e fazem as suas vezes no governo da diocese quando estiver vaga. Sobre as attibuições, prerrogativas, etc., dos cabidos, V. *Dir. can. cc.* 391 a 422 e outros". (RÕWER, 1947, p. 55). **No manuscrito:** "Quatrobancos de encosto p.ª sesentar oR.mo Cabbido". (Fl. 11v, l. 13).

{10v-36; 11v-13; 12r-20}.

CABIDO (1) - {2r-20}.

CALDEYRINHA (4) [Caldeirinha]. **1:** "Caldeirinha. Pequena cladeira. Caldeirinha de agua benta. Usavaõ os Romanos de hum pequeno vaso, em que punhaõ a agua lustral (como nos a aguabenta) com que se imaginavaõ, que se livravaõ de perigos, e chamavaõ ao ditto vaso Amula, ad amoliendis periculis". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 54-55). **2:** "Caldeirinha, pequeno vaso de metal, com alça para água benta". (RÕWER, 1947, p. 55). **No manuscrito:** "HumaCaldeyrinha de estanhoquebrada". (Fl. 6v, l. 26).

{6r-32; 6v-26; 12r-34; 12v-6}.

CALDEYRA (2) - {4v-11, 29}.

CALIX (7) [Cálice]. **1:** "Calis, ou Cáliz. O P. Ant. Vieira sempre escreve Calis com S, e nam com Z, no cabo. De ordinario por esta palavra se entende o vaso, em que se sonsagra no Altar o Sangue de N. Senhor

JESU Christo". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 62). **2:** "Cálice, vaso em que o sacerdote consagra, na Missa, o SS. Sangue de N. Senhor. Distinguem-se no cálice a copa, o nó e o pé. Para a confecção do cálice usava-se, durante muitos séculos, de qualquer matéria, preciosa ou não, mesmo de madeira e vidro". (RÕWER, 1947, p. 56). **No manuscrito:** "Quatro Caliz deprata, hum delles dourado todo, outro deprata Simples". (Fl. 6r, l. 33).

{11r-34; 12r-15, 16, 19, 22; 12v-8, 12}.

CALIZ (5) - {4r-27, 29, 30, 31; 6r-33}.

CALLIZ (1) - {4r-24}.

CANDELLA (2) [Cadeira]. **1:** "Candeia, vela de cera, pelo menos em sua maior parte, para as funções litúrgicas. Na Missa rezada do simples sacerdote ardem duas, na do Bispo e outros Prelados maiores quatro, na Missa cantada e na exposição do SS. sacramento pelo menos seis candeias. Se a exposição for muito solene, p. ex. durante horas, devem arder pelo menos doze". (RÕWER, 1947, p. 58). **No manuscrito:** "Humacandella deprata". (Fl. 4v, l. 18).

{4v-18; 12r-40}.

CANDIEYRO DAS TREVAS (1) [Candeeiro de Trevas]. **1:** "Candieiro das trevas. Vid. *Gallo*". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 99). > "Gallo das trevas. He a vela do meyo no candieyro triangular, que se poem no tempo dos officios das trevas tardes da semana santa". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 22). **No manuscrito:** "HumCandieyro das Trevas". (Fl. 5r, l. 5).

{5r-5}.

CAPA PLUVIAL (3) [Capa Pluvial]. **1:** "Pluvial. (Termo das Rubricas da Igreja.) Deriva-se do Latim *Pluvia*, que quer dizer Chuva, e he a vestidura Sacerdotal, que vulgarmente chamamos Capa de Asperges. Foy chamada Pluvial, porque se leva nas procissoens fóra da Igreja, e he defensivo da chuva". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 554). **No manuscrito:** "Humacapa Pluvial de melania branca com guarniçaõdeouro". (Fl. 2r, l. 22).

{2r-22; 2v-2; 3r-3}.

Ver Pluvial.

CARDENCIA (5) [Credência]. **1:** "Credência. Mesa, em que se poem a estante do Missal, as galhetas, e outras cousas, que servem para o ministerio da Missa". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 604). **2:** "Credência ou ábaco (l. *abaciis*), mesinha ao lado da Epístola do altar, um pouco afastada da parede, coberta com uma toalha de linho, que em todos os lados deve pender até ao chão, para nela serem colocados, durante a Missa solene, o cálice preparado no centro (até ao Ofertório), o Evangeliário à direita, as galhetas com manustérgio e a campainha à esquerda e por detrás os castiçais, tudo, menos os castiçais, coberto até ao Ofertório com o véu de ombros. Tratando-se de Missas não solenes e para receber apenas as galhetas, a credência achase, às vezes, substituída por uma espécie de peanha, presa ao altar ou por um nicho na parede". (RÕWER, 1947, p. 79). **No manuscrito:**

"Duas Cardencias velhas q̃. Seachaõ no altarmor". (Fl. 6v, l. 14).

{4r-19; 6v-14; 7r-29, 34; 10v-10}.

CATHEDRAL (14) [Catedral]. **1:** "Cathedral, ou Catedral. Igreja Catedral. He a Igreja, em que reside Bispo, ou Arcebispo. A Cathedral. Val o mesmo que a Sè. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 199). **2:** "Catedral (l. *ecclesia cathedralis*, *maior*, *summa*), igreja principal e matriz de toda a diocese com a cátedra do Bispo. Os italianos chamam-na *duomo*, os alemães *Dom*, da palavra latina *domus* = *casa*". (RÕWER, 1947, p. 64). **No manuscrito:** "hade declarar | nadeclaraçaõ q̃. sefas detoda a prata pertencente aCathedral". (Fl. 11r, l. 27-28).

{1r-5; 5v-16; 8r-13, 21; 8v-5; 10r-5, 6; 11r-28, 32; 11v-3, 4; 12v-18, 39; 13r-26}.

CAZULLA (11) [Casula]. **1:** "Casùla. A sagrada Vestidura, que o Sacerdote leva ao altar, sobre a alva, para dizer Missa. He em memoria da injuria, que foy feita ao nosso Redemptor, quando em casa de Pilatos lhe puzeraõ aos hombros por escarneo a purpura velha". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 193). **2:** "Casula (l. *planeta* do gr. *planao* = *girar*; *càsula* = diminutivo da palavra desusada casa = tenda; nos fins da idade média também infula), veste superior litúrgica do sacerdote na celebração da Missa. Tem esta veste sua origem na antiga paenula profana que era um manto que envolvia todo o corpo, descia até aos tornozelos e tinha só a abertura para a cabeça passar. Com esta forma, tendo como enfeite apenas uma tira de galão para cobrir a costura da frente, e mais tarde um riçado em volta da abertura, a casula era veste litúrgica nas funções sacras para todos os clérigos do V ao X séculos, com algumas restrições para o Diácono, Subdiácono e Leitor. Desde então passou para o uso exclusivo do sacerdote na Missa, pelo que é chamada também paramento de Missa". (RÕWER, 1947, p. 63). **No manuscrito:** "SettecazullasdeDamasco com guarniçaõ de retrôs". (Fl. 2r, l. 28).

{1r-18, 39; 1v-19, 32; 2r-11, 23, 28; 2v-3, 7, 24; 3r-4}.

CAZULA (3) - {7r-15, 19; 11v-5}.

COMUNHAÕ (3) [Comunhão]. **1:** "Communham. Communhaõ. A acçaõ de commungar. O nome communhaõ *Commumo*, naõ he inventado por homens, se naõ imposto por Deos, e val o mesmo, que *Communis unio*, Uniaõ commua. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 406). **2:** "Comunhão, união com N. Senhor pela recepção da Sagrada Eucaristia. Presente está jesus com corpo e sangue sob cada uma das espécies de pão e vinho e sob ambas o recebe o sacerdote celebrante, e o Diácono e Subdiácono na solene Missa papal. Fora estes casos comungam clero e fiéis sob a espécie somente de pão". (RÕWER, 1947, p. 69). **No manuscrito:** "Huma ambula depratado Sacrario de distribuir a Sagrada Comunhao". (Fl. 6r, l. 36).

{3v-30; 6r-36; 7v- 26}.

CONFICIONARIO (2) [Confessionário]. **1:** "Cõfessionário. O lugar, em que se assenta o Sacerdote para ouvir de confissaõ".

(BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 454). **2:** "Confessionário, assento com uma ou duas paredes laterais, com grade perfurada ao meio, para o sacerdote ouvir a confissão sacramental dos fiéis. Segundo prescreve o Ritual, deve ser colocado em lugar aberto e acessível por todos, sem ser de preceito um sítio determinado. Era o confessionário antigamente apenas um mocho ou cadeira com braços, posta por detrás do altar-mor, em frente do mesmo, ou na nave da igreja". (RÕWER, 1947, p. 72). **No manuscrito:** "Dous Conficionarios grandes". (Fl. 11v, l. 16).

{6v-15; 11v-16}.

CONIGO (2) [Cônego]. **1:** "Cônego, e Canonico, se derivaõ do Grego *Canon*, que val o mesmo, que Regra, porque os primeyros conegos, ou canonicos, de que a Historia Ecclesiastica, e nos Concilios se faz mençaõ, com o nome de Canonici, eraõ clerigos, que viviaõ com seus Bispos, guardado com regular observancia certo modo, e instituto de vida, com que se distinguiaõ dos outros clerigos, que viviaõ sem esta regra, e livres destas obrigaçoens". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 415). **2:** "Cônego (l. *canonicus*, de *canon* = *regra*), sacerdote secular pertencente ao cabido". (RÕWER, 1947, p. 72). **No manuscrito:** "O R.^{do} | Conigo Ioaõ deCampos Lopes Torres". (Fl. 6r, l. 15-16).

{5r-31; 6r-16}.

CONEGO (1) - {12v-32}.

CORO (10) [Coro]. **1:** "O lugar da Igreja, em que se cantaõ os Officios Divinos. Chorus. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 553). **2:** "Coro, i) os cantores nas funções litúrgicas. Dá-se-lhe também, principalmente depois do Motu-proprio de Pio X sobre a música sacra, o nome de schola cantorum, como era antigamente. Hoje, geralmente, os cantores são leigos, quando até à idade média eram clérigos; ii) o lugar onde canta o coro litúrgico; iii) os cônegos de catedrais e colegiadas e os religiosos nas funções sacras conventuais (Ofício divino, Missa); iv) o lugar onde se realizam as funções sacras conventuais. Fica este lugar (com os assentos) ou por detrás do altar-mor, ou em sua frente, na capela mor, ou fora dela. Nos antigos conventos do Brasil o coro para a recitação do Ofício está situado por cima da entrada (alpendre) da igreja; v) as funções sacras conventuais". (RÕWER, 1947, p. 77). **No manuscrito:** "Tres livros doCanto chaõ p.^{a} oCoro" (Fl. 5r, l. 35).

{2r-30; 2v-9; 4v-12, 32, 33; 5r-35; 5v-2, 10; 6v-19; 11v-14}.

CORPORAL (26) [Corporal]. **1:** "Corporal. Panno bento, sobre o qual se poem a Hostia no altar". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 560). **2:** "Corporal, pano quadrangular, de linho ou cânhamo, com cruz no centro, de regulares dimensões, sem ornato, para dentro e fora da Missa ser colocado sobre ele a sagrada Hóstia e o cálice. Lembra os panos em que estava envolvido N. Senhor, depois de sua morte. Deve ser bento por quem tenha faculdade e, depois do uso, purificado pelo sacerdote ou clérigo, antes de ser enviado à lavagem. O modo de dobrar o Corporal é o seguinte: Dividindo-o em três partes, dobra-se primeiro a parte da frente (para cobrir qualquer partícula que tivesse ficado), depois a de trás, em seguida a do lado direito e, por

último, a do lado esquerdo. Guarda-se o Corporal na Bursa. O Corporal é dos paramentos o mais antigo e era tão grande que cobria todo o altar". (RÕWER, 1947, p. 78). **No manuscrito:** "Humabolça deCorporal deCeda deOuro branca já Vzada". (Fl. 7v, l. 10).

{1r-25; 1v-9, 24, 37; 2r-16, 31; 2v-10, 29; 3r-10, 24; 3v-31, 32, 33, 34, 35; 7v-4, 10, 13, 35; 10r-20, 34; 10v-2, 16, 26, 42; 11r-5}.

COXIM (3) [Coxim]. **1:** "Coxim, Coxim de estrado. Almofada. Coxim de Dourador. He a modo de huma almofadinha, em que estendem cõ huma faca os paens de ouro, para assentalos no mordente". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 598). **No manuscrito:** "Tres coxins deDamasco roxo p.ª aSemanaS.ta Vzados". (Fl. 7r, l. 10).

{3v-13, 15; 7r-10}.

CROCCIFICIO (1) [Crucifixo]. **1:** "Crucifixo. Hum Crucifixo, ou o Santo Crucifixo. A Imagem de nosso Senhor Jesv Christo crucificado". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 619). **2:** "Crucifixo, cruz com o corpo de N. Senhor pendurado. A mais antiga representação existente da crucificação, atribui-se ao V e a mais antiga cruz com N. Senhor, ao VI século". (RÕWER, 1947, p. 80). **No manuscrito:** "Imagem decroccificiodeprata". (Fl. 4r, l. 15).

{4r-15}.

CRUCIFIXO (1) - {5r-20}.

CRUZ (11) [Cruz]. **1:** "Cruz, Crùz. Antigo patibulo dos malfeytores, em varis naçoens do mundo, e de differente figura segundo a varidade dos tempos. As primeiras cruzes erão huns madeyros direytos, e às vezes troncos de arvores, em que atavão de pés, e mãos o padecente. As cruzes, compostas de dous páos, forão de tres maneyras, i. de hum páo atravessado pelo meyo de outro, como a letra X. ii. de hum páo atravessado pela extremidade superior de outro páo a plumo, como a letra T. iii. de hum páo direyto, e atravessado por outro, não totalmente por cima delle, mas deyxando hum pedaço livre, e mais alto, que os braços da cruz como nesta figura † o que se pode facilmentente provar com a Cruz de Jesv Christo, em cuja summidade havia no meyo hum espaço, em que sobre a cabeça de Christo, pendente na Cruz, mandou Pilatos pôr a fatal inscripção, reputada por causa legitima de sua morte. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 620). **2:** "Cruz, patíbulo sobre o qual Jesus morreu. Não se deve admirar que nos primeiros séculos a cruz não se encontre como símbolo na Liturgia, a não ser veladamente em forma de monograma (crux dissimulata) sómente inteligível aos cristãos: era o sinal de vergonha e humilhação, um escândalo para pagãos e judeus. Tanto mais foi empregada depois da vitória do cristianismo, contribuindo extraordinàriamente para sua veneração, na pintura e representações, a invenção da Santa Cruz, em jerusalém. Emprega-se hoje oficialmente a Cruz, com (Crucifixo) ou sem corpo (Cruz)". (RÕWER, 1947, p. 80). **No manuscrito:** "Huma Imagem doS.to Christo de marfim Com Cruz degalhos" (Fl. 6r, l. 20).

{3r-13, 15; 3v-14; 4r-16; 5r-20; 6r-20, 22, 30; 7r-7, 14; 11r-37}.

CRUZ PEITORAL (1) [Cruz peitoral]. **1:** "Cruz peitoral, se chama a que orna o peito, com a que trazem os Bispos. A Cruz peitoral (dos Bispos) he memoria da Payxão de Christo. Enchese de Reliquias, para mostrar o quanto abraça o Bispo o exemplo dos Martyres, e mais Santos". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 372). **2:** "Cruz peitoral, ou simplesmente peitoral, cruz de ouro, com relíquias, pendente de uma corrente de ouro ou cordão de seda, que desde a idade média (obrigatória desde o XIV século) trazem sobre o peito os Cardeais, Bispos, Abades e, posteriormente, outros que por privilégio usam as insígnias pontificais, com a diferença que os três primeiros trazem-na sempre, os últimos somente quando celebram pontificalmente". (RÕWER, 1947, p. 80). **No manuscrito:** "Humacruz peitoral deOuro com trancelim de retros branco". (Fl. 4r, l. 32).

{4r-32}.

CRUZ PROCISSIONAL (2) [Cruz processional]. **1:** "Cruz processional, cruz com haste que, alçada, é levada diante das diversas corporações que tomam parte nas procissões". (RÕWER, 1947, p. 81). **No manuscrito:** "HumaCruz Procissional deprata q̃ peza". (Fl. 11r, l. 36).

{11r-36; 12v-5}.

CRUZ PROCESSIONAL (1) - {4r-15}.

CUSTODIA (4) [Custódia]. **1:** "Custodia. Vaso de prata, ou ouro, cujo remate circular, em que está a Hostia Consagrada debaxo de hum cristal, tem seu resplandor, a modo de Sol. Serve de expor no altar à vista dos Fieis o Santissimo Sacramento. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 647). **2:** "Ostensório ou Custódia (l. *ostensorium*, *monstrantia*), objecto cultuai para a exposição solene e procissão do SS. Sacramento. Consta de pé, haste e o vaso em cima, que no centro tem abertura, fechada em ambos os lados com vidro, para dentro ser colocada a luneta com a Sagrada Hóstia. Está em uso o ostensório desde que se introduziu a procissão do Corpo de Deus e com isto a exposição solene do Santíssimo, isto é, desde o XIV século". (RÕWER, 1947, p. 172). **No manuscrito:** "Huã Custodia Romana dourada q̃. pesaComos vidros". (Fl. 12r, l. 23).

{3v-6; 4r-34; 5r-3; 12r-23}.

CYRIO PASCAL (1) [Círio Pascal]. **1:** "Cirio Pascoal, Brandão de cera, muito grosso, de hum só pavio, que o Diacono benze, cantando o Preconio, no principio do officio do Sabbado Santo, e juntamente o acende inclinando-o para huma das tres velas do triangulo; no qual se denota o consenso da Santissima Trindade na Ressurreyção de Christo, e reunião da alma com seu corpo. Das virtudes milagrosas do Cirio Pascoal, dos dias em que se acende, e persevera aceso, segundo o rito de varias Igrejas, e de outros particulares delle. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 295). **No manuscrito:** "Sinco pinhas de Incenço p.a oCyrio Pascal". (Fl. 5r, l. 27).

{5r-27}.

SYRIO PASCAL (1) - {5r-6}.

D d

DALMATICA (5) [Dalmática]. **1:** "Dalmática. Vestidura sagrada; de que usaõ os Clerigos de Evangelho, e de Epistolas, nas Missas solemnes, Procissoens, e outras funçoens Ecclesiasticas". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 3, p. 5). **2:** "Dalmática, veste litúrgica superior do Diácono. Era a dalmática, a princípio, uma túnica branca de linho ou lã, ampla, descendo até aos calcanhares, de mangas largas e compridas, com tiras purpúreas de adorno na frente e por detrás, e nas mangas. Os romanos adoptaram-na, no II século, como veste de luxo, dos dálmatas e daí o nome. [...] A dalmática tornou-se veste litúrgica provàvelmente já no III século, mas ficou reservada para o Sumo Pontífice e depois para seus Diáconos. Posteriormente, com a adopção sempre mais geral no Rito romano, introduziu-se em todo o Ocidente, de modo que no século IX era veste litúrgica de todos os Bispos que a traziam e trazem por baixão da casula, nas Missas pontificais e nas ordenações (para significar que reúnem em si todos os graus do sacerdócio) e dos Diáconos. Estes, porém, não a vestem no Advento e na Quaresma, substituindo-a, ou não, pela planeta". (RÕWER, 1947, p. 83). **No manuscrito:** "Duas DalmaticasdeDamasco com guarnição de retrôs". (Fl. 2r, l. 27).
{1r-24; 1v-8; 2r-27; 2v-6, 24; 10r-24}.

DEALMATICA (2) - {10r-24, 30}.

DIRECTORIO DO CORO (1) [Diretório do coro]. **1:** "Directório. Papel, o livro, em que se declaraõ as leys, que alguem há de seguir". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 3, p. 235). **2:** "*Directorium* (l.) V. Calendário". (RÕWER, 1947, p. 87) > "ii) o folheto (folhinha) que a autoridade competente (Bispo, Abade, Provincial) publica todos os anos e no qual, para cada dia, se explica o rito de recitar o Ofício divino e de celebrar a S. Missa nas domingas, festas e férias conforme as rubricas gerais e especiais. Chama-se este folheto também Ordo, isto é, ordem a observar no Ofício e na Missa. Tem ainda o nome de Directorium, talvez porque sob este nome (*Directorium divini officii*) o Franciscano Ludovico Ciconiolano editou primeiro as rubricas gerais do Breviário. O sacerdote, excepto os Cardeais e Bispos, deve conformar-se, na celebração da Missa, com o Ordo da igreja em que celebra, indique este embora outra Missa que a do Ordo próprio". (RÕWER, 1947, p. 56). **No manuscrito:** "HumDirectorio doCoro". (Fl. 5v, l. 10).

{5v-10}.

DOCEL (7) [Dossel]. **1:** "Docel do Altar. He o que suspenso no ar, cobre o Altar, e o Sacerdote, quando está celebrando". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 9, p. 325). **2:** "Baldaquino (*dossel*, *sobrecéu*. O nome é derivado da palavra italiana *baldachini* = estofos orientais de seda, vindos da cidade de Bagdad e usados para a confecção dos paramentos sacros) i) grande pano rectangular de seda branca com sanefas franjadas, sustentado por quatro ou seis

varas, ou um tecto fixo plano ou levemente chanfrado, ornado com ricos panos bordados, sustentados por varas (pálio). O seu uso é obrigatório nas procissões públicas para servir de cobertura para o Santíssimo, as relíquias da S. Cruz ou outros instrumentos da Paixão e para o Bispo, na recepção solene. É conhecido desde o XII século. ii) cobertura (dossel) do altar, em substituição do cibório (grego = *kibôrion*). Era ora um simples pano estendido por cima do altar (pálio, véu, cortina), ora um teto plano e fixo, de madeira, ou um pano, firmado por varas, na parede, ou sustentado pelo retábulo, ora um tecto plano ou cuneiforme, de madeira ou pano, pendurado por cima do altar por meio de uma corrente ou corda. Somente esta última forma se conservou; mas, apesar de sua prescrição pelo Cerimonial romano para os altares que não têm cibório, o seu uso se limita a algumas igrejas da Itália. iii) dossel do trono dos Cardeais, Bispos, Abades e Prelados nullius". (RÕWER, 1947, p. 36). **No manuscrito:** "Hum DoceldeDamasco com guarniçaõ de retrôs". (Fl. 2r, l. 5).

{1r-30; 1v-13; 2r-5; 3v-3; 4v-25; 10r-27, 38}.

E e

EPISTOLA (1) [Epístola]. **1:** "Epístola. Epistola he palavra apropriada às cartas Gregas, e Latinas dos Antigos, e sobre tudo às cartas dos Apostolos, e dos Padre da Igreja, como tambem às Dedicatorias dos livros. As Epistolas de S. Pedro, S. Paulo, S. Joaõ, Santiago, e S. Judas fazem huma boa parte do Testmento novo, e saõ geralmente chamadas Apostolicas; mas excepto as de S. Paulo, as mais se chamaõ particularmente Catholicas, porque naõ saõ como as outras dirigidas a Igrejas, ou a pessoas particulares, mas a todos os Fieis em geral". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 9, p. 385). **2:** "Epístola, uma lição do Antigo ou Novo Testamento (não dos Evangelhos) que precede o primeiro Evangelho da Missa. Chamava-se antigamente apostolus, hoje Epístola, porque é geralmente tirada das Epístolas dos Apóstolos. Como ainda hoje no Rito grego, era a Epístola também no Rito romano uma lição contínua, isto é, uma a continuação da outra, ficando a extensão do trecho a ler à discrição do Bispo. Desde o IV ou V século os trechos são escolhidos e designados no índice epistolar: para serem procurados na Bíblia. De alguma maneira, quanto ao conteúdo, estavam em harmonia com o Evangelho. Antes da Epístola lia-se, até ao VI século, outra lição do Antigo Testamento, uso que se conservou apenas nos dias com carácter de penitência". (RÕWER, 1947, p. 95). **No manuscrito:** "Huml.º deEvang.os eEpistolas encadernado emCarnr.ª". (Fl. 5r, l. 39).
{5r-39}.

ESTOLLA (9) [Estola]. **1:** "Estola. Derivase do Grego *Stoli*, antiga vestidura de matronas, que cobria todo o corpo até os pés, e Stoli se deriva do verbo Grego *Stellomai*. Esta vestidura, chamada Stola, naõ só era propria das matronas, mas tambem era usada dos Reys; e elles a concediaõ a subditos benemeritos, como premio da virtude. Na Grecia tambem os homens traziaõ estola, e no livro ultimo das Metamorphofis diz Apuleio, que na antiga Gentilidade era a Stola, vestidura Sacerdotal". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 3, p. 326). **2:** "Estola. (l. *stola* = *veste*, *orarium*, de *os* = *boca*, toalha para enxugar o rosto), paramento litúrgico em forma de tira comprida, de uns 8 a 10 centímetros de largura, geralmente mais larga nas extremidades, com cruz no meio ou também nas pontas. É colocada no ombro esquerdo, a tiracolo, por baixo da dalmática e por cima da alva ou sobrepeliz, pelo diácono; pendente dos ombros e cruzada sobre o peito, por baixo da casula e por cima da alva, ou, sem cruzamento, por cima da sobrepeliz, pelo sacerdote; pendente dos ombros, sempre paralelamente na frente, pelo Bispo. Antigamente de linho ou lã e de cor à vontade, acompanha hoje a casula na fazenda e cor litúrgica. (RÕWER, 1947, p. 98). **No manuscrito:** "Settecazullas com suas estolas". (Fl. 2v, l. 23).

{1r-18, 39; 1v-19; 32; 2r-11; 2v-23; 3r-4, 25, 30}.

ESTOLLAÕ (4) [Estolão]. **1:** "Estolão, banda roxa, larga, sem cruz no meio, com

que o diácono substitui, desde o Evangelho até à Comunhão, a plàneta dobrada, durante a Quaresma e outros dias de penitência, nas catedrais e outras igrejas maiores". (RÕWER, 1947, p. 99). **No manuscrito:** "hum estollaõ Comgallaõ efranja". (Fl. 10v, l. 31).

{3r-8, 22; 7r-9; 10v-31}.

ESTOLLAM (1) - {10v-5}.

F f

FALDISTORIO (4) [Faldistório]. **1:** "Faldistório. Assento do Bispo, ou do Abbade mitrado no altar da parte da Epistola, em reverencia da cadeyra, que na parte do Evangelho occupa lugar mais honorifico. Sentaõse os Bispos no faldistorio nos lugares, qm que celebraõ com solemnidade, mas sem jurisdiçaõ, ou quando nas proprias Dioceses assiste alguma dignidade Ecclesiastica superior, ou quando daõ ordens pondose diante do Altar, ou celebrando dia de sesta Feyra mayor, em memoria, e veneraçaõ da Sagrada morte, e paixaõ do Senhor. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 17). **2:** "Faldistórlo (l. *faldistorium*, latinizado do al. *Faltstuhl* = cadeira de dobrar), cadeira de madeira, raramente de metal, sem espaldar, mas com encosto para os braços, com cobertura de seda, cuja cor corresponde à dos paramentos. Distingue-se hoje da cátedra do Bispo no trono apenas por não ter espaldar e ser mais baixo. Antigamente os pés se cruzavam no meio e permitiam dobrá-la, e daí o nome. O Bispo usa o faldistório, ao lado da Epístola, na Sexta-feira da Paixão, nas funções em que deve directamente olhar para o altar ou para o povo e nas funções fora de sua diocese, caso não lhe tenha sido concedido o trono pelo Bispo diocesano". (RÕWER, 1947, p. 104). **No manuscrito:** "Hum Faldistoriodamesmamelaniaeguarniçaõ". (Fl. 1v, l. 6).
{1v-6, 23, 36; 2r-15}.

FRONTAL (13) [Frontal]. **1:** "Frontal. Frontal do altar. O paramento de seda, ou outra materia, com que se orna a parte dianteira do altar. A cor delle hâ de ser vermelha, branca, roxa, verde, ou negra, segundo o prescrevem as rubricas da Igreja". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 218). **2:** "Frontal (l. *frontale*, *antependium*), ornamento amovível que cobre a frente da base do altar. Ao passo que nos Ritos orientais até hoje todas as faces da base do altar ficam cobertas com panos, no Ocidente o uso era diferente nas diversas épocas. A princípio cobnam-se todas as faces, depois a frente e as faces laterais e, desde o século XI, apenas a frente. A matéria que se usava para o frontal era metal (ouro, prata, cobre dourado), madeira, couro, pano, seda e tinha-se cuidado em ornar o frontal com toda a preciosidade, não faltando, além do ouro, pérolas e pedras preciosas". (RÕWER, 1947, p. 111). **No manuscrito:** "Hum frontal deDamasquilhoVerde q.ˆ Servía nod.º altarmor". (Fl. 7r, l. 27).
{2r-24, 35; 2v-14, 15, 22; 3r-11, 20; 7r-27, 30, 33, 34; 10v-8, 30}.

FUGAREYRO (1) [Fogareiro]. **1:** "Fogareiro. Instrumento de cozinha, para brazas, com que se guiza, ou se requenta o comer". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 150). **No manuscrito:** "Humfugareyro deCobre". (Fl. 5r, l. 9).

{5r-9}.

G g

GALHETA (7) [Galheta]. **1:** "Galhêta. Pequeno vaso de vidro, ou metal, com que se dá o vinho, e a agoa para o sacrificio da missa, ou em que se poem o azeite, e vinagre nas mesas". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 16). **2:** "Galhetas, duas ampulas de cristal (de ouro ou prata são apenas toleradas), com ou sem asa, geralmente bojudas, para o vinho da consagração e a água, a ser misturada ao vinho e servir nas purificações e abluções. Sendo feitas de metal é costume marcar uma das galhetas com a letra V (vinho), a outra com A (água)". (RÕWER, 1947, p. 112). **No manuscrito:** "Outro par degalhetas Louca da India m.to velhas". (Fl. 6v, l. 7).
{4r-26; 4v-27; 6v-6, 7; 11v-15; 12r-18, 30}.

GREMIAL (4) [Gremial]. **1:** "Gremial. Gremiál. Especie de frontaleira de seda que nos Pontificaes se poem sobre os juelhos do Bispo, quando está sentando no tempo dos officios divinos. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 130). **2:** "Gremial. (l. *gremiale*), pano a deitar sobre o regaço (l. *gremium*) do Bispo, na Missa pontifical, durante o canto do Kyrie, Glória e Credo, para sobre ele colocar as mãos e durante as unções nas ordenações, na distribuição das cinzas e candeias bentas, para proteger a casula. Embora hoje paramento exclusivamente pontifical, em alguns países o costume autoriza também os simples sacerdotes a usá-lo na Missa, como na idade média faziam geralmente. Para a Missa pontifical o Gremial deve ser de seda e da cor dos paramentos, nas outras funções de linho". (RÕWER, 1947, p. 113). **No manuscrito:** "Hum Gremial da mesma melania, eguarniçaõ". (Fl. 1v, l. 5).

{1v-5, 22, 35; 2r, 14}.

GRAMIAL (1) - {1r-22}.

H h

HOSTIA (7) [Hóstia]. **1:** "Hostia immaculada, he o verbo divino, sacrificado no altar da Cruz a seu eterno Pay pellos peccados dos homẽs. Hostia consagrada, he o corpo de N. Senhor. Iesu Christo. Sacramentado de baixo das especies do paõ, e do vinho. Hostia, tambem se chama o paõ, que o sacerdote leva ao altar, para cõsagrar". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 66). **2:** "Hóstia (l. *hostia*, *oblata*), o pão feito de farinha pura de trigo e água, a consagrar na Missa. Cristo consagrou em pão ázimo e provàvelmente os Apóstolos fizeram o mesmo. [...] São feitas estas hóstias (grandes para a Missa, pequenas para a Comunhão dos fiéis) com o ferro de hóstias, tendo elas num lado uma cruz ou cordeiro e a grande frequentementu no verso leves cortes para facilitar a fração. Fazer as hóstias competia antigamente aos sacerdotes e ao clero, que as preparavam, vestidos de amicto e alva, cantando salmos; depois passou o encargo para pessoas de confiança". (RÕWER, 1947, p. 116). **No manuscrito:** "Huma roda de marfim p.a seCortarem hostias nella". (Fl. 5r, l. 11).
{4v-14, 30; 5r-11, 12, 14; 6v-25; 12r-36}.

I i

IMAGEM (6) [Imagem]. **1:** "Imagem. Retrato, ou representaçaõ de alguem, ou de alguma cousa. Imagem, propriamente se diz de Santo; e naõ se diz, a imagem del-Rey; mas o retrato del-Rey. E quando he obra de Escultor, melhor fora dizer Figura, ou Estatua, do que Imagem". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 54). **2:** "Imagens, são, na igreja, não apenas um ornato, mas objecto de culto. Diante delas se acendem velas, fazem-se inclinações e orações, elas são enfeitadas, incensadas e conduzidas publicamente em procissão. Este culto, porém, é relativo, isto é, não tributado à imagem, mas àquele que por ela é representado". (RÕWER, 1947, p. 117). **No manuscrito:** "Huma ImagemgrandedeS. Iozé ComSeo menino IESVS". (Fl. 6r, l. 28).
{4r-15; 6r-20, 23, 25, 27, 28}.

INCENÇO (1) [Incenso]. **1:** "Incenso. Goma aromatica, e cheirosa, ou especie de rezina branca, ou amarella, que se tira por incisaõ do troco de huma Arvare, a qual se cria na Arabica felice, particularmente em hũs bosques da Regiaõ de Sabá, e nos contornos da Cidade do ditto nome". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 86). **2:** "Incenso, resina que, queimada, esparge fumo odorífero, frequentemente empregada nas funções litúrgicas para as incensações. É permitido misturar outras substâncias odoríferas, contanto que a parte maior seja incenso. O incenso, que ardendo se consome e em espirais perfumadas sobe às alturas, simboliza o sacrifício e as orações dos fiéis". (RÕWER, 1947, p. 119). **No manuscrito:** "Sinco pinhas de Incenço p.ª oCyrio Pascal". (Fl. 5r, l. 28).

{5r-28}.

ISOPE (4) [Isope]. **No manuscrito:** "Huma Caldeyrinha ComSeo Izope, tudo deprata". (Fl. 6r, l. 32).

{4v-11, 29; 6r-32; 12r-34}.

L l

LAVATORIO (4) [Lavatório]. **1:** "Lavatorio, tambem se diz quando na Missa o Sacerdote lava as mãos depois do offertorio, ou quando os que commungàrão, tomão hum sorvo de agua na mesa da Communhão". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 53). **2:** "Lavatório ou Lavabo, aparelho, com toalha, pendurado na parede da sacristia, ou torneira com água encanada, para os ministros do altar purificarem as mãos". (RÕWER, 1947, p. 130). **No manuscrito:** "Quarenta equatro toalhas depanodelinhop.ª lavatorio". (Fl. 3v, l. 23). {3v-23; 7v-24; 12r-41; 12v-11}.

LUVA (4) [Luva]. **1:** "Luva. Nas Missas de Pontifical com as luvas que o Bispo traz calçadas se allude às pelles de cabrito, com que Jacob alcançou do pay a benção, ou aos despojos da nossa mortalidade na pessoa do Verbo encarnado". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 212). **2:** "Luvas pontificais (l. *Chirotecae*), como ornato litúrgico usadas na Missa pontifical, desde o princípio até ao Ofertório, pelos Cardeais, Bispos, Abades, etc. Aparece o uso litúrgico das luvas no X século. São elas feitas de seda (antigamente de linho), têm no dorso um ornamento e, em volta da entrada, largos canhões". (RÕWER, 1947, p. 137). **No manuscrito:** "Hum par deSapatos Luvas, emeyas da mesma melaniaeguarnicaõ". (Fl. 1r, l. 26).

{1r-26, 1v-10, 25, 38}.

M m

MANIPLO (9) [Manípulo]. **1:** "Manipulo. Especie de estola pequena, que o Sacerdote para dizer Missa, poem no braço esquerdo. Significa o cordel, cordel com q̃ atàrão a Christo as mãos. Poem-se no braço esquerdo, para mostrar que ao depois da morte de Christo, ficou a parte esquerda a Ley Velha com todas suas ceremonias, ou porque as ceremonias se possão fazer se embaraço". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 296-297). **2:** "Manípulo (do l. *manus* = mão, *implere* = encher, punhado), paramento litúrgico, comum ao clero de Ordens sacras, mas distintivo próprio do subdiácono. Consiste numa tira de seda da cor do paramento de 6 a 8 cm. de largura e de 80 a 90 cm. de comprimento, colocada sobre o antebraço esquerdo, de modo que as duas pontas pendem em partes iguais, fim para o qual há por dentro um cadarço ou costura que une as duas partes pendentes e permite enfiar o braço. No meio há uma cruzinha e geralmente também, sem ser isso de preceito, nas duas pontas, que são franjadas e, às vezes, desproporcionalmente alargadas. É usado o manípulo na Missa e em algumas funções que se realizam em conexão com a Missa, mas nunca junto com a capa de Asperges". (RÕWER, 1947, p. 139). **No manuscrito:** "Tres estollas, e tresmaniplos Soltosdomesmo". (Fl. 3r, l. 25).
{1r-18, 39; 1v-19, 32; 2r-11; 2v-23; 3r-4, 25, 30}.

MANUSTERGIU (1) [Manustérgio]. **1:** "Manustérgio (do l. *manus* mão, *térgere* = enxugar), qualquer toalha, grande ou pequena, usada na purificação das mãos, antes, dentro e depois da Missa ou em outras funções litúrgicas. Na ordenação de subdiácono é entregue ao ordenando uma pequena bacia com jarro (pratinho com as galhetas) e manustérgio, o que lembra o antigo ofício do subdiácono de servir ao celebrante na purificação das mãos". (RÕWER, 1947, p. 139-140). **No manuscrito:** "Quarenta eoitomanustergiuslizos". (Fl. 4r, l. 11).

{4r-11}.

MARTRIOLOGIO (1) [Martirológio]. **1:** "Martyrolôgio. O livro que contem o catalogo dos Santos, e Martires da Igreja, e no qual se faz menção do seu nome, e do dia, e lugar em que morrerão, ou padecèrão o martírio". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 349). **2:** "Martirológio (do gr. *martyr* = mártir, e *eulogia* = louvor), compilação, para cada dia do ano, dos nomes dos Santos venerados em toda a Igreja, com ligeiras indicações sobre o lugar e as circunstâncias da morte e a veneração do Santo. O dia em que o Santo é registado ou é de sua morte (*dies natalis*), ou de seu enterro (*dies depositionis*), ou da trasladação de seu corpo (*dies translationis*). Mencionava esse catálogo, a princípio, apenas os santos mártires, e daí o seu nome". (RÕWER, 1947, p. 140). **No manuscrito:** "Hum Martriologio Romano". (Fl. 5v, l. 8).

{5v-8}.

MATRAQUA (2) [Matraca]. **1:** "Matraca. Instrumento de pedaços de pao, que meneados fazem roido. Nos Conventos serve de desperta a matinas; e na semana Santa serve em lugar de sino desde Quinta feira de Endoenças atè a manhaã do Sabbado Santo. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 366). **2:** "Matraca, ou Agiosimandro (l. *Crotalum*), instrumento de pau, constando de uma taboinha rectangular com ferros movediços em ambos os lados, o qual, agitado, produz grande bulha. Existem também outras formas. É usada a matraca nos últimos três dias da Semana Santa, desde o Glória de quinta-feira até ao Sábado Santo, para chamar os fiéis e dar os sinais nas funções, visto não se tocarem neste espaço de tempo os sinos. O emprego da matraca é testemunhado já no século IX por Amalário. (RÕWER, 1947, p. 142). **No manuscrito:** "Huma matraqua pequenacom argollas deferro". (Fl. 4v, l. 34).

{4v-26, 34}.

MATRIZ (2) [Matriz]. **1:** "Matrîz. Igreja matriz. A mais antiga, e cabeça das mais". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 369). **2:** "Igreja-matriz (Igreja mãe), i) com relação aos fiéis que formam uma Igreja particular, a Igreja romana, que é a Cabeça e Mãe de todas as Igrejas (*Caput et Mater omnium Ecclesiarum*); ii) na linguagem comum, a Igreja paroquial, isto é, a igreja na circunscrição de uma freguesia, sagrada ou solenemente benta e destinada para o culto público dos paroquianos e o exercício das funções paroquiais. (RÕWER, 1947, p. 117). **No manuscrito:** "afabrica daCathedral (?) | (?) daantigadaMatriz" (Fl. 12v, l. 40).

{6r-13; 12v-40}.

MENISTRO (5) [Ministro]. **1:** "Ministros que assistem ao Sacerdote no altar, saõ os dous Clerigos de Epistola, e Euangelho. Ministros de Deos na terra saõ os Reys, e Ministros dos Reys saõ os Magistrados, os Governadores, etc. Ministro dos Sacramentos he aquelle que os administra". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 499). **2:** "Ministro do livro, da bugia, do báculo, da mitra, do gremial, clérigos ajudantes nas funções pontificais, o último somente na Missa. Na falta de clero suficiente fazem as suas vezes simples seminaristas ou coroinhas. (RÕWER, 1947, p. 144). **No manuscrito:** "mandou elle dito Muito Reverendo Menistro". (Fl. 12v, l. 19).

{6r-2; 8r-31; 12v-19; 13r-4, 24}.

MISSA (5) [Missa]. **1:** "Missa. Incruento sacrificio da Ley da Graça, no qual de baixo das especies do pão, e do vinho, por mãos dos Sacerdotes se offerece a Deos Pay o corpo, e sangue de seu Filho unigenito, Jesus Christo. As partes essenciaes da Missa saõ tres, a consegração, a oblação, e a consumpção". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 509). **2:** "Missa (Sacrifício da Missa, Sacrifício eucarístico, Sacrifício do altar), o Sacrifício do Novo Testamento, no qual Jesus, real e verdadeiramente presente sob as espécies de pão e vinho, se oferece, pelas mãos do sacerdote como seu ministro, ao Pai celeste, de modo incruento, assim como o fez, de modo cruento, no Calvário, com o fim de perpetuar o Sacrifício de sua morte e de

aplicar aos homens, permanentemente, os frutos do mesmo. A Santa Missa é essencialmente o mesmo Sacrifício da Cruz, porque idêntico é o sacerdote sacrificante: Jesus, sendo o sacerdote humano o ministro, o instrumento que age em nome, por ordem e em virtude de Cristo. Idêntica é também a vítima oferecida: Jesus, seu corpo e sangue. A diferença entre o Sacrifício da Missa e o da Cruz é acidental, estendendo-se apenas ao modo, cruento neste, incruento naquele. A palavra latina Missa significa o mesmo que missio, dimissio, isto e, despedida". (RÕWER, 1947, p. 145). **No manuscrito:** "Dous rituais, edous cadernos demissadedefuntos". (Fl. 6v, l. 36).

{4r-30; 5v-3; 6v-36; 7r-20; 12r-20}.

MISSAL (12) [Missal]. **1:** "Missal. Livro, que no altar serve para se dizer Missa". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 511). **2:** "Missal, livro litúrgico, que contém os formulários a empregar na celebração das Missas com as rubricas e cerimônias a observar. Sua origem são os Sacramentários, que continham as orações fixas, mas não as partes variáveis que deviam ser cantadas ou recitadas, pata as quais existiam livros especiais. Acrescentando-se, para maior comodidade, as partes variáveis ao Sacramentário, primeiro como apêndice, mais tarde cada uma em seu respectivo lugar e dia, resultou o Missal, chamado plenário. (RÕWER, 1947, p. 152-153). **No manuscrito:** "Hum Missal ComCapa de Marroquim dourado". (Fl. 10v, l. 34).

{1r-20; 1v-4, 21, 34; 2r-13, 34; 2v-13, 25; 3r-6, 26; 5r-36; 10v-34}.

MITRA (1) [Mitra]. **1:** "Mitra, ou Mithra. Hoje a mitra he insignia de prelazia, que os Bispos, Arcebispos, Abbades, e algũs Priores Regulares trazem na cabeça em actos Pontificaes. Antes do anno de 1000, não fazem os Authores menção alguma de Mitras. Tambem os Cardeaes trouxerão mitras, primeiro que usassem de capello, que lhes foi concedido no Concilio Lugdunense no anno de 1245. A divisaõ da mitra em duas partes tem muitas significações, e entre outras significa a noticia, que o Prelado, que a traz, deve de ter hum, e outro Testamento. Tambem significa ser suprema a dignidade Episcopal, por isto o Bispo tendoa na cabeça, fica eminente a todos. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 516). **2:** "Mitra (l. *mitra*, *infula*), ornato litúrgico da cabeça dos Cardeais, Bispos e Abades e de outros Prelados, por exemplo, de cônegos, que tenham autorização especial (jus pontificalium) da Santa Sé. Remonta o uso da mitra ao X século; sua origem é provàvelmente o camelaucum papal. A princípio reservada ao Papa, foi a mitra concedida, como distinção, a Bispos, fora de Roma, desde o XI século; outros Bispos usavam-na com consentimento tácito do Papa e assim passou a ser ornato litúrgico de todos os Bispos. A Abades foi feita a concessão também desde meados do XI século. A forma da mitra não foi sempre a mesma, mas sujeita a constantes transformações, com tendência de lhe dar sempre mais altura, até chegar, no século XVII, à forma de hoje. (RÕWER, 1947, p. 154). **No manuscrito:** "Tres Mitras, humabrancalizadeDamasco, outra de melania (Fl. 1r, l. 32).

{1r-32}.

N n

NAVETA (3) [Naveta]. **1:** “Naveta. Vaso da Igreja, mais comprido que largo, da feição de barquinha, em que se deita incenso para o altar. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 690). **2:** “Naveta (l. *navicula*), pequeno vaso de metal, desde a idade média, com preferência em forma de naviozinho, para nele se servir, por meio de uma colherinha, o incenso nas turificações litúrgicas. Antes de entrar em uso a forma actual, tinha o nome de acerra ou de arca = cofre, caixa. A naveta acompanha o turíbulo no estilo de arte e tem, como este, sua origem na antiguidade. (RÕWER, 1947, p. 158). **No manuscrito:** “huã Naveta Com SuaColher”. (Fl. 12r, l. 28).
{4v-4; 12r-28; 12v-7}.

O o

ORNAMENTO (19) [Ornamento]. **1:** "Ornamento. Qualquer cousa que orna. Diz-se particularmente das vestiduras sacerdotaes, etc. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 122). **No manuscrito:** "Ornamentos Pontificais encarnados". (Fl. 1r, l. 36). {1r-3, 14, 36; 1v-16, 27; 2r-8, 20, 38; 2v-19, 37; 3r-19, 30; 7r-2; 8v-16; 10r-3; 10v-13, 21; 11r-2; 12v-38}.

P p

PADRE (1) [Padre]. **1:** Padre. Padre se chamão os Sacerdotes de todas as Ordens Religiosas, e Congregações Regulares. Os Padres Carmelitas, Agostinhos, etc. os Padres da Trindade, de Companhia, do Oratorio. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 177). **No manuscrito:** "oReuerendo Padre Domingos Xavier Martins". (Fl. 13r, l. 25). {13r-25}.

Ver Presbítero.

PALIO (2) [Pálio]. **1:** "Pâllio. Insignia, e ultimo ornamento das vestiduras Sacerdotaes dos Summos Pontifices, Patriarchas, Arcebispos, Primazes, e Metropolitanos. He hum tecido de lãa muyto branca, que se poem sobre a vestimenta, e cerca os hombros, e della pendem humas tiras, que tem quatro cruzes vermelhas, hũa na parte anterior, que o Diacono prèga nos peytos do Arcebispo, e outra na parte posterior, que o Subdiacono lhe préga nas costas, e as outras duas no hombro direyto, e esquerdo. A lãa do pallio se toma de dous cordeyros, que para este efeyto se tosquiaõ, e se offerecem todos os annos sobre o altar da Igreja se Santa Inez em Roma, e na lãa dos Cordeyros neste ornato dos hombros do Prelado Ecclesiastico se representa o cordeyro, que o bom Pastor Jesus Christo traz nos hombros. Pallio. He a modo de sobreceo de hũ leyto, cercado de suas sanefas, e prezo no alto de hũas varas, debayxo do qual leva o Sacerdote o Santissimo Sacramento em procissoens, e outras funções Ecclesiasticas. Tambem em certas occasioens se vão receber Princepes Ecclesiasticos, ou seculares debayxo do pallio. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 204-205). **2:** "Pálio, ornato litúrgico do Papa, Arcebispos e, as vezes, por privilégio de simples Bispos. É o pálio de hoje uma fita de 6 cm de largura feita de lã branca, em forma de anel, com 6 cruzes de seda preta sobrecos1das, a ser colocada sobre os ombros, com duas pontas que finalizam numa peça de seda, pendentes na frente e nas costas, e três alfinetes preciosos de ornato, um no ombro esquerdo, os outros na junção das pontas pendentes. A lã do pálio é de dois cordeiros, bentos na festa de Santa Inês. Feitos os pálios, são bentos depois das primeiras Vésperas dos Príncipes dos Apóstolos e em seguida colocados, numa cápsula de prata dourada, no túmulo (Confessio) de S. Pedro, até serem entregues ou remetidos aos Arcebispos. Significa o pálio a plenitude do ofício pastoral, que deriva de S. Pedro directamente para o Papa e por intermédio deste para os Metropolitas em sua província". (RÕWER, 1947, p. 173). **No manuscrito:** "Hum Palio da mesma melaniaeguarniçaõ". (Fl. 1r, l. 31).

{1r-31; 4v-22}.

PALLA (7) [Pala]. **1:** "Palla do Caliz. Segundo o uso Romano, he hum bocado de panno de linho, quadrado, e engomado, que o Sacerdote leva metido no corporal, e com que cobre o caliz. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 202). **2:** "Pala, (l. *palla*, de *palliare* = cobrir, esconaer), cobertura quadrangular do

cálice, durante a Santa Missa, feita de linho e benta por quem tenha a faculdade. O feitio da pala não é por toda parte o mesmo. Ou é uma peça engomada simples ou dupla de linho; ou duas peças com cartão dentro, cozidas em volta; ou uma peça de linho presa por baixo de um cartão coberto de seda, da cor dos paramentos (nunca preta) e de linho na face inferior [...] E~ sua origem a pala não e outra coisa senão o corporal. Seu uso tornou-se geral somente no XVI século. (RÕWER, 1947, p. 173). **No manuscrito:** "Seis pallas finas com renda". (Fl. 3v, l. 37).

{3v-36, 37; 7v-4, 5, 8, 12, 15}.

PALAS (6) - {7v-3, 7, 11, 14, 16, 17}.

PARTÍCULA (2) [Partícula]. **1:** "Particula. Pequena hostia, que se consagra para a communhão dos fieis. Na Igreja Romana as particulas saõ redondas, na Igreja Grega saõ triangulares. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 287). **2:** "Partícula. (V. espécie)". (RÕWER, 1947, p. 176). > "Espécie (do l. *species* = aparência), o que com os sentidos se percebe na Eucaristia, isto é, a cor, o odor, o sabor, a forma. Cristo está presente na Eucaristia sob as espécies de pão e vinho, quer dizer, a substância das mesmas foi mudada em o Corpo e Sangue de Cristo, ficando apenas o que aparece aos sentidos, a espécie. Em sentido translado chamam-se espécies as partículas consagradas para a Comunhão dos fiéis, ficando o nome de hóstia reservado para a partícula grande da Missa". (RÕWER, 1947, p. 95). **No manuscrito:** "Hum d.º deCortar partículas". (Fl. 5r, l. 15).

{5r-13, 15}.

PASSIONARIO (1) [Passionário]. **1:** "Passionario. No Inventario da Collegiada de S. Faustino da Igreja de Viterbo se achado ha alguns annos hum livro antiquissimo intitulado Passionarium, qm que estavaõ os Euangelhos da Paixaõ de JESU Christo, que se haviaõ de cantar na Samana Santa". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 9, p. 117). **No manuscrito:** "Dous passionarios Com amesma encadernação". (Fl. 5v, l. 5).

{5v-5}.

PATENA (9) [Patena]. **1:** "Patêna. Especie de pratinho, com que o Sacerdote cobre o caliz na Missa; he da mesma materia, que o caliz, e serve de recolher os fragmentos da Hostia. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 316). **2:** "Patena (do gr. *patáno* = prato) pratinho, um pouco maior do que a boca do cálice, sagrado pelo Bispo, do mesmo metal que a copa do cálice, dourado pelo menos na face superior, geralmente todo côncavo ou com cavidade no meio, para nele ser colocada a hóstia grande na Santa Missa. (RÕWER, 1947, p. 177). **No manuscrito:** "Seis callizdeprata dourada comsuas patenas domesmo". (Fl. 4r, l. 24).

{4r-24, 27, 29, 30; 12r-15, 16, 20; 12v-8, 9}.

PAVILHAÕ (8) [Pavilhão]. **1:** "Pavelhaõ do Sacrario. O panno com que se cobre". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 326). **2:** "Pavilhão. (V. *Conopéu*)". (RÕWER, 1947, p. 179). > "Conopéu (do gr. *konopeion* = mosquiteiro, cortina), pavilhão que, segundo o Ritual romano, deve cobrir todo o tabernáculo. Ao que parece deriva o conopéu do baldaquino que, em forma de tenda, cobria o vaso com o Santíssimo, pendurado por cima do altar. Nas igrejas

antigas do Brasil ainda está em uso o conopéu na forma prescrita; nas modernas, com o tabernáculo frequentemente construido dentro do retábulo, ou encimado por um trono ou nicho de exposição, o conopéu ficou reduzido a uma cortina (respeito) diante da porta do tabernáculo, que nunca deve faltar. O conopéu deve ser feito de pano tecido, não de rendas ou trabalho de croché. A sua cor ou é sempre branca, ou varia segundo a cor do ofício do dia, excluída fica a preta, que nas exéquias é substituída pela roxa". (RÕWER, 1947, p. 74). **No manuscrito:** "Humpavilhaõ do Sacrario Velho deTisso deprata Comfranja". (Fl. 7r, l. 34).

{3r-32, 34, 35, 36, 37; 3v-2, 4; 7r-37}.

PEDESTAL (1) [Pedestal]. **No manuscrito:** "Hum pedestal pequeno, q'. servep.ª por aCustodia". (Fl. 5r, l. 3).

{5r-3}.

PEDRA DE ARA (1) [Pedra d'ara]. **1:** "Ara. Em Portugal chamamos Pedra d'ara a pedra, que se poem no meyo do altar, consagrada, e ungida pelo Bispo, sobre a qual se poem o caliz, e a hostia, e se offerece o Sacrificio da Missa. As pedras d'ara saõ de marmore, ou de outra pedra solida, regularmente tem de comprimento hũa terca de vara, e de largura a quinta parte menos; saõ forradas de lona, fustaõ, ou panno de linho, e nellas pode estar commodamente o caliz, e hostia, vaso sacramental, ou as particulas sem elle. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 463). **2:** "Pedra d'ara. (V. *Altar portátil*)". (RÕWER, 1947, p. 180). **No manuscrito:** "Tres pedra de Arapequenas". (Fl. 6v, l. 21).

{6v-21}.

PIA BAPTISMAL (1) [Pia Batismal]. **1:** "Pia de bautizar, ou pia do Bautismo, ou pia Baptismal. As pias baptismaes se fazem de pedra, seguras, e bem vedadas de todas as partes, tem cano, e sumidouro, que naõ se vasa por outra parte, e tampão de madeyra, fechado com fechadura, e chave". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 490). **2:** "Batismo, Pia do (l. *fons baptismalis*), grande bacia, sustentada por uma coluna de mármore, de pedra polida ou de metal; dividida por dentro em duas partes, uma para conservar a água batismal, outra para receber a água servida, com um canal por onde esta escoa para a terra ou para a piscina, coberta com tampo de madeira ou metal, encimado por uma cruz. É chamada também fonte, do latim, porquanto, antigamente, a bacia recebia, à guisa de fonte, a água corrente de uma bica e a deixava escoar por um canal". (RÕWER, 1947, p. 41). **No manuscrito:** "Humapia Baptismal de madeyraComSuapia deCobre". (Fl. 6v, l. 17).

{6v-17}.

PICIDIS (1) [Píxide]. **1:** "Píxide para viático, uma âmbula muito pequena ou um vaso em forma de relicário, dentro de uma bolsa de seda, pendente do pescoço e oculta por baixo da batina ou capa, para a administração do viático, quando as circunstâncias não permitem levá-lo publicamente". (RÕWER, 1947, p. 184). **No manuscrito:** "Huma picidis grande depratadouradap.ª partículas". (Fl. 4r, l. 38).

{4r-38}.

Ver *Âmbula*.

PLUVIAL (6) [Pluvial]. **1:** "Pluvial. (Termo das Rubricas da Igreja.) Deriva-se do Latim Pluvia, que quer dizer Chuva, e he a vestidura Sacerdotal, que vulgarmente chamamos Capa de Asperges. Foy chamada Pluvial, porque se leva nas procissoens fóra da Igreja, e he defensivo da chuva. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 554). **No manuscrito:** "Hum d.º deCortar partículas". (Fl. 5r, l. 15).

{2r-33; 2v-12; 10r-18, 32; 10v-4, 29}.

Ver *Capa das perges*.

PONTIFICAIS (7) [Pontificais]. **1:** "Pontifical. Substantivo. Hum Pontifical. He hũa veste, ou capa de grande cauda, e o capello forrado de carmesim, ou arminhos brancos. Usa della o Bispo na sua Cathedral, e quãdo vay acavallo solẽnemente, a leva sobre o roxete, etc. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 559). **2:** "(plural, corresp. ao l. *pontificalia*, a subentender: funções, prerrogativas, paramentos, etc.), em sentido canônico, as funções para as quais as leis litúrgicas exigem o uso das insígnias pontificais, isto é, da mitra e do bâculo (*Dir. can. c.* 337, § 2); - em sentido litúrgico, os poderes, prerrogativas, honrarias, etc., que na Liturgia competem ao Bispo, de acordo com o Pontifical e Cerimonial dos Bispos, e limitadamente a outros Prelados (Abades, Prelados nullius, Protonotários, etc.), a quem o direito aos Pontificais foi concedido pela Santa Sé. (RÕWER, 1947, p. 185). **No manuscrito:** "Huma meza, q'. Serve d e aparador dePontificais". (Fl. 4v, l. 31).

{1r-14, 36; 1v-16, 27; 2r-8; 4r-18; 4v-31}.

PONTIFICAES (3) - {10r-12,25; 10v-33}.

PONTIFICAL (2) [Pontifical]. **1:** "O livro dos Pontificaes, ou o Pontifical, he o livro que contem os ritos, e ceremonias proprias do Pontifice, e dos Bispos, quando publicamente exercem o seu sagrado ministério". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 559). **2:** "Pontifical, l. *liber pontificalis*, livro litúrgico, em uso desde o IX século, unificado por Clemente VIII, em 1596, revisto e aumentado posteriormente, que contém os formulários para a administração dos sacramentos, para as bênçãos e outros actos reservados ao Bispo". (RÕWER, 1947, p. 185). **No manuscrito:** "HumPontifical p.ª as Missas Com amesma incadernação". (Fl. 5v, l. 3).

{5v-3, 9}.

PORTAPAZ (2) [Porta-paz]. **1:** "Portapaz. Em algumas Igrejas he a peça de prata, a modo de laminam ou outra figura, que em certas Missas cantadas se dá a beijar em lugar da Patena. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 632). **2:** "Porta-paz (l. *osculatorium*, *instrumentum pacis*). V. ósculo da paz". (RÕWER, 1947, p. 185) > "ósculo da paz (l. *osculum pacis*, ou simplesmente paz), cerimônia usada entre os fiéis na Liturgia, desde os tempos apostólicos, como símbolo de mútuo amor e de alegria em Deus. Transformou se, na idade média, em o leve amplexo, hoje usado somente pelo clero, na Missa solene. Tinha lugar antigamente depois das orações por todos os fiéis, antes do Ofertório. No IV ou V século, porém, foi a cerimônia transferida para antes da Comunhão. [...] os irmãos de Irmandades, recebem a paz por meio de um

quadrinho, chamado Porta paz, o qual todos osculam. É feito este quadrinho de madeira, de marfim ou de prata; tem, frequentemente um emblema ou imagem e, na parte posterior, uma asa para se lhe pegar. Em alguns lugares oferecia-se a patena para beijar". (RÕWER, 1947, p. 170). **No manuscrito:** "Humaportapazdeprata". (Fl. 4r, l. 25).

{4r-25; 12r-17}.

PRESBITERO (1) [Presbítero]. **1:** "Presbytero. Deriva-se do Grego, *Presbyteros*, qua val o mesmo que Anciaõ, e provecto na idade. Aos Sacerdotes se deu este nome, naõ tanto pelas cans da velhice, como pela madureza da prudencia, necessaria para a dignidade Sacerdotal. Tambem antigamente era o mesmo Presbytero que Bispo". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 708). **2:** "Presbítero (do gr. *presbyteros* = ancião, sacerdote, padre), nome escritural, oficialmente adoptado pela Igreja para significar sacerdote. É o presbítero por instituição divina e em virtude da ordenação conferida pelo Bispo o representante e ministro de N. Senhor, cuja missão perpétua, aplicando ao povo cristão os merecimentos de Cristo, principalmente com o Sacrifício da Missa e a administração dos Sacramentos e sendo-lhe mestre e guia, com a anunciação e explicação da doutrina cristã; tudo isto em dependência do Bispo, de cuja autoridade necessita para o válido ou lícito exercício de suas atribuições". (RÕWER, 1947, p. 188). **No manuscrito:** "Tres bancos depaô findidos empedra, emq'. seasentaõ os Presbiteros". (Fl. 4v, l. 23).

{4v-23}.

PROUISOR (3) [Provisor]. **1:** "Provisor. He o que faz as vezes do Bispo no seu Bispado. De ordinario não tem faculdade para dar Reverendas, senão quando o Bispo está muyto distante. (BLUTEAU, iso1712-1728, v. 6, p. 808-809). **No manuscrito:** "e Prouizor deste Bizpd.o Comigo aJudante". (Fl. 5v, l. 18).

{5v-18; 8v-7; 9r-13}.

PROVISOR (3) - {10r-9; 12v-14, 32}.

PROUEZOR (2) - {8r-11, 15}.

PULPITO (14) [Pulpito]. **1:** "Pulpito. He palavra Latina de *Pulpitum*, que antigamente era o Tablado, ou especie de Balcaõ, em que os Comediantes sahiaõ a representar. Hoje, entre nós, he nas Igrejas o lugar levantado, em que se préga a palavra de Deos. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 823-824). **2:** "Púlpito (l. *pulpitum*, *suggestus*). (V. *Ambão*)". (RÕWER, 1947, p. 192) > "Ambão (do gr. *anabainein* = subir), púlpito com estante para a pregação, canto da Epístola, Gradual e Evangelho. Era geralmente de pedra, situado perto das cancelas do coro ou até fazendo parte das mesmas, com formas arquitetônicas na frente, com uma ou duas escadas e, às vezes de dois pisos. Algumas igrejas tinham dois Ambões, um grande, para a pregação e o canto do Evangelho, outro menor, para o canto da Epístola [...] Nas igrejas catedrais há dois púlpitos, para a pregação ser feita ao lado da Epístola, quando o Bispo estiver presente". (RÕWER, 1947, p. 23). **No manuscrito:** "Semetem nas grades | debayxo dopulpito". (Fl. 6v, l. 15-16).

{2r-36; 2v-4, 18, 23, 35; 3r-17; 6v-16; 7r-4;

10r-26, 37; 10v- 6, 18, 44; 11r-7}.

PURIFICADOR (2) [Purificador]. **1:** "Purificatôrio. Vaso pequeno com agua dentro, em que o Sacerdote lava, e purifica os dedos, e quando acaba de dar a Communhaõ no Altar depois da Missa. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 834). **2:** "Purificador. (V. *Ablução*, *Vaso de*)". (RÕWER, 1947, p. 193) > "Ablução, Vaso de, ou Purificador, pequeno vaso de metal ou cristal, colocado sobre o altar, para o sacerdote lavar os dedos depois de administrar a S. Comunhão fora da Missa ou depois de tocar no SS. Sacramento em outra qualquer ocasião". (RÕWER, 1947, p. 12). **No manuscrito:** "Humpurificador deprata". (Fl. 4v, l. 19).

{4v-19; 6v-5}.

R r

RELICÁRIO (1) [Relicário]. **1:** "Relicario. Acayxa, ou outra cousa, em que se guardaõ relíquias". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 220). **2:** "Relicário, vaso que contém relíquias. Antigamente conservavam-se as relíquias fechadas. Desde o XIV século, porém, preferia-se pô-las a descoberto, por detrás de vidro, e davam-se aos relicários diversas formas (de ostensório, braço meio corpo, figura inteira), de madeira ou metal precioso e ricamente ornados". (RÕWER, 1947, p. 197). **No manuscrito:** "Hum relicário deprata m.^{to} pequeno, eantigo". (Fl. 6v, l. 3).
{6v-3}.

RESPLANDOR (3) [Resplendor]. **1:** "Resplandor. Nas Imagens, e figuras dos Anjos, e Santos canonizados, he hũ circulo de luzes, que lhes cinge, e coroa a cabeça". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 292). **2:** "Resplandor (nimbo, auréola, glória, coroa), círculo de luz na pintura, de metal (ouro, prata) na plástica, em volta da cabeça das pessoas divinas e santas ou de seus símbolos (leão de S. Marcos). A arte cristã adoptou o nimbo como símbolo de supremacia". (RÕWER, 1947, p. 199). **No manuscrito:** "Huma Imagem deS. Joaõ Baptista Com resplandor deprata". (Fl. 6r, l. 23).

{6r-23, 26, 29}.

REUERENDO (19) [Reverendo]. **1:** "Reverendo. Titulo honorifico, que se dà a Ecclesiasticos, assim Seculares, como Regulares. Reverendissimo se dà a Cardeaes, a Abbades, e Géraes de Ordens Religiosas, etc". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 314). **No manuscrito:** "ReuerendoDoutor Joze de Andrada eMorais". (Fl. 5v, l. 17).

{5v-17; 8r-11, 14, 16; 8v-6, 9, 36; 9r-19; 12v-19, 30, 31, 35; 13r-4, 7, 14, 17, 24, 25, 26}.

REVERENDO (2) - {12v-17, 21}.

REZA (1) [Reza]. **1:** "Rêza. O que alguem costuma rezar por sua devoção, ou de obrigação". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 322). **No manuscrito:** "Tres ta(b)oas duas emq̃. Sepoem os editais, ehuma emq̃. está afo= | lhina da reza". (Fl. 6v, l. 29-30).

{6v-30}.

RITUAL ROMANO (1) [Ritual Romano]. **1:** "Ritul. O livro, que ensina o modo, e ordem das sagradas ceremonias da administração dos Sacramentos em hũa Diocesi, ou Ordem Religiosa [...]". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 347). **2:** "Ritual romano, livro ilitúrgico editado em 1614 e aumentado por Bento XIV, em 1752, para o uso dos simples sacerdotes e que contém os ritos a observar na administração dos Sacramentos, nas bênçãos e outras funções como exéquias, procissões e exorcismos. Desde o XI século existia um grande número de Rituais (obsequiai e, manuale, agenda) de carácter privado, feitos pelos sacerdotes para seu próprio cômodo".

(RÕWER, 1947, p. 201). **No manuscrito:** “Hum ritual Romano”. (Fl. 5v, l. 6).

{5v-6}.

ROZETA (1) [Roseta]. **1:** “Roseta. Pequena bola, chea de biquinhos à roda, como as dos açoutes dos disciplinantes”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 380). **No manuscrito:** “Sinco rozetas p.ª os Vidros daLampad a”. (Fl. 5r, l. 7).

{5r-7}.

S s

SACHRISTAÕ (13) [Sacristão]. **1:** "Sancristaõ. O que tem à sua conta os paramentos de hũa Igreja, e tudo o que se guarda numa Sancristia". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 467). **2:** "Sacristão (do l. *sacristanus*), empregado que tem a seu cargo o trato de uma igreja: limpeza, ornamentação, conservação dos paramentos e alfaias e que ajuda ao sacerdote nos actos do culto. Nas igrejas catedrais e colegiadas um dos cônegos costumava ser o sacristão-mor. Como dignidade capitular dava-se-lhe o nome de custos ou thesaurarius". (RÕWER, 1947, p. 205). **No manuscrito:** "elogo pelo mesmoSachristaõ | Ma noel Per.ª dePinho". (Fl. 8r, l. 26-27).
{1r-8; 5v-22, 31, 33; 6r-14; 8r-24, 26; 8v-13, 15, 19; 12v-37, 42, 45}.

SACHRISTIA (5) [Sacristia]. **1:** "Sancristia. O lugar onde se guardão os ornamentos, e prata de huma Igreja". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 467). **2:** "Sacristia (l. *Sacristia* e, às vezes, *sacrarium*, *secretarium*, *salutatorium*), dependência contígua à Igreia, geralmente ao lado do presoiténo (até à idade média também dentro da igreja) para os ministros se vestirem e para a conservação dos paramentos e alfaias. Servia antigamente também para a guarda do Santíssimo. (V. Armanum), para as audiências do Bispo ou para receber os cumprimentos (por isto salutatorium) do clero, antes da Missa. (RÕWER, 1947, p. 205). **No manuscrito:** "Huma Imagem do menino IESVS depáo q̃. Seacha naSachristia". (Fl. 6r, l. 27).
{6r-21, 27; 6v-13, 26; 7v-40}.

SACRA (3) [Sacra]. **1:** "Sacra. He a taboasinha, ou cousa semelhante, que se põem no meyo do Altar, com as palavras da consagraçaõ, a Gloria, o Credo, etc. para ajudar a memoria do Sacerdote no Sacrificio da Missa. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 421). **2:** "Sacras, os três quadros com orações, que se colocam sobre a mesa do altar, diante da banqueta e, a do meio, diante do tabernáculo ou ao pé da cruz, durante a Missa sòmente. Destes o do meio (l. tabella secretarum) é prescrito e está em uso desde meados do XVI século. Chamavam-no sacra porque entre as orações destaca-se em tipo maior a sacra consecrationis formula = a fórmula santa da consagração. Os outros quadros datam do século imediato. As sacras têm por fim ajudar a memória do celebrante, porque as orações são rezadas de cor e as cerimônias impedem o olhar para o Missal". (RÕWER, 1947, p. 205). **No manuscrito:** "huã Sacra doAltar Mor". (Fl. 12r, l. 11).

{4r-20; 11v-9; 12r-11}.

SACRARIO (8) [Sacrário]. **1:** "Sacrario. Deriva se de *Sacrarium*, que no tempo da Gentilidade Romana era o lugar do Templo, em que se guardavaõ as cousas concernentes aos sacrificios. Segundo outros, era o lugar cercado de grades, em que no tempo do sacrificio, só o Sacerdote podia entrar com os mais Ministros. Entre nòs Sacrario sua porta, onde está o

Santissimo Sacramento no vaso das Particulas, ou na Custodia". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 422). **2:** "Sacrário. (V. Tabernáculo, Piscina, Sacristia)". (RÕWER, 1947, p. 205). **No manuscrito:** "HumSacrario dourado, ear madocomquatrocolumnas". (Fl. 4v, l. 37).

{3r-33; 3v-18; 4v-37; 6r-36; 6v-2, 22; 7r-37; 7v-39}.

SALVA (2) [Salva]. **1:** "Salva. A peça de ouro, prata ou outra materia, sobre que se serve ao senhor o vaso, em que ha de beber". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 456). **No manuscrito:** "Tres salvas pequenas deprata". (Fl. 4v, l. 16).

{4v-16; 12r-38}.

SANGUINHO (3) [Sanguíneo]. **1:** "Sanguinho, ou Sanguineo. O panninho com que se alimpa, e purifica o caliz. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 475). **2:** "Sanguinho (l. *purificatorium*, *absfersorium*, *extersorium*), paninho de linho, duas vezes dobrado ao longo, geralmente com cruzinha no meio e frequentemente com renda estreita nas extremidades, para o celebrante enxugar a boca e dedos depois da segunda ablução na Missa e em seguida o interior do cálice". (RÕWER, 1947, p. 210). **No manuscrito:** "Quarentaeseis Sanguinhos com renda". (Fl. 4r, l. 9).

{4r-9, 10; 7v-32}.

SANTISSIMO (1) [Santíssimo]. **1:** "O Santissimo. Por antonomasia, he o Santissimo Sacramento do Altar, porq̃ neste Sacramento se encerra a santidade essencial, e o proprio Autor da santidade. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 482). **No manuscrito:** "expor o Santissimo com seopavilhaõdeGalassê com dezanove borlas". (Fl. 3v, l. 4).

{3v-4}.

SANTOS OLEOS (3) [Santos óleos]. **1:** "Os Santos Oleos, saõ os que com as devidas ceremonias se benzem Quinta feyra de Endoenças, e com elles se ungem os fieis em algũs Sacramentos. No Bautismo se unge a cabeça, na Confirmação a testa, na Santa Unçaõ as partes do corpo, em que residem os cinco sentidos, e que podiaõ ser instrumentos do peccado. Na sagração dos Bispos, o Bispo consecrante depois de formar huma cruz no meyo da coroa com o Santo Oleo, unge toda a coroa, etc". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 55). **No manuscrito:** "Tres ambolas pequenas p.a os Santos oleos deprata". (Fl. 4v, l. 15).

{3v-9; 4v-15; 6v-28}.

SE (9) [Sé]. **1:** "See, ou Sê. Deriva-se do nome Latino *Sedes*, que quer dizer Cadeyra, e como nas Igrejas as cadeyras dos Prelados, ou Bispos, e Arcebispos dellas eraõ mais levantadas, que as dos outros Ecclesiasticos, soy chamada Sé a Igreja Cathedral, em que de ordinario reside o Bispo. Até a Igreja se S. Pedro de Roma se chama A Santa Sé Apostolica". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 545). **2:** "Sé, Igreja da, catedral, porque nela se acha a sede (trono) do Bispo". (RÕWER, 1947, p. 211). **No manuscrito:** "Ar | Cipreste damesma Se eBispado e Prouezor". (Fl. 8r, l. 14-15).

{5v-18, 22; 8r-15, 17, 21; 8v-5, 10, 12; 11v-

16}.

SÉ (2) - {5v-35; 6r-12}.

SÊ (1) - {4r-29}.

SINO (1) [Sino]. **1:** "Sino. Instrumento concavo, de metal sonoro, com badalo interiormente suspenso, em distancia igual circunferencia. Chama-se sino do Sinal, que faz para os Christãos acudirem aos Templos, quando se celebrão os Officios Divinos; e na bayxa Latinidade foy chamado Campana, da Provincia de Campania, ou terra de Lavor no Reyno de Napoles". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 658). **2:** "Sino. Do l. *signum*. V. Campana". (RÕWER, 1947, p. 216). > "Campana (l. *nola*, *campana*, *clocca*, *signum*), sino na torre da igreja. Atribui-se frequentemente a S. Paulino, Bispo de Nola, na Campanha, no V século, o primeiro emprego dos sinos para o culto. Dizem que daí vêm os nomes nola para o sino grande e campana para o sino menor". (RÕWER, 1947, p. 57). **No manuscrito:** "HumSino pequeno q̃. está na torre da parte esquerda". (Fl. 6v, l. 31).

{6v-31}.

SOBREPELIZ (1) [Sobrepeliz]. **1:** "Sobrepelliz. Vestidura Ecclesiastica de panno de linho, e varia, segundo as Provincias. Ordinariamente a Sobrepelliz em Portugal he hũa veste como hum capuz, comprida, sem mangas, e que igualmente desce dos hombros por todas as partes até os pés". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 678). **2:** "Sobrepeliz (l. *superpellicium*, it. *cotta*), veste branca e ampla, de linho ou algodão, com mangas largas, ou meio largas, para ser, usada sobre a batina ou hábito religioso, por todos os clérigos, nos quais substitui a alva na administração dos sacramentos, nas procissões e outras ocasiões semelhantes. Sua origem data do XI século, e era usada, pelos coristas, no inverno, sobre um manto de pele, o que originou seu nome. A princípio descia até ao chão como é de ver nas pinturas daquela época. Quando, no século XIV deixou de ser apenas veste do coro, foi-se encurtando sempre mais, até chegar ao tamanho de hoje, chegando até o joelho mais ou menos e com mangas de 60 a 70 cm. de comprimento". (RÕWER, 1947, p. 216). **No manuscrito:** "DozeSobrepeli(z)es com mangas derenda". (Fl. 4r, l. 12).

{4r-12}.

Tt

TIZOURA (1) [Tesoura]. **1:** "Tesoura, usa o Bispo em conferir a tonsura eclesiástica". (RÕWER, 1947, p. 220). **No manuscrito:** "HumaTizoura comcabos deprata p.ª aprima tonçura". (Fl. 4v, l. 20).
{4v-20}.

TOALHA (14) [Toalha]. **1:** "Toalha (l. *tobalea*, *mappa*, *linteamen*) i) do altar, que deve ser de linho, cobrir toda a mesa e descer em ambos os lados até ao chão. Para a celebração da S. Missa exigem-se três, mas basta que a superior tenha as dimensões indicadas. Cobrir o altar com linho, para a celebração do Santo Sacrifício, era uso já no III século. Não era sómente por decência e respeito; mas, porque o altar representa a Cristo, via-se nas toalhas a mortalha de N. Senhor na sepultura, razão que explica o tamanho pelo menos da toalha superior. [...] ii) da Comunhão, toalha branca, não necessàriamente de linho, que, segundo prescreve o Missal (Rit. serv. in celebr. Missre X, 6), O ministro deve estender diante dos que recebem a S. Comunhão. Frequentemente acha-se presa à mesa da Comunhão". (RÕWER, 1947, p. 222). **No manuscrito:** "duas toalhas grandes com rendap.ªacomunhaõ". (Fl. 3v, l. 30).

{3v-23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30; 7v-20, 21, 23, 24, 25, 41}.

TONÇURA (1) [Tonsura]. **1:** "Tonsúra. Ceremonia Ecclesiastica, e o primeiro grao para Clerigo, por mão do Bispo, que com algũas orações, e bençãos, corta parte do cabello ao sogeito, que se dedica ao serviço da Igreja. Tonsura he ceremonia Ecclesiastica, estabelecida na Igreja por tradiçao dos Apostolos". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 201). **2:** "Tonsura clerical i) a coroa dos clérigos do Rito latino, ii) cerimônia pela qual o candidato entra no estado clerical e goza desde então os privilégios do mesmo. A tonsura pode ser conferida em qualquer dia e a qualquer hora pelos Cardeais Bispos, Abades, Vigários e Prefeitos Apostólicos; mas quando se tratar de um tonsurado não súbdito, são necessárias, como nas ordenações, as letras dimissórias. O rito da tonsura compreende os seguintes actos: Versículo com oração; antífona com o salmo XV Conserva me, durante o qual o Bispo corta com uma tesoura alguns cabelos da cabeça, isto é, na frente, por detrás, nos dois lados e no meio, enquanto o tonsurado diz: *Dominas pars haereditatis meae, et calicis mei: tu es, qui restitues haereditatem meam mihi*; oração; antífona com o salmo *XXIII Domini est terra*; oração com bênção sobre o candidato; vestição da sobrepeliz; oração e pequena admoestação ao tonsurado de não perder os privilégios de clérigo por sua culpa e de agradar a Deus por bons costumes e boas obras. Desde o dia da tonsura o clérigo traz a coroa raspada". (RÕWER, 1947, p. 223). **No manuscrito:** "HumaTizoura comcabos deprata p.ª aprima tonçura". (Fl. 4v, l. 20).

{4v-20}.

TOXEYRO (5) [Tocheiro]. **1:** "Tocheira.

Especie de castiçal grãde, ou qualquer figura de pao, ou de outra meteria com castiçal, para nelle assentar hũa tocha". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 185). **2:** "Tocheiro, grande candelabro para tocha". (RÕWER, 1947, p. 222). **No manuscrito:** "HumToxeyro depaô dourado". (Fl. 5r, l. 8).

{5r-6, 8, 22, 23; 7v-38}.

TRONO (2) [Trono]. **1:** "Trono, i) sede do Bispo na igreja para as funções pontificais; ii) lugar onde fica exposto o SS. Sacramento. Nos altares de construção moderna, o trono acha-se geralmente em cima do tabernáculo e tem a forma de um nicho ou de um cibório, isto é, de um teto (baldaquino) que repousa sobre quatro colunas. Nas igrejas antigas costuma-se fazer a exposição, quando for para muito tempo, no trono dentro do retábulo, onde se acha a imagem do padroeiro, que então deve ser removida; iii) construção de degraus dentro do rectábulo para a imagem do padroeiro". (RÕWER, 1947, p. 225-226). **No manuscrito:** "Hum Trono douradocomquatrocolunnas". (Fl. 4v, l. 35).

{4v-35; 5r-4}.

TUMBA (1) [Tumba]. **1:** "Tumba. Deriva-se do Grego *TonBos*, que significa Sepulchro". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 324). **2:** "Tumba (l.). (V. *Catafalco* e *Sarcófago*)". (RÕWER, 1947, p. 226) > "Catafalco ou eça (l. *tumba*, *castrum doloris*), armação coberta de crepe, com velas em seu redor, erguida no corpo da igreja, na qual, como que representando o esquife; o celebrante dá a absolvição depois da Missa pelo falecido e em outras ocasiões". (RÕWER, 1947, p. 64). **No manuscrito:** "HumpanodeTumba do mesmo". (Fl. 3r, l. 29).

{3r-29}.

TUNICELLA (5) [Tunicela]. **1:** "Tunicella. He a que veste o Bispo entre a alva, e a vestimenta. São duas as Tunicellas Episcopaes, hũa he mais cõprida que a outra". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 326). **2:** "Tunicela, túnica superior do subdiácono, hoje em tudo igual à dalmática do diácono, da qual é a imitação desde a sua origem no VI século. Era antigamente, como a dalmática, uma túnica branca de linho ou algodão, sem cíngunlo, descendo ate aos calcanhares, mas mais estreita do que a dalmática e também sem o adorno dos cravos. Chamavam-na túnica estreita ou dalmática menor. [...] Simboliza a tunicela, como a dalmática, a salvação, a alegria espiritual e· a justiça de santidade. Sua fazenda não deve ser necessàriamente seda ou setim, embora seja costume; na cor se conforma com a prescrita para a respectiva função". (RÕWER, 1947, p. 226). **No manuscrito:** "Duas Tunicellas da mesma melaniaeguarnição". (Fl. 1r, l. 19).

{1r-19; 1v-3, 20, 33; 2r-12}.

TURIBOLO (1) [TURÍBULO]. **1:** "Thuríbulo. Deriva se do Latim *Thus*, *Thuris*, Incenso. He o vaso, em q́ se deyta incenso, para incensar nas Igrejas o que manda a Rubrica". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 159). **2:** "Turíbulo (do l. *thus* = incenso), ou incensório, vaso de metal ou prata para as incensações litúrgicas. Consta de um receptor para a caçoula, o qual geralmente tem pé baixo, e o tampo perfurado. Ambos estão pendurados de

correntes, das quais as três presas nos cantos do receptor passam por um orifício angular do tampo e estão argoladas numa empunhadura; a corrente presa no centro do tampo corre dentro de um orifício da empunhadura, permitindo o levantar e o descer do tampo. Muitas vezes o turíbulo tem formas estilizadas. Acompanha-o a naveta com colherinha. Está o turíbulo em uso em todos os Ritos. Outra forma de turíbulo conhecida na antiguidade, mas hoje só no Oriente, é a de um receptor com caçoula só, a ser colocado no chão. (RÕWER, 1947, p. 227). **No manuscrito:** "Hum Turibolo enaveta". (Fl. 12v, l. 7).

{12v-7}.

TURIBULO (1) - {12r-27}.

Vv

VEO (13) [Veu]. **1:** "Veo. Panno, que serve de encobrir hũa cousa, paraque não fique patente à vista. [...] Veo do Calix. O panno de seda, ou de outra materia, com que se cobre". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 412). **No manuscrito:** "Hum VeodecustodiadeGalassêbrancadeouro com rendado mesmo". (Fl. 3v, l. 6).
{1v-9; 3v-6; 7v-8, 17; 10r-20, 22, 34, 36; 10v-2, 16, 26, 42; 11r-5}.

VEÔ (6) - {1r-25; 1v-24, 37; 2r-32; 2v-11; 3r-10}.

VÊO DE HOMBROS (5) [Veu de ombros]. **1:** "Véu de ombros, um pano, de 60 cm. de largo e 2,50 m. de comprido, de seda branca, mais ou menos ricamente ornado no centro e nas pontas, colocado sobre os ombros e com fecho sobre o peito, com cujas extremidades o sacerdote segura a custódia ao dar a bênção com o Santíssimo, ou com que cobre a âmbula para o mesmo fim ou para transportá-la, quando, por exemplo, leva publicamente o viático". (RÕWER, 1947, p. 230). **No manuscrito:** "Hum vêodehombros de cetim com guarniçaõ de retros". (Fl. 2r, l. 29).

{2r-29; 2v-8, 28; 3r-12; 7r-7}.

VEO DE HOMBRO (1) - {10r-16}.

VESTIMENTA (10) [Vestimenta]. **1:** "Vestimenta. As vestiduras sacerdotaes para celebrar". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 459). **No manuscrito:** "Duas Cazulas ouvestimentas brancas preparadas guarnecidas". (Fl. 11v, l. 5).

{7r-21, 25; 10r-19, 33, 43; 10v-15, 24, 41; 11r-4; 11v-5}.

VIATICO (1) [Viático]. **1:** "Viatico. Deriva se di verbo Latino, antiquado, *Viare*, que significava Caminhar, e he o que os Gregos chamão *Ephodion*, isto he, tudo o que o caminhante leva para a jornada, quer mantimento, quer dinheiro. A Igreja primitiva applicava a palavra *Viaticum*, ou *Ephodion* a todos os Sacramentos, particularmente ao Sacramento do Bautismo, porque este he a via ordinaria para entrar na Christandade, e o Sacramento da Eucaristia, porque abre o caminho para a vida eterna. Hoje entre nòs viatico he o Corpo de Christo sacramentado, que se toma no fim da vida, ou a Cõmunhão, que se dà ao doente com perigo de morte; e chama se assim, por servir como de Viatico para passar ao outro mundo". (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 469). **2:** "Viático (l. *Viaticum*, de via = caminho), a S. Comunhão administrada a quem se acha gravemente doente, como conforto espiritual no caminho para a eternidade. Para o viátiéo não vigora a lei do jejum natural, como não há restrição quanto ao tempo de administra-lo". (RÕWER, 1947, p. 232). **No manuscrito:** "Hum relicário deprata m.to pequeno, eantigo, q̃. Servi(o) delevar oVia= | tico aos enfermos". (Fl. 6v, l. 3-4).

{6v-3}.



onsiderações finais

"Persuade tibi hoc sic esse ut scribo:
quaedam tempora eripiuntur nobis,
quaedam subducuntur,
quaedam effluunt".[34]
(Sêneca, Cartas a Lucílio)

[34] Tradução nossa: Convence-te de que é assim como te escrevo:
Certos tempos / momentos são arrancados de nós,
Alguns são roubados,
Outros escampa-se de nós / passam por nós.

O trabalho que propusemos realizar surgiu do contato que tivemos com o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* em uma das nossas várias idas ao Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira. Com essa pesquisa foi possível, amparados por diversas teorias e metodologias, fazer um registro da língua portuguesa presente no *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*, bem como fazer uma investigação sobre parte da história da Catedral de Mariana no período de 1749 a 1753.

A descrição histórica realizada no primeiro capítulo dessa dissertação teve como principal função colaborar com a descrição extrínseca do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Todo texto é marcado por um tempo e por situações de produção específicas. Analisar, portanto, qualquer manuscrito sem dar conta do contexto histórico que o permeia, torna-se praticamente impossível.

Já as análises codicológica e paleográfica (Capítulo 2) nos permitiram fazer uma descrição intrínseca do manuscrito. Esse tipo de descrição tem por objetivo registrar as principais características do material e da escrita da fonte analisada, além de contribuir com a preservação dela.

Outro fator que contribui com a preservação de um manuscrito é a proposição de edições. A edição aqui apresentada foi feita com critérios claros de servir aos Estudos Linguísticos. Contudo, por ser uma edição conservadora, realizada por meio de regras claras, pode servir também a quaisquer outras pessoas que, por algum motivo, se interessarem. Vale destacar também que, ao apresentarmos a edição diplomática acompanhada da edição fac-similar, permitimos que o leitor realize uma comparação entre os dois tipos.

Por se tratar de um documento formal de registro do patrimônio da igreja principal do primeiro bispado mineiro e por acreditar que esse documento foi, redigido pelas "mãos hábeis" de um eclesiástico, aventamos a hipótese de que o manuscrito teria uma escrita regular no traçado, respeitando, assim, a pautação, e sem muitas rasuras. Por meio das análises codicológica e paleográfica que realizamos, foi possível confirmar essa hipótese. Extrapolando o manuscrito que analisamos, além das questões já mencionadas, defendemos também o argumento de que a ocorrência de poucas rasuras e de uma escrita de traçado mais regular se deve ao fato de se tratar de um livro preparado para receber as cópias dos inventários da Catedral de Mariana. Esse argumento tem sua justificativa em

algumas características já apontadas como, por exemplo, a mesma rubrica no canto superior direito de todos os fólios do livro.

Como segundo objetivo de trabalho, elaboramos um glossário dos termos litúrgicos encontrados no *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Esse material vem se somar às outras obras lexicográficas e permitirá aos pesquisadores de fontes eclesiásticas investigarem termos desconhecidos dessa esfera social. Sobre a história da língua do texto, só conhecemos apenas a parte que ficou registrada no suporte material e que não foi perdida ao longo do tempo.

O glossário aqui apresentado possui um escopo muito maior que a época da escrita do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Isso porque, no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana (1749-1904)*, há um processo de saturação lexical, ou seja, os itens lexicais começam a se repetir muito. Isso acontece porque se trata de um livro que registra os objetos litúrgicos de uma mesma igreja, a catedral da (arqui)diocese de Mariana. Trata-se de um contexto muito fechado, seja por questões físicas ou pela forte tradição litúrgica da Igreja Católica. Vale destacar, contudo, que, ao logo do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* (consequentemente, do tempo), os itens lexicais levantados podem ir sofrendo variações e mudanças. Essas questões, entretanto, não foram objeto de nossa análise, mas ficam de incentivo para pesquisas futuras. Reforçamos, pois, algo já mencionado por Duchowny *et al.* (2015, p. 10): "[...] nos estudos até então feitos sobre a língua de Minas Gerais e sua história social, os trabalhos lexicográficos ainda demandam atenção, embora se saiba que estes constituem importantes fontes de caracterização linguística e cultural de uma comunidade [...]".

No glossário, optamos por apresentar as definições de cada item lexical segundo duas obras lexicográficas (*Vocabulário Português e Latino* e *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*). Inicialmente, acreditávamos que apresentar duas definições sobrecarregaria muito o nosso glossário com informações repetidas. Contudo, ao compararmos as duas definições de alguns itens, verificamos que, embora algumas sejam redundantes, outras são complementares. O item *Âmbula*, por exemplo, é definido por Bluteau (1712-1728, v. 1, p. 329) apenas como "vaso pequeno de vidro, ou cristal", uma definição bem genérica. É na definição apresentada por Rõwer (1947, p. 23), para esse mesmo item, que encontramos uma acepção relacionada à esfera litúrgica: "[...]

cálice maior ou menor, conforme as necessidades, com tampa, para a conservação e distribuição das sagradas hóstias aos fiéis na Santa Comunhão [...]". A consulta às duas obras lexicográficas também foi importante pelo fato de alguns itens lexicais não terem sido encontrados em uma delas, *e.g.*, *Apagador*. Ainda assim, dois itens lexicais, *Izope* e *Pedestal*, não foram encontrados nas obras consultadas com sentido religioso. Nesses casos, optamos por registrar esses itens, em nosso glossário, seguidos apenas da abonação e das localizações desses itens na edição diplomática que aqui apresentamos, mas sem nenhuma definição.

Outro ponto importante da consulta às duas obras lexicográficas foi a possibilidade de informar alguns dados etimológicos dos itens lexicais que compõem o nosso glossário. Essas informações, embora não sejam foco da nossa pesquisa (que não é quantitativa), nos permitem verificar, mesmo que de forma superficial, que a grande maioria dos itens lexicais levantados são de origem latina ou grega. Em trabalhos futuros, pretendemos levantar a datação dos itens lexicais registrados no glossário que elaboramos. Uma consulta rápida ao *Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval*, de Antônio Geraldo da Cunha, nos permitiu verificar que alguns itens aqui levantados já são atestados no século XV.

Para finalizar, não poderíamos deixar de reforçar a importância dos manuscritos para as pesquisas linguísticas. Pesquisar um registro de língua do passado só é possível por meio desses materiais que, por muitas vezes, são deixados de lado a mercê das intempéries naturais, dos papirófagos e até do furto. Um dos itens do formulário de candidatura do Programa Memória do Mundo da UNESCO e justamente reservado para se demonstrar a falta que o manuscrito faria caso fosse perdido. Nesse sentido o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* é indispensável para a memória religiosa, social e cultural da região de Minas Gerais, como atesta a própria chancela de Memória do Mundo.

Como trabalhos futuros, pretendemos continuar investigando bens documentais variados, sobretudo os eclesiásticos. Pretendemos, também, disponibilizar a edição e o glossário que aqui apresentamos com fonte para outras pesquisas. Por meio da edição conservadora, por exemplo, é possível levantar diversos fenômenos linguísticos da época de escrita do manuscrito, além de diversos outros dados relevantes a diferentes áreas do

conhecimento. Já no nível lexical, uma outra possibilidade seria a estruturação dos termos litúrgicos levantados em campos lexicais, o que permitiria um agrupamento em forma de rede totalmente diferente do agrupamento alfabético.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. *In*: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos. (Orgs.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil colônia:* um guia para leitura de manuscritos. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1994.

ALMADA, Márcia. *Das artes da pena e do pincel:* caligrafia e pintura em manuscritos no século XVIII. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

ANDRADE, Francisco Eduardo de. *A invenção das Minas Gerais*: empresas, descobrimentos e entrada nos sertões do ouro da América portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica; Editora PUC Minas, 2008.

ANTHONY, Laurence. *AntConc (Windows, Macintosh OS X, and Linux)*: Build 3.2.4, 2011. Disponível em: http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/. Acesso em: 12 out. 2018.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Paris: Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 1968. (Estudo crítico de Andrée Mansuy).

ARNOULD, Jean-Marie. Le centre de Sablé. *In*: NORTIER, Michel. (Dir.). *Études sur la bibliotheque nationale et témoignages:* réunis en hommage à Thérèse Kleindienst. Paris: Bibliothèque Nacionale, 1985. (Tradução de Aloisio Arnaldo Nunes de Castro).

AZEVEDO-SANTOS, Maria José. *Assina quem sabe e lê quem pode*. Leitura, transcrição e estudo de um rol de moradias da Casa de D. Catarina de Áustria (1526). Coimbra: Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2004.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *In*: ALVES, Ieda Maria. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*, 2 ed. São Paulo: FFLCH/ CITRAT, 2001. p. 23-45. (Cadernos de Terminologia, 1).

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. *Vocabulário de Eulálio Motta*, 2017. 360 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (Tradução de Júlio Castañon Guimarães).

BASTOS, Rodrigo Almeida. O barroco, sagrado e profano – o regime retórico das artes em Minas Gerais no século XVIII. *In*: STARLING, Heloisa Maria Murgel; CARDIA, Gringo; ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; MARTINS, Bruno Viveiros. (Orgs.). *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 162-177.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BLANCO, Ricardo Román. *Estudos paleográficos*. São Paulo: Laserprint, 1987.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino:* aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1. Acesso em: 25 de jun. 2018.

BOSCHI, Caio César. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. *In*: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Orgs.). *História de Minas*: As Minas Setecentistas. Vol. II. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 59-75.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995. Não paginado. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/567/568. Acesso em: 15 nov. 2018.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMÊLLO, Roque. *Mariana* – assim nasceram as Minas Gerais: uma visão panorâmica da História. Belo Horizonte: Nitro, 2016.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas. *In*: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Orgs.). *História de Minas*: As Minas Setecentistas. v. II. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 77-107.

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. *A trajetória histórica da conservação-restauração de acervos em papel no Brasil*. Juiz de Fora: Editora UFJF; FUNALFA, 2012.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999. (Tradução de Reginaldo de Moraes).

COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonca. A busca linguística em sincronias pretéritas do português: questões metodológicas. *Revista Caletroscópio*, v. 3, n. 5, 2016. p. 11-32. Disponível em: https://www.caletroscopio.ufop.br/index.php/caletroscopio/article/view/61/45. Acesso em: 05 dez. 2017.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP). *Introdução Geral ao Missal Romano*, Secretariado Nacional da Liturgia, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Cerimonial dos Bispos*. São Paulo: Paulus, 2008.

COPPOLA, Soraya Aparecida Álvares. *Costurando a memória*: o acervo têxtil do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana, 2005. 220 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval*. Fascículo-Amostra. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

DORES, Marcus Vinícius Pereira das; DUCHOWNY, Aléxia Teles. Denominações do eclesiástico católico no português das Minas Gerais setecentistas. *Caligrama:* Revista de Estudos Românicos, v. 23, n. 2, 2018. p. 75-98. Disponível em: http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.23.2.75-98. Acesso em: 27 nov. 2018.

DUCHOWNY, Aléxia. Teles; COELHO, Sueli Maria; COELHO, Guilherme Henrique. Sistema de abreviaturas de documentos adamantinos setecentistas. *Revista Letras*, n. 90, 2014. p. 233-252. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36430. Acesso em: 12 out. 2018.

DUCHOWNY, Aléxia. Teles; FIGUEIREDO, Bárbara Magalhães; LONGO, Daniela Santos; COELHO, Sueli Maria. *Vocabulários de compromissos e estatuto adamantinos:* Ordem Terceira de São Francisco (1778), Irmandade de Nossa Sra. do Amparo (1782), Irmandade do Santíssimo Sacramento (1785). São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2015. Disponível em: http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_9.pdf. Acesso em: 08 dez. 2018.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. Critérios de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 10-11, 2009. p. 237-262. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p237-262. Acesso em: 12 out. 2018.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. "Escreve bem quem sabe e assina quem pode": produção e circulação de manuscritos no Brasil colonial. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 37, 2014. p. 213-232. Disponível em: https://doi.org/10.18309/anp.v1i37.781. Acesso em: 10 out. 2018.

FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *Tradterm*, v. 7, 2001. p. 11-40. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49140. Acesso em: 19 fev. 2019.

FERNANDES, Raymundo Nonato. *Minas: a formação da Consciência*. *O Dia de Minas*, Belo Horizonte: Lemi, 1991.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas:* manuscritos dos séculos XVI ao XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e vilas d'el Rei* - Espaço e poder nas Minas setecentistas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FONSECA, Cláudia Damasceno. Funções, hierarquias e privilégios urbanos: a concessão dos títulos de vila e cidade na Capitania de Minas Gerais. *Varia Historia*. Belo Horizonte, n. 29, 2003. p. 39-51. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572b577aab48deef05784d3a/1462458234464/02_Fonseca%2C+Claudia+Damasceno.pdf. Acesso em: 04 maio 2018.

FULGÊNCIO, Lúcia. *Montando um dicionário:* como definir?. *In*: ABBADE, Celina Márcia de Souza; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. (Orgs.). *Entre a palavra, o discurso e o texto:* caminhos filológicos. Curitiba: Appris, 2016, p. 57-79.

FURTADO, Júnia Ferreira. História do espetáculo mineiro no século XVIII. *In*: STARLING, Heloisa Maria Murgel; CARDIA, Gringo; ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; MARTINS, Bruno Viveiros. (Orgs.). *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 70-79.

GIFFONI, Luís. *Dom Frei Manoel da Cruz*. Belo Horizonte: Pulsar, 2008.

HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. *La lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HALLIG, Rudolf; WARTBURG, Walther von. *Begriffssystem als grundlage für die lexikographie; Versuch eines Ordnungsschemas*. Neu bearbeitete und erweiterte Auflage. Berlin: Akademie Verlag, 1963.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Não paginado. 1 CD-ROM.

IGLÉSIAS, Francisco. Encontro de duas culturas: América e Europa. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 6, n. 14, 1992. p. 23-37. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141992000100003. Acesso em: 04 maio 2018.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio*. v. 4, n. 3, 2006. p. 141-147. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6000. Acesso em: 01 nov. 2018.

KRIEGER, Maria da Graça. Divulgação científica e terminologia. Anais do V Simpósio Internacional de Estudo de Gêneros Textuais. Caxias do Sul: Edcs, 2009. Não paginado. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/divulgacao_cientifica_e_terminologia.pdf. Acesso em: 01 nov. 2018.

LANDAU, Sidney. *Dictionaries:* the art and craft of lexicography. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LEMAIRE, Jacques. *Introduction à la codicologie*. Louvain-La-Neuve: Université Catolique de Louvain, 1989 *apud*. CAMBRAIA, 2005, p. 26.

LEONI, Aldo Luiz. *Copiador de algumas cartas particulares do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, Bispo do Maranhão e Mariana (1739-1762)*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

LINO, Maria Teresa; CHICUNA, Alexandre Mavungo; GRÔZ, Ana Pita; MEDINA, Daniel. Neologia, terminologia e lexicultura a língua portuguesa em situação de contacto de línguas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 12, n. 2, 2010. p. 187-201. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v12i2p187-201. Acesso em: 01 nov. 2018.

LOSE, Alícia Duhá; TELLES, Célia Marques. Qual edição e o que editar. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 18, n. 2, 2017. p. 271-293. Disponível em: http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1863/pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; LOPES, Célia Regina dos Santos; BASTOS, Mário Jorge da Motta; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. *Filologia, história e língua:* olhares sobre o português medieval. São Paulo: Parábola, 2018.

MARTÍN GARCÍA, Alfredo. Clero y cultura letrada en el León de la Edad Moderna: la biblioteca del cabildo catedralicio. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, v. 10, n. 1, 2010. p. 219-237. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14195/1645-2259_10-1_9. Acesso em: 27 nov. 2018.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 20, 1991, p. 59-74. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/issue/view/428. Acesso em: 05 dez. 2017.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*: primeiros estudos. v. 2, t. 2. São Paulo: Humanitas/FFLCH/FAPESP. 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica* – ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida; FACHIN, Phablo Roberto Marchis; MONTE, Vanessa Martins do. Crítica Textual: análise grafemática e pesquisa linguística. *Veredas* – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, v. 1, 2007. p. 127-146. Disponível em: https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/316. Acesso em: 03 dez. 2018.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. *Combinações lexicais restritas em manuscritos setecentistas de dupla concepção discursiva:* escrita e oral, 2008. 716 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MIRA-MATEUS, Maria Helena. Elaboração de glossários: problemas, métodos e técnicas. *In*: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. (Eds.) *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 289-298.

MIRA-MATEUS, Maria Helena; VILLALVA, Alina. *O essencial sobre linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos. *In*: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena. (Orgs.). *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: FCL-UNESP, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 159-188.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 7-12.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; ALVES, Célio Macedo. *Barroco e Rococó nas igrejas de Sabará e Caeté*. Brasília: Iphan, 2018.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana*. Brasília: Iphan; Programa Monumento, 2010.

PAGLIONE, Camila Zanon. *Glossário Visual de Conservação:* Um Guia de Danos Comuns em Papéis e Livros. São Paulo: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2017.

PAULA, Maria Helena de. *Rastros de velhos falares:* léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

PIRES, Maria do Carmo. *Juízes e Infratores:* o Tribunal Eclesiástico do Bispado de Mariana (1748-1800). São Paulo: Annablume/Fapemig, 2008.

RACHI, Sílvia. *Por mãos alheias:* usos da escrita na sociedade colonial. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2016.

RODRIGUES, Flávio Carneiro. *Os Relatórios Decenais dos Bispos de Mariana enviados à Santa Sé*. Mariana: Dom Viçoso, 2005. (Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana).

ROMEIRO, Adriana. *Paulistas e emboabas no coração das Minas*: ideias, práticas e imaginário político no século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RÕWER, Frei Basílio. *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*. Petrópolis: Vozes, 1947.

SACROSANCTUM CONCILIUM. Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Cartas e sonetos de Pedro I e II: cartas da corte. *In*: ABBADE, Celina Márcia de Souza; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. (Orgs.). *Entre a palavra, o discurso e o texto:* caminhos filológicos. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-157.

SANTOS, Patrícia Ferreira dos. O triunfo e o vício: arte e conflito na criação da Sé Catedral de Mariana. *In*: MOLLO, Helena Miranda; SILVEIRA, Marco Antônio. (Orgs.). *Termo de Mariana*: história e documentação, v. 3. Ouro Preto: Editora UFOP, 2010. p. 67-84.

SCHIERHOLZ, Stefan J. Lexicografia de especialidade e terminografia. Tradução de Leonardo Zilio. Revisão de Maria José Finatto. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicogrfia, terminologia. v. VI. Campo Grande: Editora UFMS, 2012. p. 371-396.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*: a toponímia da Região do Carmo, 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Maiune de Oliveira; XAVIER, Vanessa Regina Duarte; PAULA, Maria Helena de. Descrição e análise de termos eclesiásticos em manuscritos goianos dos séculos XVIII e XIX: uma intersecção entre filologia e terminologia. *Raído*, v. 10, n. 24, 2017. p. 53-64. ISSN 1984-4018. Disponível em: http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4918. Acesso em: 05 jun. 2018.

TELLES, Célia Marques. Léxico e edição semidiplomática. *In*: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge. (Orgs.). *Pesquisas sobre léxico:* reflexões teóricas e aplicação. Campinas: Pontes; Cascavel: EDUNIOESTE, 2012. p. 137-158.

TRINDADE, Cônego Raymundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/Ministério da Educação e Saúde, 1945.

TRINDADE, Cônego Raymundo. *Arquidiocese de Mariana*: subsídios para sua história. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953a. 1 v.

TRINDADE, Cônego Raymundo. *Breve noticia dos seminarios de Mariana*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953b.

TRINDADE, Cônego Raymundo. *Arquidiocese de Mariana*: subsídios para a sua história, 2 v. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Marianna e seus Templos*. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner, 1935.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Breviário histórico e turístico da cidade de Mariana*. v. XVII. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947.

VILLALTA, Luiz Carlos. Introdução. *In*: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Orgs.). *História de Minas*: As Minas Setecentistas. v. II. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 19-24.

WOLFF, Danívia da Cunha Mattozo. *Léxico do Discurso Religioso:* um estudo comparado. 2016. 311 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: http://poslin.letras.ufmg.br/defesas/1638D.pdf. Acesso em: 27 nov. 2018.

Anexo

Certificado do Programa MoW da UNESCO.

